



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS APLICADAS
CAMPUS GOVERNADOR ANTÔNIO MARIZ – CAMPUS VII
COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Najara Escarião Agripino

**OS SISTEMAS DE AVALIAÇÃO DO ENSINO BÁSICO BRASILEIRO E QUALIDADE NA
EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE PATOS – PB.**

Monografia

**PATOS
2014**

Najara Escarião Agripino

**OS SISTEMAS DE AVALIAÇÃO DO ENSINO BÁSICO BRASILEIRO E QUALIDADE NA
EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE PATOS – PB.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em
Administração da Universidade Estadual da Paraíba
como, requisito parcial para obtenção do título de
Bacharelado em Administração.

**ORIENTADORA: MSC. MONIQUE
FONSECA CARDOSO**

PATOS

2014

UEPB - SIB - Setorial - Campus VII

A279s Agripino, Najara Escarião.

Os sistemas de avaliação do ensino básico brasileiro e qualidade na Educação: um estudo de caso no Município de Patos - PB [manuscrito] / Najara Escarião Agripino. – 2014.

145 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

“Orientação: Profa. Msc. Monique Fonseca Cardoso, Coordenação de Administração”.

1. Educação de Qualidade. 2. Gerencialismo. 3. IDEB. 4. Avaliação. I. Título.

21. ed. CDD 373.2

Najara Escarião Agripino

**OS SISTEMAS DE AVALIAÇÃO DO ENSINO BÁSICO BRASILEIRO E QUALIDADE NA
EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE PATOS – PB.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em
Administração da Universidade Estadual da Paraíba como,
requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em
Administração.

Aprovado em: 27/02/2024.
Banca Examinadora

Monique Fonseca Cardoso

Msc. Monique Fonseca Cardoso
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Orientadora

Ayalla Cândido Freire

Msc. Ayalla Cândido Freire
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Avaliador 1

Janine Vicente Dias

Msc. Janine Vicente Dias
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Avaliador 2

Aos meus professores e amigos de curso,
turma 2009.1 que estiveram ao meu lado nessa
caminhada, por todo o amor e apoio durante
esse tempo em que passamos juntos. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer aos colegas de turma, pelos anos de companheirismo e amizade, com vocês aprendi o sentido real das palavras gentileza e solidariedade. Muito obrigada por estarem ao meu lado durante esse período e pela imensa contribuição para que eu me tornasse uma pessoa melhor.

À minha orientadora Monique Cardoso por me auxiliar na conclusão de mais essa etapa da minha vida, sem a sua ajuda, esse trabalho não seria possível.

Aos amigos Rubens Fernandes, Janete Andrade, Geraldo Cesário, Pauliana Diniz, Amanda Leite, Paulo César, Mikaely Ferreira e Rilane Torres por toda a generosidade de vocês.

À amizade e o apoio de colegas que ao longo dessa etapa se tornaram verdadeiros companheiros, Alison Lucena, Kelliany Angelim, Janice Santos, Ana Perla, Leiliane Pereira e Samuel Araújo.

À todos os mestres por todo o empenho e dedicação para que nos tornássemos grandes profissionais, em especial Milena Bezerra, Eunice Ferreira, Elias Dias, Rosângela Figueiredo, Amanda de Jesus e Josenildo Galdino.

Agradeço aos companheiros de Centro Acadêmico e DCE, por juntos termos alcançado a realização de grandes projetos, em especial Messias Ramos, Samyr Xavier, Davi Monteiro, Petrucio Cezário, José Guedes, Jéssica Cavalcante, Fiana Cavalcante, Tarciana Abrantes e Thuane Mikaella.

Ao meu chefe e colegas de trabalho Marcelo Feitosa, Ana Alice, Waggner Jane, Paulo Roberto, Victor Érick, Creiverson Magalhães, Alessandro Alexandre, Iraídes Galdino, Kíria Daniely.

À todos os educadores que contribuíram com a realização da pesquisa.

À banca examinadora, Janine Dias e Ayalla Freire pelas contribuições.

E a todos que direta ou indiretamente se fizeram importantes nessa fase da minha vida e na conclusão desse sonho.

À vocês, meu muito obrigado.

A educação é a mais poderosa arma pela qual se pode mudar o mundo.

Nelson Mandela

RESUMO

Nos últimos vinte anos, a discussão sobre a melhoria da qualidade da educação vem ganhando relevância, à medida que o Gerencialismo vem se estabelecendo na administração pública brasileira. Neste contexto, os sistemas de avaliação da educação surgem como ferramenta para traçar um panorama da atual situação da educação pública e tentar sanar as dificuldades enfrentadas nesse campo, a fim de alcançar uma educação de qualidade, promovendo a equidade e o acesso ao conhecimento. Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é entender de que forma a avaliação do desempenho da educação básica mensurada via IDEB, tem contribuído para a efetiva qualidade da educação básica em escolas do município de Patos – PB. Para isso, utilizou-se como base o estudo dos índices de desenvolvimento da educação básica, documentos da UNESCO e as informações disponibilizadas pelo MEC/INEP. Metodologicamente, a pesquisa trata-se de um estudo de múltiplos casos desenvolvida com os anos finais de quatro escolas de ensino fundamental da rede municipal de ensino da cidade de Patos. Quanto à sua tipologia, a pesquisa foi classificada como descritiva, e utilizou abordagem qualitativa. Os dados coletados foram provenientes de técnicas como a análise documental, observação e a entrevistas, realizadas com professores, gestores e Secretaria da Educação. A análise de dados foi desenvolvida através da técnica de análise de conteúdo com grade mista. Os resultados apontam que embora os investimentos e incentivos destinados à melhoria da qualidade da educação tenham aumentado, ainda há muito que se fazer para alcançar a qualidade desejada, especialmente nas instituições de ensino público.

Palavras Chave: Educação de Qualidade, Gerencialismo, IDEB, Avaliação.

ABSTRACT

Over the past twenty years, the discussion on improving the quality of education is gaining relevance as Managerialism has established itself in Brazilian public administration. In this context, the evaluation systems of education emerge as a tool to give an overview of the current state of public education and try to remedy the difficulties faced in this field in order to achieve a quality education, promoting equity and access to knowledge. In this sense, the goal of this research is to understand how the performance evaluation of basic education measured via IDEB, has contributed to the effective quality of basic education schools in the city of Patos - PB. For this, we used as a basis to study the rates of development of basic education, UNESCO documents and information provided by MEC / INEP. Methodologically, the research characterized by a multiple case study developed with the final four years of elementary schools in the municipal schools in the city of Patos. As for his typology, the research was classified as descriptive and qualitative. Data were derived from techniques such as documentary analysis, observation and interviews with teachers, managers and secretariat of Education. Data analysis was carried out using the technique of content analysis with mixed grill. The results show that although investments and incentives to improve the quality of education has increased, there is still much to be done to achieve the desired quality, especially in public education institutions.

Keywords: Quality Education, Managerialism, IDEB, Evaluation.

LISTAS

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Médias atingidas pelas escolas entrevistadas no ano de 2011..... 10

Tabela 2 Sujeitos entrevistados 10

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

SAEB _ Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

MEC _ Ministério da Educação

PDE _ Plano de Desenvolvimento da Educação

IDEB _ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB _ Lei de Diretrizes e Bases da Educação

INEP _ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira”

PISA _ Programme for International Student Assessment

OCDE _ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PDDE _ Programa Dinheiro Direto na Escola

AEE _ Atendimento Escolar Especializado

FIP _ Faculdades Integradas de Patos

IFPB _ Instituto Federal da Paraíba

PNAE _ Programa Nacional de Alimentação Escolar

OSCIP _ Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

PPA _ Plano Pluri Anual

UAB _ Universidade Aberta do Brasil

PIBID _ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

FUNDEF _ Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

FUNDEB _ Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica

UEPB _ Universidade Estadual da Paraíba

PAR _ Planos de Ações Articuladas

EJA _ Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA	13
1.2 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO.....	15
1.3 OBJETIVOS	16
1.3.1 OBJETIVO GERAL	17
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 O GERENCIALISMO NO SETOR PÚBLICO BRASILEIRO	18
2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS	21
2.2.1 Políticas Públicas para a Educação Básica.....	23
2.3 QUALIDADE NA EDUCAÇÃO	29
3. METODOLOGIA	33
3.1 TIPO DE PESQUISA	33
3.2 COLETA DE DADOS E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	34
3.3 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS	36
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	38
4.1 ÍNDICES DE AVALIAÇÃO	38
4.2 AS AVALIAÇÕES NAS ESCOLAS ESTUDADAS	47
4.3 CRITÉRIOS PARA A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO	49
4.3.1 Dimensão Pedagógica	49
4.3.2 Dimensão Diversidade Social e Cultural.....	56
4.3.3 Dimensão Econômica	67
4.4 CONTRIBUIÇÃO DAS AVALIAÇÕES PARA A QUALIDADE NO ENSINO.....	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXO A	91
ANEXO B	93
APÊNDICE A	94
APÊNDICE B	96
APÊNDICE C	98

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou estudar o principal método de avaliação do ensino básico brasileiro da atualidade, de forma a entender como tal método têm contribuído para a melhoria da qualidade do sistema educacional em escolas do município de Patos-PB.

A seguir, serão apresentados o problema proposto e o contexto onde o estudo se aplica, assim como a justificativa para a realização do trabalho, e os objetivos geral e específicos. Mais adiante, serão expostos no referencial teórico os principais métodos de avaliação da educação básica, seguidos da apresentação da metodologia proposta para o estudo.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA

Durante o Governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, foi intensificada a implementação de planos de reforma do Estado brasileiro, os quais propuseram a transformação da Administração pública nacional de burocrática em gerencialista, focada principalmente na gestão da qualidade dos serviços oferecidos aos cidadãos (BRESSER, 1998).

Os objetivos da reforma eram encontrar meios que pudessem solucionar a crise fiscal, contribuir com a elaboração de estratégias para redução de custos, tornar a administração dos serviços públicos mais eficientes, e proteger os direitos e o patrimônio público. Em resumo, a reforma do Estado deveria promover a qualidade dos serviços públicos e apor às exigências do cidadão (BRESSER, 1998). Propunha-se a aproximar as esferas pública e privada, cada um com suas características, exigências e interesses, visando melhorar o gerenciamento e a prestação de serviços sociais. O setor público também deveria se tornar competitivo, e assim como as empresas privadas, centrado na eficiência da prestação de serviços (MOREIRA NETO, 1998).

Para tanto, serviços ligados a direitos providos pelo Estado, como saúde, educação e segurança, deixariam de ser exclusividade estatal, passando a ser ofertados preferencialmente pelo setor privado. A ideia vigente era que essa mudança tornaria tais serviços mais eficientes, à medida que menos burocratizados e mais voltados para resultados.

Nesse contexto, a partir da década de 1990, quando se iniciou a reforma do sistema educacional no Brasil, defendeu-se que existia a necessidade de monitorar e acompanhar o desempenho da educação, a exemplo de programas já em vigor nos EUA e Europa (XAVIER, 1996). Assim, foi criado o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o qual tinha a função de identificar as deficiências do ensino público e contribuir com a elaboração de estratégias que solucionassem tais problemas.

No entanto, a consolidação do sistema de avaliação parece não coincidir com a melhoria efetiva da qualidade. Estudos indicam que ainda são muitas as dificuldades enfrentadas pelo sistema de ensino do país, ligadas à capacitação e valorização dos professores, a necessidade de mais recursos, assim como evitar os desperdícios e monitorar a forma como estão sendo gastos esses recursos (SILVA, 2011 e TERTO; PEREIRA, 2012).

Existem também os fatores extraescolares, como os de natureza socioeconômicos, os impactos da violência sobre a escola e as próprias transformações ocorridas na estrutura familiar, assim como as lacunas nos currículos escolares (CASTRO, 2007).

Além disso, há ainda problemas referentes a grupos populacionais específicos, como a população do campo, mulheres, afrodescendentes, assim como diferenças regionais, como, por exemplo, a média de escolaridade das regiões, onde no Sudeste é de 8,2 anos, enquanto na região Nordeste é de 6,3 (BRASIL, 2014a).

Desse modo, o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) vem sendo utilizado como ferramenta do Governo para observar a educação ofertada no país e a realidade de cada escola do território nacional, com o intuito de identificar quais as dificuldades enfrentadas pelas escolas e quais estratégias devem ser utilizada para superá-las.

A meta que se busca é que todas as séries do ensino básico brasileiro atinjam níveis educacionais de países desenvolvidos até 2022. Para isso, o IDEB calcula a média de qualidade de cada escola submetida ao exame, avaliando a aprendizagem dos alunos de anos finais e iniciais do ensino fundamental (habilidades em leitura e matemática) e a realidade de cada escola (infraestrutura, matrícula, evasão, aprovação e corpo docente). É estabelecida uma meta de evolução para o país e cada Estado da federação, nos anos iniciais do ensino fundamental a meta é chegar a 6 pontos; para alunos dos anos finais do ensino fundamental a meta é de 5,5 pontos e para o ensino médio é de 5,2 pontos (BRASIL, 2014h).

Em 2011, o Brasil superou as metas estabelecidas, mas quando se realiza uma análise fragmentada, é possível observar que os resultados ainda são desiguais 39% dos municípios e 44,2 % das escolas encontram-se abaixo da meta estabelecida. A região

Nordeste é a que apresenta os índices mais baixos do IDEB nos anos finais, e a região Sudeste foi a que apresentou o melhor desempenho (BRASIL, 2014h).

A Paraíba é um estado que ainda enfrenta grandes dificuldades no setor educativo _ como analfabetismo, distorção idade-série e evasão escolar. Todavia, desde o ano de 2007 vem ultrapassando as metas projetadas pelo IDEB. No entanto, o Estado ainda se encontra muito abaixo da média nacional. Além disso, no ano de 2010, 45,8% de suas escolas não alcançaram a média estabelecida pelo MEC para esse período. Desse modo, questiona-se a adequação dos índices individuais dos municípios e escolas, os quais podem não pormenorizar suas deficiências enquanto nível estadual, sendo suas deficiências conhecidas apenas através de seus resultados particulares (SILVA, 2011). No Anexo A, é possível conferir as médias alcançadas pelo Estado e município em estudo e as metas traçadas pelo IDEB e fazer a comparação com a média nacional.

Já no que diz respeito à própria aplicação dos métodos de avaliação, existem ainda grandes discussões em torno do IDEB. Alguns julgam que esse indicador não pode ser considerado para avaliar a qualidade do ensino. A crítica que se faz gira em torno dos perigos da busca obcecada por melhores resultados nos rankings nacionais e estrangeiros (TERTO; PEREIRA, 2012), transformando as escolas em espaços de preparação para exames onde o aprendizado estaria posto em segundo plano. E dessa forma, haveria ainda uma motivação dos alunos para memorizarem modelos de resolução de questões que provavelmente estariam nos exames governamentais de responsabilidade do SAEB, quando na verdade a prioridade deveria estar na forma de aprendizagem desses alunos (SILVA, 2011).

Diante desse cenário, esta pesquisa se propõe a discutir o seguinte problema: Como os sistemas de avaliação do desempenho da educação básica em vigor na atualidade têm contribuído para a qualidade do ensino básico no Município de Patos – PB?

1.2 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

O Brasil trás na sua história grandes transformações em seu sistema político e econômico. Avançando em relação às crises financeiras e administrativas ganhando maior visibilidade mundial, como um país de grande futuro.

Apesar desses grandes avanços econômicos a qualidade da educação brasileira não acompanhou esse desenvolvimento, tendo evoluído muito pouco ao longo desse período,

o que pode ser facilmente constatado pelos resultados apresentados pelas avaliações internacionais. Conforme o Programme for International Student Assessment– PISA, e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE (CASTRO, 2007), onde o Brasil vem ocupando o 58º lugar no ranking mundial da Educação (Brasil, 2013b).

Assim, as justificativas prática e social deste trabalho se dão pela necessidade de conhecer a eficácia dos sistemas de avaliação do ensino básico e os impactos positivos e negativos desses sistemas na educação pública brasileira, mais especificamente nas instituições de ensino, a fim de contribuir com sugestões que possam trazer soluções para o progresso educacional e melhoria da sociedade brasileira.

Como também, o trabalho busca entender a implementação dos sistemas de avaliação da educação básica no Brasil, além dos resultados alcançados por meio da sua aplicação. A fim de contribuir através do estudo e pesquisa para o preenchimento das lacunas teóricas ainda existentes sobre a intensificação do controle via avaliação da gestão escolar, e suas implicações para a qualidade efetiva do ensino.

No que diz respeito às justificativas pessoais, o estudo pretende satisfazer inquietações com relação às dificuldades ainda enfrentadas pela educação no Brasil. Como estudante e interessada nas causas sociais, percebo que muitas mazelas ainda vividas pelo nosso povo, se dá em virtude da sua ignorância que permite que ainda vivamos sob uma cultura servil, que tem no sucateamento da educação um forte aliado para a alienação do povo brasileiro. A partir deste trabalho, pretendo satisfazer minha sede de conhecimento sobre o nosso contexto educacional e contribuir com a melhoria da educação brasileira, para que esta, oferecida de forma correta, crítica e cultural, possa contribuir para o avanço do país e melhoria da qualidade de vida, melhor distribuição de renda e oportunidades para a população.

1.3 OBJETIVOS

Diante do problema apresentado, fez-se necessária a elaboração dos seguintes objetivos para orientação da pesquisa:

1.3.1 Objetivo Geral:

Entender de que forma a avaliação do desempenho da educação básica mensurada via IDEB tem contribuído para a efetiva qualidade da educação básica em escolas do município de Patos - Paraíba.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Descrever como funcionam os índices de avaliação do desempenho da educação básica no Brasil, com foco no IDEB;
- Identificar como são aplicadas as avaliações do IDEB nas escolas em estudo;
- Avaliar qualitativamente a qualidade do ensino básico nas escolas pesquisadas, com base nas categorias indicadas pela UNESCO;
- Comparar a qualidade avaliada ao resultado das avaliações realizadas através do IDEB;
- Analisar de que forma as avaliações vem contribuindo para a melhoria da qualidade educacional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Sendo os programas de avaliação um tema de grande pertinência a ser discutido no âmbito educacional, é necessária a realização de um breve percurso histórico que permita conhecer o início do estabelecimento desses programas e entender o porquê de virem ganhando força ao longo dos últimos anos.

Nesse sentido, o presente referencial teórico buscou revisar conceitos e estudos que falem sobre o Gerencialismo no setor público, políticas públicas educacionais, e qualidade na educação.

2.1 O GERENCIALISMO NO SETOR PÚBLICO BRASILEIRO

As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por episódios de transformação estrutural do sistema de gestão da política brasileira, como por exemplo, a campanha das “Diretas já”; a eleição indireta de Tancredo Neves; a instauração da Nova República; as eleições para a Constituinte; a campanha para a Presidência da República; o impeachment de Collor e a eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso e a sua tentativa de implantar o Gerencialismo na Administração Pública (GROS, 2003).

A Administração Pública Gerencial surgiu no então governo de Fernando Henrique Cardoso, como um meio de enfrentar a crise do Estado; solucionar a crise fiscal; reduzir os custos; proteger o patrimônio público e tornar a administração dos serviços prestados pelo Estado mais eficientes (BRESSER, 1998).

Nesse contexto, a Administração Gerencialista apresenta como principais características, segundo Bresser (1998): a orientação para o cidadão e resultados; a descentralização e incentivo à criatividade e inovação; a utilização do contrato de gestão como instrumento de controle sobre os gestores públicos; a delegação de autoridade, onde devem ser definidos claramente os setores operados pelo Estado, as competências e as modalidades de administração adequadas para cada setor.

Assim, pode-se dizer que são quatro os setores que compõem os Estados modernos: os núcleos estratégicos, as atividades exclusivas, serviços não exclusivos e o setor de produção de bens e serviços.

Os núcleos estratégicos são formados pelo parlamento, tribunais, presidente ou primeiro-ministro, por seus ministros e cúpula dos servidores civis, como também as autoridades locais, nos quais se definem a lei, as políticas e o “modo de, em última instância, as fazer cumprir”. Em casos onde o sistema é federal, os governadores e seus secretários, além de alta administração pública estadual, também compõem o núcleo (BRESSER, p. 33, 1998).

O segundo setor são as atividades exclusivas, que envolvem o poder de Estado e são compostas pelas forças armadas, polícia, agência arrecadadora de impostos, agências de financiamento, fomento e controle dos serviços sociais e seguridade social. É de competência das atividades exclusivas garantir o cumprimento e financiamento das leis e políticas públicas (BRESSER, 1998).

O terceiro setor corresponde aos serviços não exclusivos, que são todos os serviços considerados de ordem competitiva, que podem ser oferecidos pelo setor privado e público não estatal. Nele estão compreendidos os serviços de educação, saúde, cultura e pesquisa científica. O quarto setor é aquele que se refere ao setor de produção de bens e serviços e, que são formados por empresas estatais (ibid).

Isso implica dizer, conforme afirma Marinela (2010), que na Administração Pública Gerencial, a administração dos serviços públicos não será exclusividade do Estado, mas dividida com entidades criadas pela própria sociedade, como as sociedades de economia mista, entidades paraestatais, fundações de apoio, serviço social de autônomo, organizações sociais, entidades do terceiro setor e Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPS).

Essa reforma, também trouxe impactos para os gestores os quais tiveram de se submeter a avaliações de desempenho, bem como de realizar a prestação de contas para o controle das finanças em busca da eficiência e eficácia gerencial. Essas medidas foram fundamentadas na Emenda Constitucional nº19/1998, na qual estão dispostos os princípios e normas da gestão pública, norma respaldada na Lei de Responsabilidade Fiscal (SOUZA, 2012).

Paralelamente às reformas promovidas no Brasil, ainda durante a década de 60 e nos anos que se seguiram, as mobilizações sociais ocorridas pela reforma do país, deram origem também, a vertente da qual se originou a administração pública societal. A vertente societal se baseou em questões sociopolíticas, enfatizando principalmente a participação social e estruturação de um projeto político que proporcionasse rever o modelo de desenvolvimento brasileiro, a estrutura do aparelho de Estado e o paradigma de gestão. Desse

modo, os movimentos sociais concentravam suas reivindicações na cidadania e no fortalecimento do papel da sociedade civil como protagonista das decisões políticas do país (PAES DE PAULA, 2005).

A proposta era permitir maior participação social na formulação e implementação das ações públicas. Entretanto, as manifestações das vertentes societal ainda permanecem fragmentadas e locais, fazendo-se necessária a criação de arranjos institucionais que proporcione a organização da participação pública nas diferentes esferas governamentais (PAES DE PAULA, 2005).

Todos esses fatores que contribuíram para a redemocratização do país deram a sociedade voz ativa e participação em suas transformações, relação que era impensada em décadas atrás, o Estado governaria não mais para si ou para o rei, mas para o cidadão, como afirma Moreira Neto (1998).

Diante desse cenário, as políticas públicas ganharam força apresentando-se como norteadores das ações governamentais e das regras e procedimentos para as relações entre a sociedade e o poder público. Durante as fases do processo de execução das políticas públicas, especialmente em seus resultados, são traduzidas as formas de exercício do poder político que envolve a distribuição e redistribuição de poder, o papel do conflito social no processo decisório e a repartição de custos e benefícios sociais (TEIXEIRA, 2002).

Neste sentido, seguindo o ponto de vista teórico-conceitual, a política pública e a política social são compreendidas como campos multidisciplinares com foco nas explicações sobre a natureza da política e seus processos, que repercutem na economia, sociedade e nas inter-relações entre Estado, política, economia e sociedade. Após serem desenhadas e formuladas, as políticas públicas tornam-se planos, programas, projetos, bases de dados ou sistema de informação e pesquisas. Ao serem postas em prática, ficam submetidas a sistemas de acompanhamento e avaliação (SOUZA, 2006). Mais adiante, é detalhado o que são políticas públicas e apresentado o ciclo que dá origem as suas ações.

2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS

O conceito de políticas públicas surgiu como conhecimento e disciplina no meio acadêmico nos Estados Unidos como uma análise sobre as ações do Estado e suas instituições. Na Europa, as políticas públicas surgem como um entendimento sobre o papel do

Estado e das suas mais importantes instituições, entendendo o governo como principal gerador de políticas públicas. Na área governamental, as políticas públicas foram introduzidas como ferramenta de decisões na Guerra Fria e como meio de enfrentamento às consequências da tecnocracia que vinha se fortalecendo (SOUZA, 2006). Desse modo, Souza define políticas públicas como sendo:

[...] o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real (SOUZA, 2006, p.26).

Para Secchi (2010) ela pode ser definida como sendo uma orientação à passividade ou atividade de um indivíduo, sendo assim, a política pública possui dois elementos fundamentais: intencionalidade pública e resposta a um problema público, ou seja, o tratamento ou a resolução de um problema de relevância coletiva.

A verdade é que não existe um consenso a cerca da definição de políticas públicas. No entanto, ela pode ser resumida como sendo diretrizes das ações do poder público, por meio da adoção de regras e procedimentos que norteiam as relações entre atores sociais e Estado (TEIXEIRA, 2002) para a conquista das transformações necessárias ao bem estar social (SOUZA, 2003).

Assim, para elaboração e implantação de políticas públicas e especialmente para obtenção de resultados mais incisivos nas suas ações, se faz necessária uma forma de poder que requer a distribuição e redistribuição de competências, envolvendo a participação de diversos atores sociais nos seus processos de decisão e elaboração. Nesse sentido, tanto a participação do setor privado e especialmente da sociedade civil são de fundamental importância para a publicização das discussões a cerca dos gastos com recursos públicos e da minimização dos conflitos de interesses existentes entre os setores públicos e privados, contribuindo assim, para a transparência das ações praticadas pelo poder público (TEIXEIRA, 2002).

Tendo em vista o que são políticas públicas e a sua importância para solucionar os problemas que preocupam a sociedade civil, é preciso entender os principais passos que acarretam na sua elaboração, o chamado Ciclo de Políticas Públicas. Na divisão tradicional de ciclo político, as propostas mais comuns para as fases de implementação das políticas, são a formulação, implementação e controle dos impactos das políticas. No entanto, Frey (2000) aponta a visão analítica como a mais pertinente, subdividindo as fases do ciclo político em

percepção e definição de problemas, ‘agenda-setting’, elaboração de programas e decisão, implementação de políticas e, finalmente, a avaliação de políticas e a eventual correção da ação.

Na fase da percepção e definição de problemas, os eventos podem ser percebidos como um problema político tanto por grupos sociais isolados como por políticos ou administração pública. No entanto, do ponto de vista analítico, um problema só poderá ser transformado em um problema político após a constatação de sua relevância política administrativa (WINDHOFF-HÉRITIER, 1987 apud FREY, 2000);

Na agenda setting é determinado se um tema deve ser efetivamente inserido na pauta política atual ou se deve ser excluído ou adiado para uma data posterior. Durante a elaboração de programas e decisões será preciso escolher a alternativa de ação mais apropriada, geralmente, a instância de decisão responsável decide pelo programa de compromisso que antecipadamente já havia sido negociado entre os atores políticos mais relevantes (FREY, 2000). Já na fase de implementação de políticas é onde a ação será implementada. Ela pode ser definida segundo Secchi (2010) como a fase que sucede o processo de decisão e que antecede os primeiros esforços avaliativos.

Na avaliação de políticas e a eventual correção da ação, os programas já implementados serão apreciados, no intuito de analisar os seus “déficits” de impactos e os “efeitos colaterais” indesejados, a fim de deduzir as consequências para futuras ações e programas. Após apreciação, caso seja constatado a eficiência do programa, será decidido sobre a sua suspensão ou encerramento. Caso contrário, se for constatado que o programa não conseguiu alcançar seus objetivos, será decidido sobre a iniciação de um novo ciclo ou a modificação do ciclo anterior (FREY, 2000).

O presente trabalho encontra-se baseado em políticas voltadas para a avaliação da qualidade do ensino básico, ou seja, políticas com enfoque na avaliação do efeito final das políticas educacionais: a qualidade do ensino ofertado. Nesse sentido, vale ressaltar essa última fase do ciclo e sua importância para o bom funcionamento das políticas em andamento.

A avaliação de uma política pública abrange a definição de critérios, indicadores e padrões. Os critérios são utilizados para fundamentar o avaliador de parâmetros para julgar se a política tem cumprido o seu papel ou não. Os principais critérios utilizados para uma avaliação são: a economicidade (utilização de recursos); eficiência econômica (recursos usados e produtividade); eficiência administrativa (seguimento de determinações); eficácia (alcance das metas) e equidade (distribuição de benefícios) (SECCHI, 2010).

Os critérios funcionam por meio de indicadores, artifícios criados para medir input (entradas do sistema), output (produtividade de serviços e produtos) e resultado (efeitos da política pública). Já os padrões servem como referência para os indicadores. Os principais tipos são padrões absolutos, metas qualitativas/quantitativas; padrões históricos, valores ou descrições alcançados anteriormente e que facilitam a comparação; e padrões normativos, metas qualitativas ou quantitativas estabelecidas com base em benchmark ou standart ideal (SECCHI, 2010, p.50-p.51).

Assim, a partir de 1988, os desafios para solucionar os problemas relacionados à educação foram formalmente inseridos na agenda de políticas públicas do governo, a partir da Constituição Federal (SOUZA; BARRANCOS, 2011). Entre as diversas políticas educativas existentes no Brasil, o presente trabalho está voltado às políticas para a educação básica.

2.2.1 Políticas Públicas para a Educação Básica

O primeiro Plano Nacional de Educação (PNE) foi criado no ano de 1962, elaborado pela primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – a Lei nº 4.024, de 1961. Nesse período, o PNE despontava apenas como uma iniciativa do Ministério da Educação e Cultura (MEC), na forma de um conjunto de metas a serem atingidas no prazo de oito anos. Três anos mais tarde, em 1965, o Plano passa por uma revisão na qual são introduzidas normas descentralizadoras e estimuladoras para elaboração de planos estaduais. No ano seguinte, em 1966, mais uma revisão foi realizada com o título de Plano Complementar de Educação, onde foram introduzidas importantes alterações na distribuição de recursos federais, beneficiando a implantação de ginásios disponibilizados para o atendimento de analfabetos acima dos dez anos. Em 1967, surge à ideia de tornar o PNE lei, uma iniciativa do MEC, discutida em quatro Encontros Nacionais de Planejamento, no entanto, a ideia não chega a se concretizar (BRASIL, 2001).

Somente, cinquenta anos mais tarde, com a Constituição Federal de 1988, renasceu a ideia de um plano nacional de longo prazo, com a finalidade de atribuir estabilidade às iniciativas governamentais para a área da educação. Porém, a Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases, nos seus artigos 9º e 87º, estabelecem que a União, em colaboração com os Estados, Municípios e Distrito Federal, tem a incumbência de elaboração do Plano e, encaminhamento deste por parte da União ao Congresso Nacional, um ano após a publicação

da LDB, com metas e diretrizes para os dez anos seguintes, em acordo com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos. Em 1998, o Poder Executivo encaminha ao Congresso Nacional a Mensagem 180/98 que institui o PNE por meio do Projeto de Lei nº 4.173 (BRASIL, 2001).

No ano de 2007, visando solucionar as lacunas deixadas pelo PNE referentes às questões de qualidade da educação, o MEC lança o Plano de Desenvolvimento da Educação – o PDE. Esse também traz na sua estrutura características de um plano executivo, contendo em si, um conjunto de programas que visam dar continuidade às metas quantitativas do PNE. Entretanto, no que diz respeito à qualidade, possui uma visão sistêmica da educação e sua relação com a ordenação territorial e o desenvolvimento sócio econômico. O PDE apresenta uma concepção de educação em acordo com os objetivos constitucionais da República Federativa do Brasil, segundo os quais os sistemas educacionais precisam estar unificados em um sistema nacional que implica na multiplicidade e não na uniformidade desses sistemas (BRASIL, 2012a).

Desse modo, o PDE encontra-se fundamentado na necessidade de enfrentar estruturalmente as desigualdades de oportunidade educacional e de reduzi-las, promovendo, assim, um arranjo educativo com menores desigualdades sociais e regionais, a fim de alcançar a equidade. Para tal, o PDE se sustenta em seis pilares: I – visão sistêmica da educação; II – territorialidade; III – desenvolvimento; IV – regime de colaboração; V – responsabilização e VI – mobilização social (BRASIL, 2013a, p. 11). Podemos dizer assim, que o PDE funciona como um plano executor de ações que tende a unificação dos sistemas educacionais, a superação das desigualdades existentes nesses sistemas, o fim das diferenças geográficas na oferta do ensino, a promoção da equidade e a facilitação do acesso à educação por todos os cidadãos brasileiros, distribuídos em quarenta programas.

Nesse sentido, tendo como base a LDB, PNE, PDE e PPA, o Brasil estabelece algumas políticas direcionadas para a melhoria da qualidade da Educação Básica e superação de suas deficiências. Sendo assim, a seguir serão apresentadas as metas estabelecidas para cada plano.

Entre os principais programas de ações do Plano de Desenvolvimento da Educação em execução para a Educação Básica (BRASIL, 2012a) estão:

Formação de professores e piso salarial nacional – a formação e valorização dos professores é um dos principais pontos do PDE. Neste sentido, o PDE promove o desenvolvimento de iniciativas que garantam valorização aos profissionais da educação, assim como o comprometimento da União com a formação de professores, por meio de programas

como a Universidade Aberta do Brasil – UAB e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID (BRASIL, 2012a).

Financiamento: salário-educação e FUNDEB – Após a substituição do FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério) pelo FUNDEB, o Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica, no ano de 2007, vieram vantagens como: o aumento do comprometimento da União com a educação básica, ampliando o aporte, a título de complementação, de cerca de R\$ 500 milhões para cerca de R\$ 5 bilhões de investimento ao ano. A segunda vantagem diz respeito à instituição de um fundo único para toda a educação básica, financiando assim todas as etapas que compõem a educação básica. Além disso, mais três inovações foram incorporadas ao FUNDEB: a) a diferenciação dos coeficientes de remuneração das matrículas, os quais não se dão mais apenas por etapa e modalidade da educação básica, mas também pela extensão do turno; b) a contemplação das creches conveniadas para efeito de repartição dos recursos do Fundo; e c) a atenção à educação infantil, acompanhada pelo ProInfância, programa que financia a expansão da rede física de atendimento da educação infantil pública (ibid p. 18).

Avaliação e responsabilização: o IDEB – com a reformulação do SAEB no ano de 2005, foi possível suprir a necessidade de um sistema nacional de avaliação que acompanhasse a qualidade do ensino e aprendizagem dos conteúdos e garanta a formação básica, especialmente em língua portuguesa e a matemática. Foi a partir da divulgação dos dados amostrais do SAEB por rede e por escola que aumentou a responsabilidade dos Municípios e Estados sobre a qualidade do ensino na rede pública (BRASIL, 2012a).

O PDE por sua vez, decidiu combinar os resultados do desempenho escolar (Prova Brasil) e os resultados do rendimento (fluxo apurado pelo censo escolar) em um único indicador de qualidade, o IDEB. Dessa forma o censo escolar passou a ser realizado por aluno e não mais por escola, assim, os dados referentes ao fluxo escolar passaram a ser individualizados sobre promoção, reprovação e evasão de cada estudante. A partir do IDEB, calculado por escola, por rede e para o país, foi possível fixar metas de desenvolvimento educacional de médio prazo com metas intermediárias de curto prazo para cada uma dessas instâncias, possibilitando a visualização e o acompanhamento da reforma qualitativa dos sistemas educacionais. Com os dados divulgados pelo IDEB foi possível identificar que os problemas relacionados à qualidade só serão resolvidos se também forem solucionados os problemas da equidade. O IDEB permitiu identificar as redes e escolas públicas mais deficientes, possibilitando desse modo priorizar o atendimento dos municípios e escolas com os indicadores mais baixos (BRASIL, 2012a);

O plano de metas: planejamento e gestão educacional – para esse padrão de relacionamento é necessário à existência de instrumentos jurídicos que permitam o desenvolvimento de um novo regime de colaboração. Um compromisso constituído em diretrizes e consubstanciado em um plano de metas voltadas para a melhoria da qualidade do sistema de ensino. A partir dos resultados da Prova Brasil, divulgados em 2006, dois estudos foram realizados em parceria com organismos internacionais em escolas e redes de ensino de alunos que obtiveram desempenho acima do previsto, consideradas variáveis socioeconômicas (BRASIL, 2012a).

O objetivo desses dois estudos era identificar um conjunto de boas práticas que poderiam ter influenciado no bom desempenho dos alunos. Essas práticas foram traduzidas em 28 diretrizes as quais orientaram o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, programa do PDE. Entre as principais diretrizes estavam: estabelecer como foco a aprendizagem; alfabetização das crianças até, no máximo, os oito anos de idade; acompanhamento de cada aluno da rede individualmente; combate a repetência, por estudos de recuperação ou progressão parcial; combate a evasão; ampliação da jornada; fortalecimento da inclusão educacional das pessoas com deficiência; promoção da educação infantil; instituição do programa de formação e implantação do plano de carreira, cargos e salários para os profissionais da educação; valorização do mérito do trabalhador da educação; fixação de regras claras, considerados mérito e desempenho, para nomeação e exoneração de diretor de escola; promover a gestão participativa na rede de ensino; fomento e apoio aos conselhos escolares (ibid p. 24).

O Plano de Metas agrega ainda novos elementos ao regime de colaboração, dessa forma, garante a durabilidade das ações que o compõem. Convênios unidimensionais e efêmeros dão lugar aos Planos de Ações Articuladas (PAR), planos plurianuais, constituídos com a participação de gestores e educadores locais, fundamentados em diagnósticos de caráter participativo, elaborados a partir da utilização do instrumento de Avaliação do Campo. Isso permite que o diagnóstico e o compartilhamento da análise do sistema educacional sejam feitos em quatro dimensões: gestão educacional, formação de professores e dos profissionais de serviço e apoio escolar, práticas pedagógicas e avaliação e infraestrutura física e recursos pedagógicos (BRASIL, 2012a, p.25).

O PDE permite ainda que o Poder Público atue nas escolas mais fragilizadas com a colaboração do IDEB-Escola, antiga ação do MEC de atuação restrita responsável por auto avaliar e diagnosticar os pontos frágeis de cada escola, e assim, traçar planos estratégicos orientados para quatro aspectos: gestão, relação com a comunidade, projeto pedagógico e

infraestrutura. Com o plano estratégico é possível definir metas e objetivos, bem como identificar a necessidade de aporte financeiro suplementar. Deste modo, o SAEB ganhou contornos de sistema de avaliação que combina, em um primeiro momento, os resultados da avaliação universal de desempenho escolar (Prova Brasil) com o rendimento escolar real (EducaCenso) e o Instrumento de Avaliação de Campo, que não está compreendido no novo SAEB, mas que serve como fonte de dados para o mesmo. Conseqüentemente, o SAEB passa a ser mais que uma ferramenta de avaliação, mas torna-se também um elemento de orientação ao apoio financeiro da União (transparências voluntárias) e ao apoio técnico do MEC para sistemas educacionais (gestão educacional) (BRASIL, 2012a).

Conforme o Plano Plurianual 2012-2015, as principais metas para a educação básica são: a elevação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica dos anos iniciais do ensino fundamental de 4,0 para 4,7 e do ensino médio de 3,6 para 4,3; a redução da taxa de analfabetismo funcional e elevação das taxas de escolarização líquida no ensino médio; a escolarização no ensino fundamental de 9 anos para população na faixa etária de 6 a 14 anos; de frequência à escola para população de 15 a 17 anos e de frequência à escola para população de 0 a 5 anos (BRASIL, 2014a, p. 144).

Já o PNE define como principais projetos para a educação básica no período 2011-2020, indicado pelo Executivo Federal: a) a ampliação da oferta de educação infantil, objetivando o atendimento de 50% da população na faixa etária de 0 a 3 anos. Para isso, serão fundamentais iniciativas como a implantação de creches e pré-escolas direcionadas principalmente às localidades de maior déficit de atendimento, formação de professores, repasses para alimentação escolar e definição de materiais pedagógicos específicos atendendo as especificidades locais e as necessidades de cada público; b) melhoria da qualidade e expansão da educação integral no ensino fundamental, onde será necessário combater a retenção, distorção idade-série, atraso no início da escolarização, repetência e a evasão. Além disso, em grupos específicos como a população campesina, pretende-se enfrentar as dificuldades de acesso e permanência nas escolas; c) quanto à alfabetização de jovens e adultos, o PNE destaca a necessidade de investir em incentivos de retorno desses grupos às escolas e sua continuidade nas etapas de ensino seguintes. Para solucionar esse problema, a União em conjunto com outros entes federados deverá fortalecer a parceria entre a educação de jovens e adultos e o ensino profissional e técnico, além de fornecer outros recursos necessários a fim de criar condições de acesso à educação de qualidade e de permanências desses alunos nas escolas (BRASIL, 2014a).

Nesse contexto é possível entender que o ponto de partida para satisfazer às necessidades básicas de aprendizagem para todos, mediante adoção de medidas de longo alcance, está na mobilização de atuais e novos recursos financeiros e humanos, públicos, privados ou voluntários. Assim, o setor público ocupa um papel de grande importância na mobilização de recursos de todos os órgãos governamentais envolvidos no desenvolvimento humano. Além disso, é de crucial importância um planejamento responsável para a melhor utilização desses recursos e programas. “Satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem poderá vir a exigir uma realocação dos recursos entre setores, como por exemplo, uma transferência de fundos dos gastos militares para a educação.” Dessa forma, é preciso que toda a sociedade civil e atores sociais vejam o investimento na educação como o mais importante para o desenvolvimento de um país (UNESCO, 1998, p.5).

Além disso, as políticas públicas para a educação têm reproduzido a segmentação social, ofertando aos setores de menores rendas, uma educação de qualidade inferior ao oferecido aos setores de médios e altos estratos. São os setores de menor recurso e menores investimentos que possuem maiores índices de repetência, evasão e que apresentam os piores resultados nas avaliações de desempenho. Tudo isso devido ao fato da educação ter se transformado em circuitos segmentados para pobres e ricos, dificultando assim, o desenvolvimento econômico e social do país (UNESCO, 2008).

Conforme apontado, é possível notar que nas últimas décadas o país tem dado um grande salto nos investimentos destinados à educação. No entanto, conforme veremos mais adiante, embora os índices venham aumentando, a realidade da maioria das escolas, em especial as localizadas em regiões menos desenvolvidas, ainda apresentam muitas precariedades. Nesse sentido, podemos concluir que ainda há muito que ser feito no setor educacional, e essas mudanças devem ser realizadas tanto de fora para dentro, como de dentro da própria escola para a comunidade. É nesse contexto que a gestão escolar ganha maior importância e responsabilidade diante da necessidade de mudança do ambiente escolar e desenvolvimento de cidadãos.

Muitos autores passam a questionar se os índices estipulados pelos sistemas de educação são de fato capazes de identificar a qualidade da educação oferecida pelas escolas avaliadas. Tendo em vista que a qualidade educacional não se resume apenas aos desempenhos alcançados nas avaliações escolares ou mesmo nos indicadores socioeconômicos, mas encontra-se em todas as fases do processo educativo (SILVA, 2011). Assim, usando como base os critérios utilizados pela UNESCO, uma educação de qualidade precisa atender entre outras necessidades, a oferta de uma educação qualitativa, a fim de

diminuir o abismo social que existe principalmente nos países em desenvolvimento. Assim, a pesquisa descreverá no tópico seguinte, o que seja uma educação de qualidade seguindo os critérios indicados pela UNESCO.

2.3 QUALIDADE NA EDUCAÇÃO

Alcançar e mensurar a qualidade na educação não é tarefa fácil. Por esse motivo o tema antigo é constante nas discussões por parte dos governantes que por meio de políticas públicas, almejam alcançar a qualidade educacional em seus países. No Brasil, em 2007, o Ministério da Educação lançou o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino. No plano, foi proposta a inserção do cálculo e acompanhamento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o IDEB (AMARAL, 2011), como meio de identificar e controlar a qualidade no desempenho educacional, conforme proposto pela LDB.

Assim, para o melhor entendimento do que seja educação, a LDB a definiu como sendo a aglomeração de processos de formação que se desenvolvem na convivência humana, estando presentes na vida familiar, no trabalho, nas instituições de ensino, nos movimentos sociais, nas manifestações culturais e na própria organização da sociedade civil. Sendo assim “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”, respeitando os padrões mínimos de qualidade do ensino definido como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos imprescindíveis ao desenvolvimento do ensino e aprendizagem (BRASIL, 2010, p. 7.).

Neste sentido a UNESCO (2005), vem afirmar que apesar de ainda existir uma grande discrepância sobre o que seja uma educação de qualidade na prática, a maioria das tentativas de definir qualidade da educação caracteriza-se por dois princípios: o primeiro aponta como principal objetivo de todos os sistemas educacionais o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Já o segundo, enfatiza a promoção dos valores compartilhados em comum e o desenvolvimento criativo e emocional dos educandos.

Ainda segundo a UNESCO (2005), as diferentes abordagens da qualidade da educação estão fundamentadas em distintas tradições do pensamento pedagógico. A corrente humanista, que acredita na bondade essencial do ser humano e que as desigualdades existentes entre eles, advêm de circunstâncias anteriores a suas vindas ao mundo. Para essa

corrente, cada individuo desempenha um papel essencial na definição de sua própria existência. Já o Behaviorismo, influenciou a reforma da educação durante a primeira metade do século XX, afirmando que o comportamento humano possa ser configurado, previsto e controlado por meio de recompensas e reações (por exemplo, teste e exames). No entanto, sociólogos de várias escolas criticam essas duas correntes por acreditarem, que uma boa educação é o fator com o maior potencial para promover a mudança social.

Se nos anos que se seguiram a aprovação da LDB, houve significativos avanços no atendimento escolar, presentes em todos os níveis educacionais, no que diz respeito às informações disponíveis sobre a qualidade do ensino não se podem dizer o mesmo. Mesmo em avaliações de abrangência internacional, são apontadas as deficiências da educação básica brasileira, onde os estudantes brasileiros se posicionaram entre os de pior desenvolvimento, segundo o Programme for International Student Assessment - PISA (CASTRO, 2007).

Neste contexto, Dourado et. al. (2007) afirma que a análise da Qualidade da Educação deve se dar em uma perspectiva polissêmica, sendo necessária uma análise de vários fatores para qualificá-la, destacando a produção, organização, gestão e disseminação de saberes e conhecimentos fundamentais ao exercício da cidadania.

Já para a UNESCO e a OECD (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), para discorrer sobre a qualidade na educação, deve ser utilizado o protótipo insumos-processo-resultados, o que implica dizer que a qualidade da formação é definida em relação aos recursos materiais e humanos nela investidos, definem também a qualidade como sendo os resultados educacionais, representado para o desempenho do aluno (UNESCO, 2003).

Sin embargo, la calidad de la educación es un fenómeno complejo y multifacético y por lo tanto, {...}, requiere ser observada desde varias perspectivas. Desde la perspectiva pedagógica, es importante que exista eficacia en el cumplimiento de los currículos. Desde la perspectiva cultural es preciso que los contenidos partan de las condiciones, posibilidades y aspiraciones de las distintas poblaciones a las que se dirigen. A su vez, del punto de vista social, la educación de calidad cuando contribuye a la equidad mediante la generación de igualdad de oportunidades. Finalmente, en el ámbito económico la calidad adhiere a la eficiencia en el uso de los recursos (UNESCO, 2005, p. 12).

Seguindo essa perspectiva que será adotada para nortear este estudo, serão utilizadas a princípio às categorias que são essenciais segundo a UNESCO (2003) para se alcançar uma educação de qualidade, sendo elas: pedagógica, cultural, social e econômicas.

Do ponto de vista pedagógico, uma educação de qualidade necessita que se desenvolva um currículo condizente com os dilemas enfrentados pela população, proporcionando o alcance do equilíbrio entre o mundial e o local, o que implica dizer,

proporcionar ao indivíduo tornar-se cidadão do mundo e ao mesmo tempo participar ativamente na vida da sua comunidade. Assim como, contribuir para a sua inserção no mercado de trabalho e o seu desenvolvimento pessoal (UNESCO, 2008). A UNESCO (1998) acrescenta ainda que:

É desejável que se aumente a mobilidade dos professores — no interior da profissão e entre esta e as outras profissões — de modo a ampliar a sua experiência. Para poderem fazer um bom trabalho os professores devem não só ser profissionais qualificados, mas também beneficiar-se de apoios suficientes. O que supõe, além dos meios de trabalho e dos meios de ensino adequados, a existência de um sistema de avaliação e de controle que permita diagnosticar e remediar as dificuldades, e em que a inspeção sirva de instrumento para distinguir e encorajar o ensino de qualidade (UNESCO, 1998, p.165).

Nas perspectivas cultural e social, exige-se que se assegure que a educação oferecida seja significativa para todas as pessoas, independente dos diferentes extratos sociais e culturais, sendo flexível e adaptando-se às necessidades e características dos estudantes. Para isso, é necessário que a pedagogia caminhe de homogênea para uma pedagogia da diversidade e otimize o desenvolvimento pessoal e social (UNESCO, 2008).

De acordo com a UNESCO (1998):

O respeito pela diversidade e pela especificidade dos indivíduos constitui, de fato, um princípio fundamental, que deve levar à proscrição de qualquer forma de ensino estandardizado. Os sistemas educativos formais são, muitas vezes, acusados e com razão, de limitar a realização pessoal, impondo a todas as crianças o mesmo modelo cultural e intelectual, sem ter em conta a diversidade dos talentos individuais. Tendem cada vez mais, por exemplo, a privilegiar o desenvolvimento do conhecimento abstrato em detrimento de outras qualidades humanas como a imaginação, a aptidão para comunicar, gosto pela animação do trabalho em equipe, o sentido do belo, a dimensão espiritual ou a habilidade manual. De acordo com as suas aptidões e os seus gostos pessoais, que são diversos desde o nascimento, nem todas as crianças retiram as mesmas vantagens dos recursos educativos comuns. Podem, até, cair em situação de insucesso, por falta de adaptação da escola aos seus talentos e às suas aspirações (UNESCO, 1998, p. 54-55).

Seguindo essa perspectiva, a educação deve considerar a “multiplicidade dos talentos individuais”, estando em consonância com as diversas expressões culturais e o respeito à pluralidade dos distintos grupos sociais (UNESCO, 1998, p. 54 - 55). Assim, um dos princípios que norteiam a qualidade educativa é aquela que tem por objetivo ofertar os recursos necessários para que cada indivíduo tenham as mesmas possibilidades de aproveitar as oportunidades educativas (UNESCO, 2008).

Finalmente, do ponto de vista econômico, a educação precisa atender as necessidades do mercado, onde a procura pela educação voltada para os fins econômicos tem aumentado em todo o mundo. Isso porque a visão internacional percebeu a importância de se

investir no capital humano como o meio mais eficaz para o desenvolvimento da produtividade. Pessoas com habilidades para utilizar as novas tecnologias e com características inovadoras. Para isso, é necessário dispor de um sistema educativo que corresponda a essas necessidades e não somente ofereça a escolarização, mas que contribua para a formação de cientistas, inovadores e quadros técnicos de alto nível (UNESCO, 1998).

De acordo com essas categorias o estudo tentará analisar a qualidade do ensino ofertado aos estudantes da rede pública municipal da cidade de Patos-PB. O presente trabalho se utilizará do estudo de múltiplos casos, que será aplicado em quatro das quarenta e cinco escolas municipais urbanas da cidade e Secretária da Educação, conforme exposto a seguir, na metodologia do trabalho.

3 METODOLOGIA

Tendo em vista o que se define por educação de qualidade e a necessidade de entender de que forma os sistemas de avaliação do desempenho da educação básica tem contribuído para o alcance de um ensino qualificado, o presente trabalho se caracterizará quanto aos procedimentos metodológicos como descritivo, qualitativo e estudo de múltiplos casos.

3.1 TIPO DE PESQUISA:

Quanto aos objetivos, a pesquisa se classifica como descritiva. Já que esta se caracteriza pela utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados, como por exemplo, questionários e a observação sistemática, objetivando traçar o perfil característico de determinada população ou fenômeno ou, por estabelecer relação entre variáveis. Assim, como a pesquisa exploratória, a descritiva é comumente realizada por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São as mais solicitadas por empresas comerciais, partidos políticos, instituições educacionais etc (GIL, 2002).

Com relação aos meios ou procedimentos técnicos utilizados, a pesquisa se caracteriza por estudo de caso, que se trata de uma investigação empírica, podendo incluir tanto estudos de caso único, quanto de casos múltiplos. No estudo de caso são utilizadas muitas técnicas de pesquisas históricas, acrescentando ainda a observação direta e série sistemática de entrevistas, permite também lidar com uma ampla variedade de evidências- documentos, artefatos, entrevistas e observações (YIN, 2003). Assim, o estudo de caso:

[...] investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos [...] A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado; baseia-se em várias fontes de evidências; beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados (YIN, 2003, p.32 - 33).

Quanto à forma de abordagem do problema, a pesquisa pode ser definida como qualitativa, visto que na pesquisa qualitativa são levados em consideração fatores relevantes como os sociais, políticos, ideológicos e técnicos que envolvem o sujeito (NEVES;

DOMINGUES, 2007). Nesse sentido, o trabalho busca analisar as características de melhoria trazidas para a escola após a aplicação dos sistemas de avaliação educacional e as consequências para a vida dos estudantes das escolas pesquisadas.

3.2 COLETA DE DADOS E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Os dados apanhados na pesquisa foram provindos de um estudo de campo realizado através do uso de duas técnicas de coletas de dados, a observação e a entrevista. As duas técnicas escolhidas tiveram como justificativa a possibilidade de permitir a pesquisadora observar e analisar o ambiente onde o estudo se realizou e a possibilidade de enriquecê-lo por meio da liberdade dada aos entrevistados em descrever de forma mais detalhada a realidade em que se encontram inseridos, assim como permitir a pesquisadora abordar os entrevistados de acordo com a necessidade da investigação.

A técnica de entrevista foi escolhida por se tratar da técnica de interrogação mais flexível, sendo escolhida a parcialmente estruturada, onde o pesquisador tem maior autonomia para explorar o entrevistado e conduzir a entrevista de acordo com as respostas fornecidas (GIL, 2002). Vale salientar que a pesquisa foi realizada com gestores e docentes de língua portuguesa ou matemática do nono ano, das escolas em estudo, assim como, com a secretária adjunta da Secretaria da Educação do município de Patos/PB.

Juntamente com a entrevista, foram realizadas análise de documento e observação. A análise documental foi executada, objetivando buscar elementos presentes na legislação que melhor esclarecessem sobre a avaliação do ensino básico brasileiro, em especial o IDEB. Nesse sentido, foram analisados os seguintes documentos: Portaria nº 931 de 21 de março de 2001, Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001, PDE, PNE, PPA, Decreto nº 6.094 de 24 de abril de 2007, além de informações coletadas nos portais do MEC e INEP. Por sua vez, a observação foi utilizada para identificar e analisar aspectos da realidade dos personagens em estudo, onde o pesquisador se posicionou como não participante, ou seja, aquele que só presencia os fatos (NEVES; DOMINGUES, 2007). Ao realizar as entrevistas, a pesquisadora observou o ambiente em estudo e a postura dos profissionais entrevistados.

Com referência ao universo de análise e sujeitos da pesquisa, a pesquisa se realizou em quatro das quarenta e cinco escolas municipais urbanas do Município de Patos. As escolas foram escolhidas com base nas notas obtidas no IDEB divulgadas no ano de 2012.

Foram selecionadas duas escolas com o maior IDEB e duas com o menor IDEB no município. As escolas selecionadas foram nomeadas aleatoriamente como Escola 1, Escola 2, Escola 3 e Escola 4. Conforme tabela abaixo:

Nome da Escola	Nota obtida no IDEB (dados divulgados em 2012)
ESCOLA 1	4,0
ESCOLA 2	2,6
ESCOLA 3	2,6
ESCOLA 4	3,9

Tabela 1: Médias atingidas pelas escolas entrevistadas no ano de 2011.

Fonte: MEC/INEP (2012).

Três das escolas selecionadas para a pesquisa localizam-se em bairros periféricos da cidade, apenas a Escola 4 fica localizada em uma cidade distrito de Patos, estando também lotada na Secretária da Educação do município.

A Escola 1 localiza-se na rua Projetada, bairro Bivar Olinto, tendo 21 anos de existência. Na escola funciona da Educação Infantil ao Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos – o EJA, atendendo nos três turnos, com 21 turmas, cerca de 600 alunos e 27 professores.

A Escola 2, está localizada na rua Sebastião Queiroz, bairro da Vitória, com 23 anos de atuação. Na escola funciona o fundamental II, com 10 turmas, 262 alunos e 16 professores, nos turnos manhã e tarde.

A Escola 3, se localiza na rua Manoel Reinaldo, bairro do Jatobá, fundada em 1992. Na escola funcionam o Ensino Fundamental I e II e o EJA, funcionando nos turnos manhã, tarde e noite com um total de 547 alunos, 22 turmas e 33 professores.

Já a Escola 4, está localizada no Distrito Vila Santa Gertrudes, funcionando desde 1986, atendendo aos níveis Fundamental I e II. A escola possui 15 professores que atendem a 300 alunos distribuídos em 15 turmas.

Abaixo segue a **Tabela 2**, contendo a relação dos sujeitos entrevistados, o gestor de cada escola: Maria, Patrícia, Elisa e Andréia; um docente do nono ano, que lecionam as disciplina de português, as professoras Antônia, Estela e Marta e um professor de matemática, Pedro; assim como a secretária adjunta da educação Joana, que contribuíram com informações para esta pesquisa e dados iniciais referentes aos mesmos. No quadro encontram-se relacionados os sujeitos com seus respectivos cargos, tempo de serviço prestado na organização no cargo atual e a formação acadêmica. Para fins de preservação da identidade dos entrevistados foram criados nomes fictícios para descrevê-los.

Sujeitos Entrevistados			
Nome	Cargo	Tempo de Serviço (Cargo Atual)	Formação
Maria	Gestora da Escola 1	9 anos	Pedagoga, Psicopedagoga e especialista em Gestão Escolar.
Antônia	Professora da Escola 1	2 anos	Cursando o primeiro mestrado em formação de professores da UEPB.
Elisa	Gestora da Escola 2	1 ano	Pós-graduada em supervisão e orientação educacional.
Estela	Professora da Escola 2	18 anos	Formada em Letras.
Patrícia	Gestora da Escola 3	3 anos	Licenciatura Plena em Geografia.
Pedro	Professor da Escola 3	3 anos	Licenciatura plena em Matemática.
Andreia	Gestora da Escola 4	3 anos	Especialista em Psicopedagogia.
Marta	Professora da Escola 4	4 anos	Pós-graduação em pesquisa educacional.
Joana	Secretária Adjunta da Educação	3 anos	Especialização em novas metodologias de ensino.

Tabela 2. - Sujeitos entrevistados

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Para a realização das entrevistas, a pesquisadora empregou dois roteiros (Apêndices A e B), previamente estruturados, obedecendo aos objetivos estabelecidos para o estudo.

3.3 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

Após os dados coletados, o passo seguinte foi realizar a análise do material coletado, relacionando os dados obtidos na pesquisa com os objetivos iniciais do estudo. Segundo Yin (2003), analisar os dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas ou recombinar as evidências.

Assim, a categoria escolhida para a análise de conteúdo, foi a pertinente e a grade mista. Na grade mista, as categorias são previamente definidas de acordo com os objetivos da pesquisa, no entanto, é admitida a inclusão de categorias que podem aparecer ao longo do processo de análise. Nela, verifica-se a necessidade de inclusão, exclusão ou subdivisão de categorias, assim, o conjunto final de categorias será estabelecido levando em conta o possível rearranjo. Para realizar a categorização da análise do conteúdo, isolam-se os elementos para depois agrupá-los em razão dos caracteres comuns destes elementos. As categorias devem ser: a) exaustivas, ou seja, que permite a inclusão de quase todos os elementos; b) mutuamente

exclusivas, nela cada elemento só deverá ser incluído em apenas uma categoria; c) objetivas, isto é, definidas de maneira a evitar dúvidas durante a distribuição dos elementos e d) pertinentes, quando adequadas aos objetivos da pesquisa (VERGARA, 2012).

Com base nos objetivos propostos, a pesquisa pré-estabeleceu as seguintes categorias: “Índices de avaliação”; “As avaliações nas escolas estudadas”; “Contribuição das avaliações” e “Critérios para a qualidade na educação”, onde foram inseridas as quatro categorias que segundo a UNESCO são necessárias para alcançar uma educação de qualidade: a dimensão pedagógica, dimensão diversidade social e cultural e por último a dimensão econômica. Desse modo, foram seguidos os seguintes procedimentos: estabelecimento prévio das categorias, inserção de novas categorias baseadas na UNESCO, descrição das falas dos entrevistados, agrupamento em categorias e por fim, análise das falas.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados alcançados com base na interpretação dos dados coletados nas entrevistas realizadas com os Gestores e Docentes das escolas em estudo, como também com a Secretária Adjunta da Secretaria da Educação. Com vistas a relacionar os conceitos referentes à qualidade da educação seguindo as quatro categorias da UNESCO e as ferramentas utilizadas pelo Governo para avaliar os anos finais da educação básica, com os dados coletados para assim, responder aos objetivos iniciais do presente trabalho.

4.1 ÍNDICES DE AVALIAÇÃO

No presente tópico, serão explicados por meio de conceitos teóricos e respostas da Secretária da Educação, gestores e docentes das escolas entrevistadas, como funcionam os programas de avaliação da educação básica, aplicados nas escolas em estudo.

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), foi criado com o objetivo de coletar informações sobre a qualidade da educação básica nacional, foi a alternativa encontrada para a identificação dos problemas que afligiam a educação. De início, o SAEB media apenas o desempenho acadêmico dos alunos (PESTANA, 1998). Sua pretensão é gerar informações para a tomada de decisões, destinadas em primeiro lugar aos gestores do sistema educacional (Ministério da Educação, Secretarias Estaduais e Municipais) e gerenciar essas informações sobre a qualidade da educação; a equidade e a eficiência da educação nacional, de modo a permitir o acompanhamento das políticas educacionais brasileiras (PESTANA, 1998).

A partir de 1995, o Sistema adotou a Teoria de Resposta ao Item, para permitir a comparação de resultados, realizando testes com estudantes da 4^o e 8^o séries do ensino fundamental e 3^o ano do ensino médio sendo utilizadas as Técnicas de amostragem aleatória (CASTRO, 2007). Hoje, ele é aplicado em todas as escolas estaduais, federais e particulares mantendo ainda sua estrutura de amostragem, onde são feitos sorteios das escolas que irão participar. No entanto, os resultados até as unidades federais ainda são desagregados (SILVA, 2011).

Em 2005, por meio da Portaria nº 931, de 21 de março de 2005, o Ministério da Educação instituiu o SAEB em dois processos de avaliação: a Avaliação Nacional da Educação Básica - ANEB, que continua sendo publicamente conhecida como SAEB e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar – ANRESC, conhecida como Prova Brasil (BRASIL, 2005). Com a Prova Brasil, foi possível traçar um panorama da realidade de cada escola em cada município. Assim como a ANEB, a Prova Brasil avalia as competências e habilidades desenvolvidas e identificam as dificuldades de aprendizagem, através de um método quase censitário que amplia as informações que ajudarão a adotar as medidas mais adequadas para combater as deficiências apontadas pelas escolas avaliadas (BRASIL, 2011).

A Prova Brasil é aplicada em alunos do 5º e 9º ano do Ensino Fundamental nas instituições municipais, estaduais e federais, seu resultado fornece médias de desempenho baseadas nas respostas às avaliações de Língua Portuguesa e Matemática, esses índices de desempenho também são utilizados para compor o cálculo do IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (BRASIL, 2012e).

O IDEB foi criado no âmbito do PDE (BRASIL, 2014g), por meio do Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007. Onde foi estabelecido:

[...] Art. 3º A qualidade da educação básica será aferida, objetivamente, com base no IDEB, calculado e divulgado periodicamente pelo INEP, a partir dos dados sobre rendimento escolar, combinados com o desempenho dos alunos, constantes do censo escolar e do Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB, composto pela Avaliação Nacional da Educação Básica - ANEB e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Prova Brasil). Parágrafo único. O IDEB será o indicador objetivo para a verificação do cumprimento de metas fixadas no termo de adesão ao Compromisso [Todos pela Educação] [...] (BRASIL, 2014g).

Destarte, o IDEB passou a ser o índice norteador das principais políticas e ações voltadas para a Educação Básica. Sendo a política principal para garantir a qualidade da Educação, com ênfase nas provas de larga escala em âmbito nacional e internacional (MAUÉS, 2013).

De acordo com a pesquisa, as escolas em estudo são avaliadas pelo MEC por meio do IDEB, constituído pela Prova Brasil e EducaCenso. A primeira é uma prova de Língua Portuguesa com foco na leitura e de matemática com foco na resolução de problemas, aplicada a cada dois anos, com alunos matriculados nos anos finais da educação básica, da área urbana e rural (SAVIANI, 2009 apud AMARAL, 2011). Já o EducaCenso, é um sistema utilizado para coletar dados de forma individualizada dos estudantes, professores, turmas e escolas de todo o país (BRASIL, 2013d).

A Prova Brasil foi elaborada com base nos currículos escolares propostos pelas redes estaduais e municipais de ensino, tendo em vista que o país não possui um currículo nacional. Desse modo, os pontos convergentes dos currículos deram origem a Matriz Referencial, que foi entregue em todas as escolas pelo MEC no ano de 2009. A Matriz Referencial não enumera conteúdos e sim, competências e habilidades que serão avaliadas na prova (SILVA, 2011).

Desse modo, o IDEB amplia as informações disponíveis, calculando as notas obtidas na Prova Brasil e as informações coletadas pelo Censo Escolar da Educação Básica (EducaCenso). Assim, seu resultado baseia-se em informações sobre o desempenho na Prova Brasil e o rendimento escolar - índice de reprovação, assim como são coletadas informações socioeconômicas (SAVIANI, 2009 apud AMARAL, 2011).

Sendo assim, as escolas estudadas são avaliadas da seguinte forma:

Através da Prova Brasil, mas ela avalia também através dos índices de reprovação, de evasão entendeu? Todos esses critérios, não somente a prova. Se a escola tem um índice de abandono muito grande ela é avaliada, se ela tem um índice de reprovação alto, todos esses pontos, eles são contados para avaliação da escola. Não é somente a Prova Brasil não. (MARIA)

Na fala da Professora Antônia da Escola 1, é possível notar uma descrição mais detalhada de como o Governo avalia as escolas:

[O Governo Federal] ele avalia em vários aspectos, primeiro, porque é preciso que o professor mantenha uma sintonia muito grande com os alunos, nessa formação. Que não é, não pode ser uma formação específica só no nono ano, é uma formação que o aluno precisa passar durante todo o seu período escolar. E avalia, porque assim, se a escola, ela dispõe de laboratórios, se a escola dispõe de sala de informática... Então tudo isso seria traduzido também em novos conhecimentos ao aluno, então quando o aluno, na realidade ele não tem um nível tão bom de desempenho é porque não só o professor, mas outros fatores da escola também tem contribuído para isso, né? A exemplo [sic] da, das condições físicas das salas de aula, o acesso a biblioteca, além de um questionário, respondido pelo professor no dia da Prova Brasil. (ANTÔNIA)

Nas falas a seguir da gestora Patrícia da Escola 3 e da professora Marta da Escola 4, confirmam a busca do método avaliativo como meio de identificar a aprendizagem do aluno e a qualidade da Educação da escola. Neste primeiro ponto, eles explicam porque consideram importantes as avaliações realizadas:

[...] a Prova Brasil ela veio exatamente pra sanar essas dificuldades, assim, muito aluno repetente, sabe? É, muito aluno é, a evasão escolar. Aí eu acho que através de é, disso aí foi que criou-se a, a Prova Brasil que é aonde você vai melhorar o IDEB da escola que é justamente isso aí, a evasão escolar, a repetência... (MARTA).
Hoje lá em Brasília já se sabe como é que se encontra o índice de aprendizagem do aluno de qualquer escola pública do Brasil. E eu acredito que se deve através dessa Prova Brasil, né? O MEC acessa hoje, é, o site da Secretaria de Educação e vai lá, por exemplo, na Escola 3, que é a nossa e já tem conhecimento daquela escola, tem conhecimento do índice de aprendizagem de cada escola e se dá à Prova Brasil, eu

acredito, eu acredito não, a intenção foi essa, né? Do Governo? A intenção foi essa (PATRÍCIA).

Partindo da perspectiva da administração educacional gerencialista, o sucesso e a qualidade do ensino podem ser obtidos por meio do foco na gestão escolar por resultados, por meio de indicadores de desempenho, recorrendo a estratégias de responsabilização dos gestores e docentes pelos resultados (CARVALHO, 2009). No entanto, Carvalho, afirma ainda que a atuação do gestor pode levar a escola a atuar com ênfase do quantitativo em detrimento do qualitativo na orientação político-educacional, tendo em vista que a escola está coagida a alcançar melhores índices. O gestor passa a mobilizar a comunidade para alcançar melhores resultados, influenciando as pessoas a terem maior iniciativa e empenho na busca por melhores indicadores.

Mais adiante, a professora Antônia da Escola 1, reforçado também pela gestora Maria da Escola 1, falam sobre a preocupação da escola em preparar os alunos para alcançar melhores resultados:

Bem, nós passamos, é, durante o ano com o trabalho de motivação e de orientação aos alunos, então, tanto eu quanto a professora de matemática, nós preparamos inclusive um material diferenciado, e os próprios alunos fizeram a aquisição desse material, xerografado e nós tentamos mostrar pra eles quais são os descritores que vão ser avaliados e... Sempre, é, desenvolvemos com eles a resolução de questões no estilo das que eles irão resolver na Prova Brasil... Temos investido na motivação como também na orientação. (ANTÔNIA)

[...] Desde 2007, desde essa época que a escola tem sido preparada, né? [...] a escola tem se preparado, tem preparado o aluno para essa prova, tem tido a preocupação, a gente trabalha com bizuradas, entendeu? Onde os alunos vem em horário oposto pra participar, semana passada mesmo a gente teve uma bizurada, de nono e quinto ano em horário oposto onde são reunidos as turmas de nono e de quinto, com os professores das disciplinas específicas pra trabalhar a Prova Brasil. Os assuntos que são abordados na Prova Brasil. Então a escola tem preparado o aluno psicologicamente pra isso, o aluno sabe que ele vai ser avaliado, entendeu? Quais os aspectos onde ele vai ser avaliado, ele tem conhecimento dessa avaliação. O importante é que ele tenha conhecimento que ele saiba o valor disso, porque alguns, logo de início, o aluno não tinha muita consciência, entendeu? Não tinha muita informação de como ele ia ser avaliado às vezes ele nem sabia que ia ser avaliado, então, a partir desse momento que a gente começou a trabalhar, tentar tornar o aluno consciente, que ele ia passar por uma avaliação, onde seriam estabelecidos alguns critérios, qual o valor dessa avaliação pra ele, então foi trabalhado a parte psicológica, entendeu? O conteúdo, a gente tem procurado trabalhar todas essas questões, eu acho que por isso que ele tem demonstrado que está preparado, né? Pelo menos até agora a gente tem crescido. (MARIA)

Nas falas a seguir, professores e gestores falam sobre os treinamentos realizados com o corpo docente das escolas para preparar os alunos para a Prova Brasil. Nelas, ocorrem diferentes descrições entre os profissionais sobre como ocorrem esses treinamentos:

[...] o MEC, Ministério da Educação, oferece todos os anos o Gestar, que é justamente na área de língua portuguesa e na área de matemática. É um curso maravilhoso, muito rico! Muito rico! E todos os professores aqui, já fizeram o Gestar, tanto o de matemática quanto o de língua portuguesa. Me engano [sic], só falta um professor de língua portuguesa fazer. Aí diante de todas as atividades, que tem no Gestar, eles desenvolvem em sala de aula, que são textos totalmente contextualizados (ELISA).

Bem, não são muitos, mas temos [Capacitação]. Principalmente o professor de português, a gente já tivemos [sic] dois ou foi três [sic] sobre esse, essa Prova Brasil... Teve [sic] textos, essas coisas, sempre eles chamam o professor de português. Os outros não, tivemos um no começo do ano, mas não foi nem assim dentro da área específica de cada um (ESTELA).

Nas falas adiante, percebemos uma discordância entre gestores e professores, com relação ao treinamento. É possível perceber que enquanto os gestores escolares defendem a qualidade dos treinamentos realizados com o corpo docente sobre a Prova Brasil. Os docentes por sua vez apontam falhas nos treinamentos afirmando inclusive que os treinamentos chegam a não ocorrer por falta de organização dos monitores e organizadores:

A secretaria municipal de educação, ela trabalha cursos que preparam os docentes pra trabalharem os conteúdos da Prova Brasil. A secretaria Municipal, inclusive esse ano nós já tivemos dois cursos para professores dos quinto ano, do nono ano pra que eles obtivessem informações, entendeu? Participassem de cursos preparatórios pra trabalhar com os alunos de quinto e nono ano para realização da Prova Brasil (MARIA).

Olha, na realidade, o treinamento [dos professores para preparar os alunos para a Prova Brasil] ele é, foi muito superficial, foi um treinamento, inclusive apenas para a área de língua portuguesa é... E assim, nós percebemos que não houve um aprofundamento nos conhecimentos que precisavam ter assim, as novas informações em relação ao treinamento que nós tivemos em 2011. Então foi uma, uma... É, foi um momento muito mais para assim, para o município cumprir com a responsabilidade de repassar uma informação (ANTÔNIA).

[Os professores] eles tiveram umas capacitações. Porque as diretrizes também mudou [sic] e eles tiveram que... Umas capacitações para poder passar pros alunos em sala de aula (ANDREIA).

Bem, é, esse ano eu tive um treina... Um treinamento não, foi só uma formação [para a Prova Brasil] numa manhã, certo? (MARTA).

Conforme o exposto pelos professores, os cursos preparatórios não chegam sequer a cumprir o papel de transmitir aos docentes, as informações necessárias sobre o processo de avaliação do ensino básico.

No entanto, a Secretária Adjunta da Educação, afirma haver treinamentos com os professores e explica como esses acontecem:

Esse treinamento é a formação que a gente dá logo no início de abril e maio, a gente trabalha com eles uma formação, ensinando como vai ser as questões, noções das questões, elaborar as provas, né? Preparar simulados, formação continuada, dentro dos critérios da Prova Brasil, sempre são bem preparados. [...] a gente traz pra sede, pra outro local e faz com o grupão. Com outros profissionais que não são da rede. A gente convoca professores da rede estadual, né? Professores da FIP, do próprio IFPB que faz essa parceria com a gente e faz essa formação com os professores. [Participam] Todos os professores do quinto e nono ano das nossas escolas (JOANA).

Por sua vez, a gestora Elisa da Escola 2 afirma ainda não haver plena adesão dos docentes aos treinamentos:

[...] eu acho assim, que deveria ser feito, ter mais capacitações para os professores, minha sugestão que eu daria era essa, mais capacitações. Porque nós estamos sem capacitação, a única capacitação que nós temos atualmente em termos de leitura, a nível de Ministério da Educação e município é o Gestar. [...] eu estava participando do Gestar como diretora, e foram escritos doze professores, dez não participaram, só quem tava [sic] participando era eu e um supervisor. Aí existe [sic] as reclamações dos próprios professores, como é que pode o atual governo não oferece capacitações, o MEC não oferece mais nada, é, a prefeitura não tem convênio com nenhuma universidade, nem com Ministério da Educação... Mas se tem os próprios professores não participam. Eu tô [sic] lhe dizendo isso porque nós estávamos fazendo o Gestar e o Gestar de Patos foi cancelado, a prefeitura de Patos, [...] mandava e-mail pra esses professores, ele solicitava a presença desses professores e ninguém foi. E como é que uma pessoa pode reclamar daquilo que tem e não, não quis? [...] (ELISA).

O cálculo quantitativo dos exames propostos pelo IDEB tem por objetivo realizar uma avaliação dos sistemas de ensino e não os alunos de modo individual. Sem o interesse de ranquear sistemas ou estabelecer padrões de qualidade que comprometam a autonomia das instituições de ensino. Assim, mesmo a Prova Brasil sendo considerada por muitos especialistas como um bom instrumento norteador da qualidade do ensino, ainda é muito grande o número de professores que a considera um desafio distante da teoria a qual se propõe. Entre as maiores das inquietações que afligem os professores estão como a prova pretende avaliar o aluno e como trabalhar em sala de aula as competências sugeridas (SILVA, 2011).

Em relação à adequação da metodologia da aplicação das provas integrantes do IDEB ao que se propõe avaliar, nas falas da gestora Elisa da Escola 2 e da professora Antônia da Escolas 1, é explicado a importância da leitura para o bom desempenho na Prova Brasil:

Olha, eu já, todos os anos eu leio, eu sempre comparo as Prova Brasil com prova do ENEM, são todas contextualizadas. Claro que o ENEM é uma avaliação de tudo o que você aprendeu no fundamental, de tudo que você aprendeu no ensino médio, mas são textos, são interpretações, a diferença é muito pouca [sic], mas é como eu disse, se você for um bom leitor, você se sai bem num ENEM, você se sai bem numa Prova Brasil. Porque são textos longos, são textos compridos, e eu digo sempre aos alunos, “quando você lê o enunciado da questão, muitas vezes a resposta tá lá dentro, é questão de interpretar, de saber ler”. [...] os professores têm dificuldade de

trabalhar em sala de aula, porque os alunos não sabem ler, nem interpretar, não gostam de ler. A gente vem desenvolvendo muitos projetos na área de leitura, já pra despertar esse gosto pela leitura, e trabalhamos muito com o nono ano [não só] por causa da Prova Brasil, porque muitos desejam fazer o IFPB e também tem outros sonhos, né? Uns querem ser médicos, advogados, mas a gente fica batendo na tecla, leiam, leiam e leiam, muito (ELISA).

[...] é uma avaliação que contempla justamente a postura... Leitora do aluno, a forma de compreensão, de, de, as diferenças, como comparar textos. Então são, são descritores que trazem competências que o aluno precisa levar pelo resto da vida. Então assim, a... Essas competências, elas viriam avaliar apenas se o aluno encerrando o nono ano, né? Se ele estaria apto realmente a ingressar, por exemplo, no ensino médio, mas se ele saia com uma competência leitora para o resto da vida. Então, sem dúvida é um processo de avaliação bem complexo e bem eficiente. (ANTÔNIA)

Neste ponto, a professora Antônia da Escola 1 explica como é a Prova de língua portuguesa:

[A Prova Brasil] Avalia porque, pelo menos avalia a competência leitora, porque em relação à língua portuguesa, na realidade a Prova Brasil ela não traz uma ênfase em aspectos gramaticais, análise linguística, né? As é, as classes de palavras, a acentuação, a ortografia. Ela trabalha mais na perspectiva dos descritores, principalmente simplificando, na ideia de compreensão, de interpretação, diferenças e comparação de um texto a outro... Então assim, essa é, essas competências, elas são avaliadas (ANTÔNIA).

A seguir, a gestora Maria da Escola 1 demonstra insatisfação com relação ao método de prova utilizado para avaliar a aprendizagem dos estudantes. Nota-se que a entrevistada acredita que a avaliação de aprendizagem avalia o aluno de maneira circunstancial:

[...] num dia de Prova Brasil o aluno pode não estar bem emocionalmente, psicologicamente e não se sai bem numa prova, né? O emocional dele conta muito. Então não é uma prova naquele momento que vai avaliar se realmente o aluno aprendeu ou não. se realmente o aluno tem condição ou não. Eu não acredito que realmente seja uma prova quem vai é, dizer se o aluno realmente aprendeu. Quer dizer, o aluno pode não estar bem naquele momento e se sai mal e, no entanto ele tem conhecimento, né? O suficiente pra fazer. Não é uma prova que avalia nem que mede conhecimento do aluno não (MARIA).

No que diz respeito aos métodos de avaliação da aprendizagem dos alunos do ensino de 1º e 2º grau, fica estabelecido conforme a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que devem prevalecer a avaliação qualitativa em detrimento da quantitativa, conforme descritos no Art. 24, inciso V da lei:

V – a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar; c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado; d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito; e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos (BRASIL, 2010).

O mesmo se repete no Art.1º da resolução nº 04-2010, de 22 de fevereiro de 2010.

Onde se faz saber:

Art. 1º A avaliação deverá ser contínua e cumulativa, assumindo, de forma integrada, no processo de ensino-aprendizagem, as funções diagnóstica, formativa e somativa, com preponderância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. § 1º A avaliação dos aspectos qualitativos compreende, além da acumulação de conhecimentos (avaliação quantitativa), o diagnóstico, a orientação e reorientação do processo de ensino aprendizagem, visando o aprofundamento dos conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades e atitudes pelos (as) estudantes. § 2º A avaliação, enquanto elemento formativo e sendo condição integradora entre ensino aprendizagem, deverá ser ampla, contínua, gradual, dinâmica e cooperativa, em que os seus resultados serão sistematizados, analisados e divulgados ao final de cada semestre letivo e/ou final de cada elemento curricular (BRASIL, 2014d).

Assim, Silva (2011) explica que embora as últimas Leis de Diretrizes e Bases mencionem que as avaliações qualitativas devam prevalecer sobre as quantitativas, estas não deixam claro como devem ser realizadas essas avaliações na prática. Deixando uma lacuna nos modelos avaliativos a serem adotados. No país, a cultura de avaliação do conhecimento vem aos poucos deixando a memorização de conteúdos para trás a fim de focar na compreensão e interpretação desses conteúdos que devem corresponder ao contexto em que se encontram os estudantes avaliados. Dando prioridade ao que realmente seja relevante no aprendizado.

É possível perceber, na fala do professor Pedro da Escola 3, a desconfiança que ainda existe por parte de alguns educadores com relação aos critérios de avaliação utilizados pelo Governo. Essa desconfiança se baseia nas disparidades entre a proposta para as avaliações realizadas em sala de aula e a medição realizada pela avaliação nacional:

[...] o Governo mesmo diz, que façam atividades somatórias durante o cotidiano e o Governo bota uma prova pra avaliar eles [os alunos]. Então como é que ele quer que a gente não trabalhe com o sistema de provas e ele mesmo faz prova? Né? Então, é uma contradição, mas a gente sempre trabalha, por exemplo, o que ele produz durante o bimestre, durante o ano também, as atividades somatórias, né? A verificação de aprendizagem a famosa prova normal e também os projetos que eles desenvolvem no trabalho cotidiano também, aqui na escola. (PEDRO)

Adiante o professor Pedro da Escola 3 e a professora Antônia da Escola 1 apontam disparidades entre o conteúdo estudado em sala de aula e o que é cobrado pela Prova Brasil:

[...] a nossa grade curricular, eu acho de matemática que ela é um pouco pesada, certo? Tem conteúdos que a gente... Não se faz necessário em nosso cotidiano, [...], por exemplo, polinômios, os alunos nunca na vida deles ele vai usar polinômios no seu dia a dia, porque não vai servir. Você só vai usar polinômios no seu dia a dia se você for estudar derivado, integral, for ser engenheiro, for ser, for fazer aeronáutica, alguma coisa assim. Aí ele [o aluno] vai usar isso na vida deles, nas expressões para atuar, mas pro dia a dia dele não [...] Mas lógico, um aluno que sabe somar, multiplicar, subtrair e dividir, ele tá apto a seguir qualquer instância mesmo com calculadora. Mas ele tá apto a seguir, na minha opinião [sic] é (PEDRO).

[...] os aspectos gramaticais que o aluno aprende realmente estuda no decorrer desses anos, esses aspectos não são avaliados, eles não estão presentes na prova. Então assim, há uma ênfase muito grande no dia a dia, aos conteúdos de gramática, aos aspectos gramaticais da língua e... a Prova Brasil ela dá uma ênfase muito grande em interpretação de texto, então fica um pouco assim, é, desigual. Você dá um conteúdo, intensifica um aspecto da língua quando é o outro aspecto que vai ser avaliado. Então há... É preciso um comprometimento muito grande na percepção de textos a serem trabalhados... Né? Para evitar de que [sic] o aluno chegue à Prova Brasil com habilidades linguísticas, porém, não habilitado para a interpretação de textos (ANTÔNIA).

Nesse sentido, para tentar ajudar os professores a conciliar o ensino voltado para a aprendizagem dos conteúdos necessários para a alfabetização dos alunos e o desenvolvimento das habilidades e competências nas disciplinas avaliadas pelas provas de escala nacional, o MEC vem investindo em informação e programas de capacitação e formação profissional, como é o GESTAR II. Programa com objetivo de melhorar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos nas disciplinas de Português e Matemática, contribuir para proporcionar ao professor maior autonomia nas práticas pedagógicas e permitir ao professor desenvolver um trabalho baseado em habilidades e competências. Além de disponibilizar matérias para melhor apoiar os professores na preparação dos alunos (BRASIL, 2014e). No entanto, conforme exposto anteriormente pela gestora Elisa da Escola 2, o Gestar foi cancelado na cidade de Patos, por falta de participação dos professores.

Para maior compreensão do funcionamento das ferramentas de avaliação da Educação Básica – Prova Brasil e SAEB, é importante compreender também, como essas avaliações são aplicadas nas escolas. Desse modo, o tópico seguinte trata dessa questão, com vistas a melhor compreender como é o processo de realização dessas avaliações nas escolas participantes da pesquisa.

4.2 AS AVALIAÇÕES NAS ESCOLAS ESTUDADAS

A Prova Brasil é aplicada por profissionais de uma empresa contratada para esse fim, onde todos os aplicadores são treinados e capacitados para manterem os critérios e a padronização dos testes em âmbito nacional. As datas e agendamento dos horários também ficam a cargo dos aplicadores. É competência do aplicador ler as orientações dos testes e explicar a forma de preenchimento dos formulários de respostas para os alunos do 5º ano. E fazer apenas a leitura das orientações do teste para os alunos do 9º ano (BRASIL, 2014f).

Na Paraíba, aplicaram os cadernos de testes e questionários da Prova Brasil e SAEB (no ano de 2011) 430 aplicadores nos 41 polos de apoio de 41 municípios do Estado, selecionados a partir das 14 Gerências Regionais de Ensino (BRASIL, 2011a). No ano de 2013 foram 856 aplicadores e 113 apoios do polo capacitados para a aplicação. Os polos de apoio do SAEB/2013 estiveram localizados nos municípios de Alagoa Grande, Alagoa Nova, Araruna, Bayeux, Belém, Boqueirão, Caaporã, Cabedelo, Cajazeiras, Campina Grande, Catolé do Rocha, Conceição, Conde, Cuité, Esperança, Guarabira, Gurinhém, Itabaiana, Itaporanga, Jacaraú, João Pessoa, Juazeirinho, Lagoa Seca, Mamanguape, Monteiro, Patos, Pedras de Fogo, Piancó, Picuí, Pombal, Princesa Isabel, Queimadas, Rio Tinto, Santa Luzia, Santa Rita, São Bento, São José de Piranhas, Sapé, Serra Branca, Solânea, Soledade, Sousa, Sumé, Teixeira, Uiraúna e Umbuzeiro (BRASIL, 2013f).

Da mesma forma que existem dúvidas sobre como funcionam as avaliações, ainda existem dúvidas também sobre como a Prova Brasil é aplicada. Neste ponto, é importante observar que na fala da gestora Andreia da Escola 4, ela afirma que a Prova Brasil é aplicada pelo Supervisor da escola e não por uma equipe designada pelo o MEC ou da Sexta Regional de Ensino, conforme divulgado pelo Governo Estadual. Nas falas a seguir, é possível identificar que as escolas ainda tem pouco conhecimento sobre o processo de aplicação das avaliações, principalmente no que diz respeito aos aplicadores das provas:

A Prova Brasil é realizada através de uma equipe que não é da escola, entendeu? Que já é vem de lá, não são os nossos professores quem aplicam a prova. São 3h de prova onde o aluno do nono e do quinto ano são avaliados, é... [...] nós, nós da escola não temos contato no dia da prova, assim, de aplicação não, é toda uma equipe que vem já determinada pra isso, entendeu? Então a escola prepara os alunos no horário, os alunos vem participam da prova, mas toda a equipe que realiza a prova é uma equipe determinada, que não é uma equipe da escola (MARIA).

[Aplicadores da Prova Brasil] São pessoas que vem de fora. Eu acho que do MEC. Eu não lembro, não presenciei porque eu fiquei aqui na sala, e quando terminaram as provas, eu não vi quem eram os professor [sic], mas não são professor daqui. Eu acho que não é também da Secretaria. Eu não lembro. (ESTELA)

Note que a gestora Andreia da Escola 4 afirma que a Prova é aplicada pelo supervisor da escola:

O supervisor. [...] ele vai pra sala e quem aplica é ele. [...] só o supervisor. O professor tem que sair da sala de aula. [...] É só pra os alunos (ANDREIA)

Abaixo, a Secretária Adjunta da Educação, explica como é o processo de aplicação da Prova Brasil:

Hoje os aplicadores vêm da gerência, certo? A gente só recebe o calendário e a porcentagem da aplicação e os aplicadores vêm da sexta regional de ensino. Preparamos os nossos alunos como eu já tinha lhe dito, com bizuradas e se no dia, a gente prepara eles normalmente como se eles tivessem fazendo uma prova comum da escola, atividade comum da escola. Até pra não mexer tanto com o emocional, né? Mas a gente conversa tem uma brincadeira antes, aquela dinâmica de preparatória, pra acalmar. Aí que é aplicada até então. [...] Ninguém da própria escola [aplica as provas], só os aplicadores que são encaminhados pela sexta gerência [...] a Prova Brasil é [aplicada] na própria escola (JOANA).

Em apoio aos docentes (escolas) a Secretaria da Educação atua com incentivos no sentido de orientar os professores, para que esses possam trabalhar e ajudar os alunos em sala de aula a desenvolverem as habilidades avaliadas pela Prova Brasil e explica como a prova é aplicada:

Através da Secretaria de Educação, foi quem passou todos os informes, né? Todas as instruções pra os nossos supervisores em seguida os supervisores fez a informação, passou a informação para os professores e vem sendo assim até hoje. [...] sempre a primeira informação é pra o supervisor da escola, aí o supervisor se reúne com os professores E repassa. E no dia do acontecido, no dia que acontece a prova [Prova Brasil]. [...] tem também, a participação, né? A presença dos técnicos da Secretaria da Educação [...] (PATRÍCIA).

Os alunos que fazem a prova devem estar devidamente matriculados nos quinto e nono ano do Ensino Fundamental das escolas públicas. Não existe a obrigatoriedade para a participação dos alunos, mas é necessário que esses sejam estimulados para que todos realizem o exame. O tempo determinado para a realização da prova é de duas horas e meia (BRASIL, 2013a).

Os educadores entrevistados, por sua vez, confirmam que as avaliações são realizadas por todos os alunos matriculados nas turmas de quinto e nono ano com mais de vinte alunos, não sendo feita nenhuma seleção entre os alunos dessas séries a fim de incluir ou descartar qualquer aluno matriculado nas séries que participarão do processo. Como é possível confirmar a seguir:

A seleção é que todos os alunos do nono ano e do sexto, sexto e nono ano participa. [...] a gente sempre recomenda e convoca a todos, sabe? Só se for uma questão

assim, de problema de saúde, aí eles apresentam um atestado, entendeu? (PATRÍCIA).

A turma pra ser avaliada tem que ter no mínimo 20 alunos, a turma que não tem esse número de aluno ela não passa por essa avaliação (MARIA).

A relação? Todos os que estão matriculados na escola do quinto ano. Todos eles, quinto e nono ano. Todos eles (JOANA).

A finalidade para a qual se destina a criação dos sistemas de avaliações é conhecer a qualidade dos serviços ofertados pelas instituições de ensino e a partir dos resultados dessas avaliações, investir em programas e atitudes para estabelecer uma educação de qualidade. Assim nos tópicos que se seguem, serão analisadas as contribuições vindas através dos índices de avaliação.

4.3 CRITÉRIOS PARA A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO

No presente trabalho, a análise qualitativa da educação ocorrerá com base nos critérios estabelecidos pela UNESCO (2003), a qual considera quatro dimensões: pedagógica, econômica, diversidade social e cultural dos educandos.

Entre os pontos críticos do ensino brasileiro, o principal está na capacitação e desempenho do corpo docente das escolas, assim como a elaboração do currículo escolar desenvolvido por estes. Assim, no tópico seguinte que trata das dimensões pedagógicas da educação, a pesquisadora procura entender como se encontra a formação do corpo docente das instituições e a elaboração do currículo escolar.

4.3.1 Dimensão Pedagógica

De acordo com o conceito de dimensão pedagógica descrito pela UNESCO, essa destaca a grande importância do papel do professor, e a eficiência do cumprimento de um currículo condizente com as necessidades dos alunos, ao desenvolvimento de uma educação de qualidade.

Neste contexto, entende-se que um dos fatores importantes para um ensino qualificado é o recrutamento e aperfeiçoamento de professores com formação acadêmica. Tendo em vista a importância desses para a renovação das práticas educativas (UNESCO,

1998). Assim, os Gestores e Professores entrevistados falam sobre a formação do corpo docente das escolas. Apenas a Escola 1 confirma ainda trabalharem com professores que não possuem graduação:

Olha, o corpo docente, 80% do corpo docente são, possui licenciatura, certo? Professores do fundamental 1 a maioria são pedagogos, fundamental 2 são especializados, com habilitação na disciplina em que atuam. Apenas, acho que 20% do corpo docente ainda não possui licenciatura, certo? Uma boa parte estão [sic] cursando e outros, uma minoria, é que tem somente magistério (MARIA).

A maioria, aliás, todos são formados [professores], né? Graduados, especialistas e tem alguns que já são mestres (PATRÍCIA).

A maioria [professores] é pedagogo, eles são, todos tem formação, geografia, historiador, matemática, então é muito bom a qualificação dos professores da escola (ANDREIA).

Todos [os professores] aqui têm ensino superior e são pós-graduados (ELISA).

Aqui a Secretária Adjunta da Educação avalia o corpo docente das escolas do município. Mais abaixo, ela faz também uma avaliação sobre os Gestores escolares:

[O corpo docente] de ótima qualidade, né? Porque o nosso quadro hoje, os profissionais são todos graduados. A gente tem até gente com doutorado já também, né? Tem a formação inicial e tem especialização, formação continuada, eles são sempre, vivem sempre buscando a qualificação, certo? Profissional, né? Individual mesmo. E a Secretaria também tem proporcionado mais essas formações continuadas também para eles (JOANA).

São super heróis [os gestores escolares]. São muito bons os nossos gestores são bons. Eu acredito muito no trabalho deles, que eles também, tem, tem feito um bom trabalho porque eles vestem a camisa da educação com afinco. Porque a maioria deles também fazem parte do nosso quadro, então a responsabilidade deles é maior ainda. Como professor da rede e como gestor da rede, mas eles também tem feito um bom trabalho (JOANA).

Ainda compondo a dimensão pedagógica, no que diz respeito à elaboração do currículo escolar, este deve possuir desenhos abertos e flexíveis, sendo adequados e enriquecidos de acordo com as necessidades educacionais, atitudes e interesses dos estudantes e das exigências dos contextos no qual os alunos estão inseridos. Em outras palavras, as decisões referentes ao desenvolvimento de um currículo escolar devem estar na medida de cada estudante, levando em consideração sua cultura, aprendizagem, necessidades e demais fatores (UNESCO, 2008).

Abaixo é possível compreender como são montados os currículos a serem estudados pelos alunos ao longo do ano letivo:

Olha, o currículo foi montado, é, de acordo com o que determina realmente assim, as diretrizes das escolas públicas nacionais, né? Então atende é, não só língua portuguesa que é disciplina que eu leciono, mas todas as outras atendem justamente ao que é determinado pelo o Governo Federal através do MEC [...] Segue geralmente assim, a programação que já vem dos livros didáticos porque também os livros didáticos passam por esse processo de adaptação, né? Do conteúdo ao currículo que pretende ser é, seguido. Então os livros didáticos, eles passam por todo o trabalho de elaboração e também nós passamos por todo um processo de seleção. Então o conteúdo geralmente ele é de certo modo determinado pelo próprio livro didático, né? (ANTÔNIA).

[...] Nós somos orientados pela Secretaria da Educação, que conseqüentemente já são orientados pela, é, pelo MEC, pelo Ministério da Educação. Mas a gente tenta adequar a nossa realidade, que esse ajuste, cada região tem a, a, a sua, a sua realidade, cada escola tem a sua realidade. [...] Com relação ao currículo a gente adequa, tenta adequar, porque infelizmente os alunos estão chegando no fundamental II sem saber ler e escrever. A realidade é essa! E o currículo nacional, exige que o aluno chegue do sexto ao nono ano lendo adequadamente, e essa realidade, ela não existe [...] eu vejo assim, que tudo vem de cima para baixo. Se o MEC viesse até nós, verificar a nossa realidade, eu acredito que as coisas andariam de outra forma. [...] Mas assim, eu acho que a saída seria chamar, quem realmente vive, tem experiência, com a realidade do ensino público, pra conversar, pra analisar o que se pode ser feito. Mas o Brasil isso não acontece, no Brasil eles chamam quem primeiro? As universidades, que estão lá, com outra realidade, pra desenvolver projetos e programas que serão desenvolvidos nas escolas públicas. Pessoas que geralmente nunca entraram nem numa escola pública. Infelizmente a realidade é essa, são pessoas incapacitadas? De jeito nenhum, extremamente capacitadas, professores, professores com conhecimento científico imenso! Mas o que falta? Experiência em escola pública. E eu vou citar a escola municipal. [cada região] Tem a sua realidade. Você vai olhar o IDEB, é, do país, você se assusta com a disparidade, sabe? É uma disparidade imensa (ELISA).

Importante notar a preocupação da gestora Elisa da Escola 2 e do professor Pedro da Escola 3 em conhecer as necessidades dos alunos e a partir daí, elaborar um currículo que atenda às necessidades dos educandos:

Nós temos o nosso supervisor, ele é muito, ele procura desenvolver um trabalho, não aquela coisa mecânica, mas a gente vai vendo a realidade, se possível de cada aluno. Nós fizemos um levantamento, um levantamento atualmente de quantos alunos no sexto ano não sabem ler e escrever, a gente se assustou. Aí o quê que aconteceu? Não, vamos adequar uma realidade para eles, novos conteúdos... Por que como é que eu vou pegar, dar verbo a um aluno, tá lá no conteúdo, se o aluno não sabe nem ler? Como é que eles vão saber o que é verbo? Então assim, ficam esses questionamentos, a gente tá tentando adequar, alfabetizar na verdade, pra que esse aluno não chegue no sétimo, no oitavo e no nono sem saber escrever o próprio nome. Então há essa preocupação. [...] a maioria, não uma maioria [dos alunos] esmagadora chega no ensino fundamental II, eu estou falando com relação a Escola 2. Eles chegam é, com uma defasagem imensa de aprendizagem. Aí a gente conta nos dedos quantos dominam as disciplinas, a gente conta nos dedos, e isso é preocupante! Por que é assim, parece que estão pegando os alunos e empurrando, “não toma, ele não conseguiu aprender nesse ano, mas ele talvez...” É, eu me preocupo muito com isso. E a gente não pretende pegar o aluno e sair empurrando pra ele chegar no ensino médio e numa universidade e sem saber nada. A gente vê aí as pérolas do ENEM, né? Que é um absurdo! (ELISA)

Nesse ponto, o professor Pedro da Escola 3 fala sobre os conteúdos lecionados em sala de aula:

No oitavo, no sexto ano, né? Eles aprendem as quatro operações, expressões numéricas, fração, números decimais. No sétimo ano eles já tem a noção de, os mesmos conteúdos, mas com relação de sinais, números inteiros. No oitavo ano, vem a questão da parte algébrica, aí o envolvimento dos números nas expressões matemáticas. No nono ano, equação de segundo grau, função, probabilidade, estatística, raiz, potências. [Currículo] Esse vem determinado pelo Ministério da Educação. [...] já tem específico durante, essa grade curricular já é imposta pelo MEC há muitos anos, então nunca houve mudanças em termos de grade curricular. [...] a gente tem planejamentos, semanais que a gente sempre se prepara pra alguma coisa que venha facilitar o nosso trabalho (PEDRO).

[...] eu gosto de trabalhar sempre com o lúdico, trabalhando com área. Eu gosto que eles trabalhem muito nas áreas mesmo, tragam trena, que meça. Quando trabalhamos com figura geométrica eu gosto que eles confeccionem, então eu gosto de buscar sempre o cotidiano, o dia a dia pra sala de aula. Mas isso aí é meu. Não é que eles dão esse espaço [o Governo] (PEDRO).

Adiante a gestora Andreia da Escola 4 e a Secretária Adjunta da Educação, Joana, explicam como o currículo é montado na escola e no município:

Cada professor trás seu plano, trás seu plano para trabalhar o ano inteiro. [...] É feito um plano de aula, né? De cada professor, a gente faz o planejamento semanal, planeja e cada professor também tem seu plano de aula. Às vezes a gente tem reunião [com a Secretaria da Educação]. Com o, o coordenador pedagógico sempre, parte pedagógica com a supervisora e semanalmente na escola toda a equipe. [o professor] ele define o seu plano, é. Ele faz o seu plano de aula (ANDREIA).

O currículo a gente montou, né? Quando teve a transição do ensino de nove anos, a gente montou a equipe de supervisores com os de professores de toda a rede e selecionados por currículo, né? Como a lei, né? Do afro descendente, o da educação especial, agora a gente já vai fazer uma inovação com a educação ambiental. Sempre no coletivo, com professores e supervisores, é montado esse currículo. [são feitas] Reunião de planejamento, com discussões. Se discute, se elabora e depois vai pra uma plenária pra escolher os índices que deve ser colocados no currículo, né? [...] a gente fez na transição de 2008, na transição de ensino de nove anos. O ano passado a gente avaliou toda a proposta de ensino da rede e agora em 2014 nós vamos avaliar novamente, porque já tem novas, demanda pro [sic] currículo, né? Já tem novas é, proposta (JOANA).

Fernandes (2007) afirma que a reprovação sistemática dos estudantes, é um fator de grande influência sobre a evasão escolar. Se por um lado, a reprovação pode trazer grandes malefícios para a vida acadêmica dos estudantes, um sistema em que todos os alunos concluam o ensino médio no tempo certo, mas sem ter obtido os conhecimentos necessários durante sua permanência na escola não é de interesse para o país. Assim, Fernandes aponta como um sistema ideal, aquele em que as crianças e adolescentes tenham acesso à escola, sem desperdício do tempo com repetências, sem o abandono da escola e ao final, tenham aprendido e desenvolvido os conhecimentos e habilidades necessárias durante essa fase do ensino.

Silva (2011) acrescenta ainda que com o IDEB, é possível transpor as lacunas da educação e atingir resultados próximos à realidade. Assim, caso um sistema de ensino retenha o aluno na tentativa de obter uma melhor qualidade no SAEB e na Prova Brasil, o fluxo escolar será alterado. No entanto, caso o aluno seja aprovado sem qualidade de aprendizagem, o resultado das avaliações indicarão a necessidade de melhoria na qualidade do ensino.

Na fala que se segue, as gestoras Maria e Elisa das escolas 1 e 2 descrevem como as escolas têm agido para conciliar aprendizagem e fluxo escolar:

[...] quando a equipe teve o conhecimento que até o terceiro ano do ensino fundamental não existiria mais a reprovação, né? Que hoje é até o terceiro ano do ensino fundamental, o aluno não pode mais ficar retido, automaticamente ele vai pro ano seguinte, pra série seguinte. Então, os professores eles tiveram aquele impacto, agora os alunos vão passar de ano sem adquirir o conhecimento necessário, né? Existe a preocupação de que o aluno passe pro ano seguinte sem ter adquirido as habilidades necessárias para isso. É tanto que a escola tendo essa preocupação, o que é que a escola fez, a gente faz um acompanhamento ano após ano, bimestre após bimestre de toda a equipe, entendeu? Quais são os alunos que tem dificuldade que não podem ficar retidos mais que não desenvolveram todas as habilidades, então a gente passa a informação pro outro professor pra que ele na turma que vai pegar, com os alunos que ele vai pegar naquele ano, ele possa trabalhar as habilidades entendeu? Que não foram bem desenvolvidas no ano seguinte, então são feitos os planejamento [sic] onde repassam as informações dos alunos que tem dificuldade pra que possam ser trabalhadas no ano seguinte. [...] Então há essa preocupação da escola de até que o próprio professor ele continue com a turma para que ele possa trabalhar quando o aluno chegar ao terceiro ano ele tenha desenvolvido as habilidades necessárias, teja [sic] alfabetizado, né? (MARIA).

[...] eu vejo assim, se o aluno não tem condição de acompanhar o ano seguinte, ele não deve ser aprovado. É claro, que direção, supervisão, professores, tem que criar estratégias pra fazer com que esse aluno progrida. Mas se esse aluno não conseguir esse progresso, eu jamais aconselharia alguém a fazer com que esse aluno fosse aprovado. Por quê? Quando chegar lá na frente, é o que tá acontecendo hoje, os alunos estão chegando nas séries nos anos do fundamental II sem saber de nada. [...] eles não dominam nem a matemática, nem a língua portuguesa [...] (ELISA).

A seguir, a Secretária Adjunta da Educação, explica como o município tenta agir para diminuir a distorção idade-série:

Com relação à idade, as disparidades de idade, a gente tem o programa correção de fluxo, que vem agrupando as crianças no distorção idade-série, né? E as outras disparidades a gente coloca sempre, dependendo, se for 16 anos, a gente infelizmente tem que colocar no turno noturno, né? No EJA, é tanto que a gente tem o EJA de quinta à oitava, e de primeira a quarta série. E no caso do aluno especial, aí é onde complica mais, “porque eu tenho doze anos, mas eu tenho uma mentalidade pra 6”, né? A gente fica tentando adequar esses, esse processo dentro de outras salas, certo? De segundo, terceiro ano (JOANA).

Em seguida, a gestora Elisa da Escola 2, seguida da Professora Antônia da Escola 1, demonstram preocupação em relação as estratégias que as escolas podem usar para conciliar fluxo com a aprendizagem:

É isso que eu tô [sic] lhe dizendo, se aprovar o aluno, com a intenção também de ajuda-los, a estratégias pra que ele progrida, eu até aceito, im, im [sic] alguns momentos, agora simplesmente pegar o aluno, sair passando, empurrando com a barriga e não fazer nada, isso aí eu não concordo. Porque quando o professor, ele, ele aprova um aluno, ele tem que tá consciente porque que esse aluno foi aprovado, ele tem que ter conhecimento do que o aluno adquiriu. E de preferência fazer um relatório e passar para o ano seguinte para os outros professores, porque sempre no início do ano tem que ser feito um diagnóstico, de cada aluno. Mas será que isso tá acontecendo? (ELISA).

[...] a proposta é que o aluno não fique retido, no entanto é preciso que haja por parte dos professores todo o empenho para elevar o nível desse aluno, então muitos professores eles permanecem numa zona de conforto. O aluno não aprendeu, mas não é por isso que eu vou deixa-lo, então passa para o ano seguinte e assim sucessivamente. E aí nós percebemos que o aluno realmente chega ao nono ano com um déficit muito grande inclusive de alfabetização e letramento. [...]. E aí nós observamos uma prática que é muito comum, no Brasil. Alunos que chegam ao terceiro ano, que se submetem, por exemplo, ao ENEM e que não tem assim, a habilidade mínima de escrita! E menos ainda de leitura, que é uma deficiência que o aluno vem trazendo há anos, então não é no ensino médio já com uma formação direcionada a universidade, uma formação direcionada ao mercado de trabalho que o professor vai se dispor a fazer o trabalho de alfabetização. Então ele termina levando essas deficiências para... Pelo resto da vida, para o mercado de trabalho... (ANTÔNIA).

Na sequencia, o professor Pedro da Escola 3 explica como acontece o sistema de reprovação do aluno:

[...] a reprovação, não é que o aluno, “ah, não é pra reprovar o aluno,” não. Se o aluno tem uma séria dificuldade não só em uma disciplina, certo? Tem dificuldade em várias disciplinas, eu acho que ele deve ser retido. Porque às vezes é o próprio aluno que não quer aprender, e a família também por si só não ajuda. Então, lógico que a gente, é, não quer que nenhum aluno fique reprovado, mas que se o aluno precisa ser retido, eu acho que ele precisa, tem que ser retido. Eu avalio como negativa [a não reprovação], porque o Brasil tá querendo formar vários analfabetos de uma vez só (risos). Sem o conhecimento, sem o estudo, sem nada, sem ter uma base, sem ter informação nenhuma. Porque é, a educação num é pra, tem que tratar ela “ah todo mundo tem que se formar e jogar lá pro mercado de trabalho, pra ser jogado”. Não, tem que aprender, tem que sair aqui um ser pensante, um ser consciente das suas atitudes. E não ser jogado, só porque “ah, o aluno tem que passar, ele vai passar” (PEDRO).

[...] esse sistema de reprovação, aqui como todo o município ou toda escola rege, existe o conselho de classe. Aqueles alunos que a gente sabe que tem por si só dificuldade de aprendizagem ou está com problema só em uma disciplina, a gente rege para que esse aluno progrida lógico. Mas aqueles alunos que tem problemas em todas as disciplinas, que é mal indisciplinado, que não quer, não quer ter o conhecimento. Esses alunos a gente no primeiro conselho de classe, a gente decide pela opção de retê-lo. Então, mas não é uma decisão de um professor, é decisão do colegiado, analisar todos os prós e todos os, os... (PEDRO).

[...] quando o aluno tem dificuldade e não consegue assimilar de jeito nenhum, ele fica em matemática e a gente progride, mas às vezes ele, a gente nota que o aluno tem a capacidade de ter o conhecimento e não quer adquirir então eu acho que esse aluno deve ser retido, porque ele não quer. Às vezes, por exemplo, eu já tive um caso de um aluno que já foi retido e hoje em dia é o melhor aluno de matemática que eu tenho, por quê? Porque ele aprendeu, lógico que nem todos são iguais, mas ele foi retido e aprendeu. [...] Porque a gente sabia que ele tinha capacita de aprender, mas é

porque ele não queria. Então eu acho que foi um estímulo porque, ou era porque o irmão dele ia alcançar ele ou alguma coisa assim, então ou pensou bem. A família pensou, porque é um problema muito grande também é a família, que às vezes é desinteressada e só quer que o aluno fique na escola por causa do bolsa família (PEDRO).

Adiante, a Secretária Adjunta da Educação explica porque avalia como negativa a retenção dos alunos:

[...] gente tem que aprender que a gente pode também deixar alguém retido, com responsabilidade, pode reter com responsabilidade e aprovar também com essa responsabilidade. [...] aquelas crianças que a gente sente que ele está com uma dificuldade, mas que tem condições de ir pra frente naquela série a gente vai encaminhar no processo desse de alfabetização e outros não. A gente até chega até a estabelecer metas, quantidades por séries, por ano, né? Do primeiro ano, a gente pode deixar até dois, do segundo ano até três, assim sucessivamente. A gente tem discutido sobre isso, certo? Pra que não reprove e também não deixe também passar sem o aprendizado efetivo. [...] Eu avalio como negativa [a retenção]. [...] Se a sala tivesse todos em pé de igualdade seria bom. Mas a gente tem vinte alunos numa sala e vamos dizer que tenha dois nessa dificuldade [alunos aprovados com dificuldade de aprendizagem], né? Então, a turma toda vai numa sequência e ele não, ele vem pro turno [sic] pra se recuperar, aí quando volta ele tem vencido aquela dificuldade que ele tinha anteriormente, mas já tem aquela outra dele tentar conciliar o aprendizado do ano passado com esse ano. Aí nesse ponto eu acho negativo, nesse ponto, certo? Mas se tivesse a continuidade da escola junto com a família seria muito positiva, porque ele poderia avançar dentro do próximo ano, dentro do próprio ano (JOANA).

A partir do ano de 2011, passou a vigorar no Brasil, a sugestão do MEC para a não reprovação dos alunos até a terceira série do ensino fundamental. A gestora Andreia da Escola 4 fala sobre as consequências da não reprovação para os alunos:

[Os alunos] eles, porque acha que o sistema obriga eles [sic] a passar, dificultou muito, porque eles não tão nem aí, tá entendendo? Uma minoria, uma minoria diz assim, “eu vou passar mesmo, não tenho por que me interessar.” Então eu acho que não devia... [...] a escola se reunia com os pais e mostrar a realidade do filho e aí a gente junto decide (ANDREIA).

Neste ponto, a professora Marta da Escola 4 aponta a não reprovação dos educandos como um dos fatores que podem contribuir para o abandono escolar:

[...] o outro ponto, e que o aluno perde o interesse de vim à escola por conta disso. Porque não reprova, aí o aluno tá passando de série, só levando assim, a gente chama até de barriga, né? Só jogando d’uma série pra outra e eles não tem condições, então termina até deixando a escola. É tanto que quando chega a, a, completa a idade de 15 anos, que aí ele já tá fora de faixa, aí eles vão ter que procurar uma outra escola e procurar a noite. Aí muitas vezes, aqueles que ainda têm algum interesse, ainda vão à escola, porque tem o ônibus, né? Que vai deixar e buscar em Patos à noite. Mas tem muitos deles que abandona mesmo, num quer saber, vai trabalhar, diz que, que trabalhando consegue mais do quê... Porque na verdade, eles estão assim, equivocados, né? Porque o estudo é a ba... [sic] pra mim o estudo é a base de tudo (MARTA).

O currículo escolar deve ser elaborado de acordo com a necessidade dos alunos, levando em consideração os pontos comuns entre eles e as diferenças de cada aluno. Assim, é preciso conhecer o perfil dos estudantes e o contexto sociocultural em que se encontram inseridos.

4.3.2 Dimensão Diversidade Social e Cultural

Todas as escolas participantes da pesquisa estão localizadas em zonas periféricas da cidade de Patos, por esse motivo talvez, as diferenças de etnia e de classe não sejam tão acentuadas nessas escolas. Embora elas existam, os alunos dessas instituições estão quase em pé de igualdade no que diz respeito as suas condições étnicas e sociais. Como exposto abaixo:

A grande maioria é assistido pelo Bolsa Família, né? Muitos deles já estão no... Na economia informal, né? Muitos já trabalham, há aqui na comunidade, aqui no bairro há uma... Prática muito grande de que eles já amanheçam o dia vendendo tapioca, muitos já trabalham na fabricação de, de sandálias, mesmo em casa. Então assim, é a realidade normalmente é assim, é quase que unânime, da mesma forma que eu falei do quesito leitura e escrita, nós encontramos um ou outro que apresentam assim, um padrão de vida melhor, né? Uma condição de vida melhor, uma condição social melhor. Mas a grande maioria realmente vive em uma dificuldade bem intensa. (ANTÔNIA)

[...] em relação à escola particular onde eu sempre atuei né? Nesses vinte e poucos anos, aqui eu percebi que há assim, há uma predominância muito grande de negros, é, assim, é bem comum nas salas nós termos uma quantidade significativa, né? De alunos negros (ANTÔNIA).

[...] existe diversidades e daí surge o preconceito, viu? É, tanto em relação à homofobia, é, a preconceito de cor, a religião. Porque aqui nós temos várias religiões, espíritas são alunos que são espíritas, uns são do candomblé, outros evangélicos, outros católicos, outros sem religião. [...] Existe [Diversidade sociocultural], mas pouquíssima, porque a religião predominante aqui é a religião católica e existe [sic] alguns que tem assim, a situação financeira melhor um pouco, mas geralmente são todos iguais. Porque vem de bairro pobre, pobre, Beiral, que é o Manoel Fernandes, vem Sete Casas, Placas, Jamaica, são tudo [sic] de bairro pobre. Geralmente vem desse bairro mais humilde que é aqui o bairro da Vitória (ELISA).

Note que na fala da professora Estela da Escola 2, ela admite que a escola não possui condições para receber alunos com condições especiais:

Não. Bem, no meu horário não, não sei na manhã, mas parece que teve uns alunos [com necessidades especiais], mas também, que não continuaram [...] geralmente nós não somos preparadas para receber, né? Você sabe que tem que ter uma captação [sic] muito, né? Que seja especial pra poder, vamo [sic] dizer, suprir a necessidade deles, né? Porque o município não ofereceu isso. Geralmente enquadra, coloca, mas sabendo que vai ter prejuízo (ESTELA).

O objetivo da escola não pode ser limitado ao aprendizado dos conteúdos básicos do ensino, mas assumir a responsabilidade pela “alfabetização política” (UNESCO, pg. 61, 1998) dos alunos. A educação voltada para a cidadania é um processo de construção da capacidade de discernimento e exercício dos direitos individuais e práticas de responsabilidade com relação ao outro e a comunidade (UNESCO, 1998).

Neste sentido, alguns entrevistados descrevem de que forma o trabalho da escola tem atuado para trabalhar as diferenças dentro da escola e incentivar os alunos a exercer o respeito às diversidades e direitos individuais dos colegas e promoção da integração entre eles.

Nós trabalhamos vários projetos, inclusive é, a gente tá trabalhando agora um projeto, e eles são, são planejados pela equipe e são trabalhados com os alunos. Diretamente com os alunos na questão do respeito à diversidade, entendeu? [...] Do preconceito, a diversidade racial, e outros tipos de diversidade (MARIA).

[a escola] tem uns projetos, tem agora o Mais Educação na escola, né? Que pega os alunos que tem um pouco mais de dificuldade, que faz no horário oposto. Faz judô, fanfarra aqui, então não pega só de uma sala, pega de todas, integra mesmo os alunos da escola. [...] o projeto da horta na escola também, tem um projeto que agora a gente teve uma semana de, A conferência do Meio Ambiente, então tem vários projetos ligado a isso, então usam-se [sic] várias salas para que trabalhem juntos. (PEDRO).

[...] a gente não só trabalha, é, o lado do conteúdo, a gente também trabalha o lado humano do nosso aluno. Então, a gente conversa com ele, a gente educa eles [sic] também, sobre o desrespeito, algumas dúvidas que eles têm através das brincadeiras deles um com o outro, a gente descobre que é uma dúvida que às vezes eles têm na vida a gente sempre trabalha, tanto pessoal, como o conteúdo e o humano (PEDRO).

[...] a gente tem a, a, uma maior preocupação de trabalhar essas diferenças desses alunos, aqui entendeu? A equipe de professores, junto com o coordenador, direção, a gente tem uma preocupação muito grande em trabalhar essas diferenças com esses alunos. [...] É, fazendo com que ele no caso, tornando cidadão, né? Conhecendo seus direitos, seus deveres. (MARTA)

Adiante, a gestora Andreia da Escola 4, novamente confirma a preocupação da escola em trabalhar os alunos para que esses adquiram uma postura mais respeitosa para com os colegas e possam ter uma melhor convivência, no entanto admite não existir trabalhos específicos de integração para os educandos. Do mesmo modo, a professora Antônia da Escola 1, acredita que os projetos para integração dos alunos ainda são insuficientes:

A gente trabalha muito a palestra, né? Agora mesmo tá havendo uma reunião com os pais sobre isso. A questão de, de, de... De nível né? Que uns tem médio, outros tem baixo, de bullying dentro da escola. Então a gente tem que trabalhar, a gente busca muito trabalhar dentro da sala de aula essa questão. [...] A gente tem vários projetos, agora, assim, projetos de leitura, da sustentabilidade, né? Um específico assim, pra... [Integração] não tem não (ANDREIA).

Eu acredito que muito poucas [iniciativas de integração], nós percebemos assim, a elaboração de um projeto didático... Raramente na escola... Quando esses projetos acontecem muitos deles já vem por determinação da secretaria da educação. Então, nunca parte assim da escola, vamos promover algo pelo menos assim, com mais intensidade, com mais eficácia que possa promover essa socialização. Geralmente assim, as atividades são sempre muito isoladas e as oportunidades até porque a estrutura física da escola deixa muito a desejar, nós não temos um auditório, nós não temos, por exemplo, uma área de... Uma quadra coberta. Então a promoção de atividades que possam promover essa socialização realmente é muito difícil, pela questão, por exemplo, do espaço físico. Se há digamos, a promoção de uma palestra na quadra, o ambiente não é adequado, o ambiente é quente, é claro. Isso claro gera uma inquietação muito grande por parte dos alunos (ANTÔNIA).

[...] sempre há alguma atividade pelo menos uma vez ou outra no ano que promove essa socialização, certo? Agora que elas poderiam acontecer com muito mais intensidade, principalmente porque esse, no aspecto de socialização eles tem uma dificuldade muito grande de relacionamento, ou eles são muito amigos, ou eles não são amigos de forma alguma e nem querem ser. Então assim, se a escola tivesse condições de oferecer outras atividades ou outros projetos que esse processo de socialização fosse mais intenso, então talvez, com um relacionamento melhor, melhoraria inclusive a questão da indisciplina e o próprio rendimento escolar (ANTÔNIA).

Antônia professora da Escola 1, explica um dos motivos de conflitos entre os estudantes:

Eu acredito que a divergência, pelo que esses dois anos e meio que eu venho convivendo com eles, é muito mais assim, a falta realmente de uma educação familiar. Então eles se agriem muito, com muita facilidade, eles batem um no outro também com muita facilidade, e é assim, eu percebo que é uma, uma postura muito comum entre eles. E aí, possivelmente seja também assim, essa falta de limites que a família não consegue, que não consegue dar, ou mesmo a falta de educação que já vem de casa. Certamente se eles já se relacionam... Até porque muitas vezes quando nós conversamos, é, que eles respondem raramente, “ah em casa eu faço”. Então um comportamento dessa forma na escola com o colega de sala, pra eles é uma atitude realmente bem comum, bem normal (ANTÔNIA).

É papel da escola repassar aos alunos um modelo de práticas democráticas que levem os estudantes a compreender quais são seus direitos e deveres. A escola precisa incentivar os alunos a utilizarem o ambiente da escola para o exercício de práticas que desenvolvam sua cidadania como a elaboração de regulamentos da comunidade escolar, criação de parlamentos de alunos, jogos de simulação do funcionamento de instituições democráticas, jornais de escola, exercícios e resolução não violenta de conflitos. Incentivando a participação da família e da comunidade como uma tentativa de conscientizar a todos sobre a adesão a valores, a aquisição de conhecimentos e a aprendizagem de práticas de participação na vida pública para a construção de uma consciência democrática (UNESCO, 1998, pg. 62).

Nesse ponto, os entrevistados descrevem como as escolas têm trabalhado para ajudar os educandos a adquirirem maior consciência social:

[...] hoje nós temos essa preocupação pra que o aluno ele... A gente trabalha para que ele se torne um cidadão consciente de seus direitos, dos seus deveres também, né? Que é importante que eles não conheçam somente os seus direitos, mas os seus deveres, as suas obrigações. Então a escola trabalha nessa linha, a gente tem a preocupação de formar também, né? A escola hoje está ensinando e formando. Então existe a preocupação da escola nesse sentido, existem os projetos, como eu disse, a gente tem trabalhado o projeto cidadão, que é cidadania e ensino, onde os alunos de várias, de todas as turmas eles trabalham nessa linha, de trabalho, consciência, entendeu? Valores, é pra que eles adquiram não só o conhecimento, mas estejam aptos pra sociedade. Conhecendo direitos, deveres... essa preocupação com a formação a escola já tem há muito tempo, entendeu? Um trabalho nessa linha, formar cidadãos críticos, conscientes (ANTÔNIA).

[...] a gente tenta de todas as formas aqui não usar o ensino mecânico, a gente tenta trabalhar o lado humano, a humanização. Muitas vezes eu digo aos professores, “olha, são 45 minutos de aula, pare nem que seja 15 pra conversar com esses alunos, pra dialogar, pra ouvi-los.” E pra fazer uma aula diferente, dinâmica, e não professor/quadro branco, professor/diário, professor/livro. Fazer uma coisa diferente, até mudar a maneira como eles sentam, fazer um círculo diferente, fazer um vamo [sic] sentar no chão, fazer uma coisa diferente. E a gente que é adulto não suporta a mesma aula todo dia, sentado na mesma cadeira, da mesma forma. Imagina esses meninos que tem uma energia além de todos os limites (MARIA).

[...] vamos dizer, professor não é aquele que ensina só, vamos dizer, as quatro operação, aprender a escrever, falar corretamente. Não, professor tem que dá primeiro a aula de quê? Cidadania, que o aluno quando sair daqui seja um cidadão. E geralmente a gente luta muito que esse aluno, eu vou usar a palavra transformar, que aqui existe uma barra pesada para que o professor consiga isso (ESTELA).

A Secretária Adjunta da Educação também fala sobre como o ensino oferecido pelo município tem ajudado no desenvolvimento dos alunos enquanto cidadãos:

Um contexto, né? Eu tenho que ter minha vivência da sala de aula, meu alimento enquanto conteúdos em sala de aula, de formação, né? Mais o meu pessoal, também tem que ser moldado, né? Eu sozinha, eu enquanto educadora não posso formar um cidadão que eu quero né? Mas eu tenho duas pontas aqui, a família e a escola. Mas a escola tem feito também muito sozinha essa parte. Sozinha! [...] Eu acho que também da própria vivência deles [dos alunos], né? Com outras pessoas, o conteúdo leva a refletir e o convívio social com outros grupos, que hoje eles têm vários momentos na escola, né? Tem o momento de sala de aula, tem o momento de encontro, com os grupos de jovens que fazem parte também de algumas formações como os alunos das FIPs, da UEPB que leva essas experiências de, com eles [JOANA].

O currículo escolar, assim como o ambiente educacional, os métodos de ensino e os livros devem estar de acordo a assegurar a aprendizagem dos direitos humanos, sendo esses respeitados e vividos no ambiente escolar. A prática e o respeito aos direitos humanos precisam estar presentes em todos os processos educacionais, pois esses representam a ferramenta fundamental para a garantia e o respeito ao direito de todos para todos (UNESCO, 2008).

Desse modo também, espera-se dos docentes uma postura de enfrentamento aos problemas sociais que atingem os alunos, como pobreza, fome, violência e drogas. Espera-se que os professores assumam uma postura de esclarecimento aos alunos sobre os problemas sociais e atuem em áreas e situações onde as instituições religiosas e os poderes públicos falham. Dando continuidade ao processo educativo mesmo fora da escola, ligando as experiências vividas pelos alunos, aos conteúdos estudados em sala de aula (UNESCO, 1998, p. 154).

Nesse ponto, a gestora Elisa da Escola 2 e a professora Antônia da Escola 1, descrevem as situações de risco vividas pelos estudantes das escolas e explicam como os educadores estão trabalhando, a fim de ajudar esses alunos a superarem as dificuldades do meio em que vivem:

[...] como nós estamos em uma escola de periferia, é uma área de risco. É uma área em que nós temos jovens no comércio informal como eu já falei, na economia informal, jovens já envolvidos no comércio ilegal de drogas, como nós temos conhecimento, de drogas, de prostituição. Então assim, nós tentamos na medida do possível isso eu respondo até pelo grupo, pelos colegas de trabalho, que sempre há direcionamento assim, no sentido de melhorarem os valores, de cidadão, dos direitos realmente que eles têm e que eles não percebem isso. Eles, é, falta muita conscientização dos deveres que eles têm e também dos direitos que eles têm. Então assim, eu acredito que todo o professor tenta no dia a dia passar um pouco disso pra eles. É tanto que nós questionamos discutimos porque assim, é como se eles não tivessem uma consciência... De cidadão, uma consciência de, de, de direitos, de deveres, então eles são como se fossem assim, pessoas sem qualquer é... Princípio ético, o que é certo, o que é errado. E é isso a gente tenta realmente passar no dia a dia (ELISA).

Na realidade nós temos assim, investido muito em textos, estudos, discussões, né? E debates e também eles veem assim, muitos filmes e muitos assim, às vezes, um na aula de língua portuguesa, ou outro já é na área de história, outro na área de geografia, na área de ciências, então na medida do possível nós temos trabalhado a parte de interpretação, compreensão de textos e também assim, a exibição de filmes, temos palestras, apesar de quê, como eu já disse a você, o ambiente, a estrutura física da escola não é tão confortável, mas a escola sempre tem trazido, é... Propostas de palestras como combate as drogas, gravidez na adolescência. Então assim, são iniciativas que a escola tem realmente, se preocupa em apresentar (ANTÔNIA).

A dificuldade financeira dos estudantes socialmente vulneráveis, também pode vir a comprometer a alimentação dessas crianças e desse modo, comprometer a saúde e a capacidade de aprendizagem dos alunos. Assim, a UNESCO (2005), aponta que muitos países foram capazes de solucionar os problemas de nutrição e saúde das crianças, por meio de programas escolares, que entre outras ações, forneceram merenda escolar de qualidade para os educandos.

Desse modo, a pesquisadora também procurou saber se as escolas em estudo oferecem merenda escolar e em quais condições de qualidade se encontra essa merenda.

É muito boa a qualidade da merenda escolar aqui da escola. Muito boa mesmo. Todos os dias tem merenda. [Todos os alunos] Comem da merenda, utilizam da merenda. [...] Na escola não vende [lanches], a escola não vende nada e não deixa ninguém vender. Só é a merenda escolar (PEDRO).

Ótima! É boa a merenda. O cardápio vem, é feito pela nutricionista e a gente não deixa faltar nada, a gente segue o cardápio. Todos os alunos tem acesso a merenda, todos (ANDREIA).

Nossa merenda, adquirida pelos nossos diretores com os recursos, também temos essa preocupação, nós temos dois nutricionistas, que fazem o cardápio e que acompanham, né? É também de qualidade atendendo os critérios da alimentação escolar, estabelecido pelo PNAE, né? Que é o programa da merenda escolar. Todos bem orientados, né? E, e, eles são bem preparados também, da aquisição, dentro do que é recomendado, a gente... Porque tudo que a gente também já foi premiada com a merenda escolar, certo? E eles têm esse cuidado, as cozinheiras são preparadas, elas sempre têm formação, tem toda de como saber preparar e de como armazenar os produtos. Então é de qualidade a merenda (JOANA).

A Secretária Adjunta explica também, como é feita a fiscalização da merenda escolar pela Secretaria da Educação do Município:

Essa fiscalização, nós temos dois nutricionistas e três técnicos que vão até a escola observar se o cardápio está sendo obedecido e se os nutrientes adquiridos daquela merenda também estão sendo... É, preparados, respeitados (JOANA).

Outro ponto crítico enfrentado pela educação no Brasil é o combate à evasão escolar. Segundo levantamento divulgado pelo INEP, em 2012, a evasão escolar entre os alunos dos anos finais da educação básica era de 4,1% (BRASIL, 2013g), na Paraíba, a taxa de evasão escolar para o mesmo período nos anos finais do ensino fundamental, atingiu a taxa de 9,8% (BRASIL, 2013h). A partir desses dados, é possível perceber a necessidade de intervenção dos governos e escolas, a fim de criar políticas públicas para inserção e permanência no ensino dos estudantes em situação de risco. A escola precisa dar mais atenção aos alunos mais necessitados e transformar o ensino em sala de aula mais atraente e de acordo com a realidade dos alunos, dando mais atenção ao ensino básico.

Assim, a UNESCO (2008), recomenda que é preciso avançar em termos de políticas públicas educacionais, a fim de homogeneizar e padronizar essas políticas, considerando as diversidades e contexto social. É necessário também, o desenvolvimento de estratégias específicas para garantir o direito a uma educação de qualidade em igualdade de condições com enfoque principal para aqueles com necessidades especiais. Assim também como, garantir prioridade de acesso em programas de educação e cuidados da primeira infância, as crianças em situação de vulnerabilidade.

Abaixo os educadores descrevem as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos alunos e falam sobre a necessidade de iniciativas para ajudar esses alunos, a superarem suas dificuldades de ensino:

[...] na realidade há um nível de dificuldade principalmente em leitura e escrita que é uma dificuldade assim, que nós percebemos que atinge a grande maioria. Então não há uma diversidade, é o contrário, às vezes encontramos um ou outro aluno que se sobressaem, que são espertos, né? Que apresentam um rendimento melhor, mas realmente assim, o nível do aluno da escola pública, foi até uma surpresa, porque, como eu só tenho dois anos e meio no município, eu assim, eu acreditava que o nível de leitura e de escrita realmente era melhor. [...] quando eu cheguei foi justamente o que eu percebi que como eu atuo nos anos finais, né? 8º e 9º ano, eu comecei a perceber aqui que é que há [...] um déficit muito grande e aí nós tentamos investigar a partir dos anos iniciais e aí a situação ainda é muito mais preocupante do que nós pensávamos (ANTÔNIA).

Eu acredito que a importância de uma atenção diferenciada e dos anos iniciais. Porque se no ensino fundamental I, o aluno realmente ele tiver acesso às competências e as habilidades de leitura e escrita, então pelo resto da vida ele vai ser um eterno aprendiz. O aluno que lê bem, o aluno que escreve bem, então para ele, conhecimento é elementar. Mas já o aluno que não tem o nível de leitura principalmente para ele tudo é muito difícil. Então assim, nós percebemos que essa, essa [sic] deficiência se arrasta pelo resto da vida (ANTÔNIA).

Eu acredito que, tem que passar por esses projetos [os alunos com maiores dificuldade] que o Governo sempre tá preparando, tipo Acelera, Se Liga... Tem que passar por uma, uma, vamos dizer assim, passar por um projeto aonde ele venha a melhorar [sic] o conhecimento pra poder ele seguir adiante (PATRÍCIA).

Abaixo, as gestoras Maria e Patrícia das Escolas 1 e 3 e a professora Estela da Escola 2 falam sobre os programas do Governo para ajudar os alunos com dificuldade de aprendizagem:

[...] Os alunos com dificuldade de aprendizagem eles tem reforço escolar, em horário oposto na escola. Até o programa Mais Educação que tem reforço escolar, que reforça as disciplinas críticas que são português e matemática, em horário oposto na escola (MARIA).

[...] dentro da sala de aula se tiver quem não sabe ler, aí e vamos dizer, se tiver um projeto aí a gente encaixa logo, esses primeiros alunos são os primeiros a ser colocado pra ver se tem o rendimento melhor (ESTELA).

É feito o convite, aberto o convite e mais, a gente tenta assim, incentivar mais aqueles alunos que tem mais assim, dificuldade e falta de interesse, falta de acompanhamento da família, aquele aluno que a gente considera assim, quase que, vamos dizer assim, desassistido da família, sabe? Aí aquele a gente sempre coloca em primeiro lugar para inserir nos programas, no programa do Mais Educação. Porque olhe, por exemplo, a gente tem aluno que dá muito trabalho, indisciplinados e a gente sempre chama a família e não tá tendo, não surte efeito, uma, mesmo a presença dos pais, vem quando bem quer vim. A gente quando coloca ele [sic] numa oficina, por exemplo, de fanfarra aí o menino dá show, é show de bola. Na em matéria de arte ele se destaca muito, agora quando vai, no ensino mesmo, aquele ensino de sala de aula, aquele com conteúdos, aí é uma negação (PATRÍCIA).

A Secretária Adjunta da Educação, também fala dos projetos criados pelo Governo, para auxiliar no desenvolvimento cognitivo dos alunos:

Ele colocou [o Governo], né? Hoje o Mais Educação, né? Que tem dado, alavancado assim, nas escolas. Pela questão do letramento que é principal, o Mais Educação. O Letramento é, as escolas que também trabalha... O Letramento que trabalha as questões das dificuldade [sic] de leitura e escrita, o Rádio Escola que também trabalha a questão de comunicação e de produção de escrita, certo? E esses programas têm ajudado muito assim, a motivar também, né? A questão do aluno e a superar umas dificuldades que eles têm como a dicção, essas coisas que é comum de criança, certo? Esse aí o Mais Educação, essas Olimpíadas, né? De matemática, a Olimpíada de Astronomia também que tem ajudado muito no aprendizado (JOANA).

O Governo cria projetos para ajudar a reforçar a aprendizagem dos alunos em dificuldades, no entanto, ainda existe muitas deficiências no funcionamento desses programas, como explica a professora Antônia da Escola 1:

Bem, a escola tem o Programa Mais Educação, mas que também não chega a cumprir assim um papel realmente social, ou um papel de, de, de, tentar minimizar essas deficiências, até porque faltam [sic] a sistematização muito grande. O projeto, o programa existe, mas nós percebemos que falta, faltam pessoas realmente preparadas para atuar junto às oficinas, falta uma adesão muito grande por parte dos alunos a essas oficinas, a exemplo de letramento, de práticas esportivas... Então assim, o programa existe, mas ele não acontece com a eficácia ou certamente com a proposta a que o programa se dispõe. [...] principalmente porque as pessoas que são designadas a ministrar essas oficinas, geralmente são pessoas que vem através de uma indicação política. Então o critério não é a competência ou a eficiência daquele profissional naquela área. Mas é simplesmente atender a mais um emprego, então são pessoas que atendem ao convite para virem ministrar as oficinas, mas infelizmente deixam muito a desejar, porque falta informação, conseqüentemente o aluno passa por todo o desinteresse a acaba até mesmo por desistir do próprio curso (ANTÔNIA).

Além disso, existe ainda resistência desses alunos e das famílias, para que eles participem. A frente, a professora Marta da Escola 4, fala sobre isso. Note também, que a professora contradiz a Gestora da escola, no que diz respeito à adesão dos alunos ao programa Mais Educação:

[...] o programa Mais Educação, né? Que veio ajudar muito porque é, eles gostam, eles participam, frequentam. É aquela escola integral, na verdade eles não ficam o dia todo porque a escola não tem estrutura. Mas eles lancham, ele almoça na escola e a frequência é 100%. Eles gostam muito do programa (ANDREIA).

[...] tem o programa do Mais Educação e tem o Letramento [...] como é o horário oposto, aí essas mães e também não tem a falta. Então elas não se preocupa [sic] em mandar a, os filhos vir à escola, porque tem uma, uma professora de letramento, a parte da manhã trabalha com ela à tarde, quem estuda à tarde trabalha pela manhã. E você tem que tá oferecendo, o professor da tarde, tem que estar oferecendo a ele, é, participação numa participação, pra poder eles virem ao programa. Mas se eles viessem seria muito bom, porque a, é, a professora do, do, do Letramento, eu já tenho contato com ela e ela é muito boa, ela tem vontade. E, e, em querer que eles aprendam, como eu também tenho, nós aqui da escola temos. Só que a falta de interesse, eu até eu acho que é por parte dos pais (MARTA).

A gestora Elisa da Escola 2 e a Secretária Adjunta da Educação, Joana, contam as iniciativas que as escolas têm para tentar ajudar os alunos a desenvolverem a aprendizagem:

[...] nós temos aqui uma professora de língua portuguesa, professora Estela, que ela nunca pediu nada em troca [para dar o reforço], nem que: “ah Elisa, vá na Secretaria e peça pra é, acrescentar no meu contra cheque um valor X.” Ela já se disponibilizou pra vir até a noite, já chamou os alunos, mas a gente sente essa dificuldade de trazer o aluno pra vim, pra escola no horário oposto. É, acredito que por isso e também, essa é um dos objetivos do programa Mais Educação, que é a escola de tempo integral, né? A gente tá tentando de todas as formas, sem ter espaço, fazer com que esse programa aconteça. Recentemente a secretária ela, a gente solicitou e ela alugou uma casa aqui nas proximidades, porque o nosso Mais Educação era realizado na Associação dos Moradores, né? O presidente, uma pessoa muito boa, humilde, acolhedora, nos cedeu um espaço muito pequeno, mas nos cedeu. Durante três anos a gente, é, tentou realizar um bom trabalho, mas, não deu resultado, aí agora nós temos uma casa que a Secretaria da Educação alugou. Então, eu não posso falar nada por enquanto, mas a gente tá na esperança de que a partir é, dessa mudança, muitas coisas novas irão surgir, muitas coisas e, mudanças é [sic], é, para o bem da escola certamente irá acontecer (ELISA).

As escolas na sua proposta pedagógica eles tem um programa, né? Dentro do programa Mais Educação, que oferta as aulas de letramento, certo? E algumas escolas da rede também têm os professores adaptados, então eles atuam como aqueles professores de reforço, com as crianças que tem essas dificuldades (JOANA).

A Escola 3, é a única escola entrevistada com sala de Atendimento Escolar Especializado, para trabalhar com alunos que possuam deficiência física. Abaixo a gestora Patrícia explica como funciona esse atendimento:

[...] a gente tem também [...] uma sala de acompanhamento, né? Que é a sala do AEE [Atendimento Escolar Especializado], né? Que acompanha os alunos que tem deficiência. [...] É, no horário oposto tem a professora que, que faz o acompanhamento, né? De acordo com as dificuldades que ele [o aluno] enfrenta na sala de aula, aí tem a professora que dá aquele suporte. [...] É através do lúdico e de acordo com a, a, a, a condição de cada um, né? De acordo com a, a dificuldade. Por exemplo, se ele for um aluno que tem uma deficiência auditiva, visual, aí cada um de acordo, cada aluno de acordo com a sua dificuldade. [...] Não só o professor [identifica a deficiência], mas ele também tem que ter o laudo médico, né? Um laudo que a gente chama de diagnóstico para que ele seja acompanhado naquela sala. [...] Na maioria das vezes a família já tem o conhecimento, já trás esse diagnóstico, né? De casa no ato da matrícula, aí a gente já... [...] mais precisamente pra [ajudar] o aluno, no sentido de que ele sente dificuldade de aprender. Por exemplo, se ele tem uma baixa visão, então, essa baixa, essa dificuldade que ele tem vai ser assistido lá na sala, a professora, nas disciplinas que ele tiver dificuldade a professora vai... [ajudar] [...] Em qualquer que seja a disciplina [que o aluno tiver dificuldade] (PATRÍCIA).

A Secretária Adjunta da Educação descreve a situação das salas de Atendimento Especializado no município:

Nós temos uma coordenação que atua diretamente as escolas, até o dia de hoje, né? Porque a gente acabou de demitir essas pessoas. Nós tínhamos 15 mães que a gente chama, profissional cuidador, daquelas crianças que tem dificuldades mais graves, né? De locomoção, interpretes... Então a gente sempre dá uma proposta, tem uma equipe voltada também pra esses alunos. E tem as salas multifuncionais, né? As de AE, que o aluno quando, com necessidades especial [sic], é atendido em contra turno. [...] Nós temos cinco escolas que tem as salas multifuncionais, inclusive, duas estão localizadas no Jatobá, uma em Santa Gertrudes, uma no, na saída do Bivar Olinto, certo? Uma no Aristides, nós temos cinco. E dentro o quadro de profissionais ainda o numero é pequeno, nós temos 16 pessoas que atuam nessa área. [...] Nós vamos é, pensar em encaminhar, né? [para compor novamente o quadro de profissionais cuidadores] Um projeto, pra que esses profissionais como os interpretes e esses profissionais cuidadores possam estar concorrendo a vagas, né? Porque é diferenciado o atendimento pra essas crianças (JOANA).

Os professores Pedro e Marta das Escolas 3 e 4 também declaram haver alunos com deficiência na escola, no entanto, afirmam também não haver um tratamento especializado para eles:

[Aluno com deficiência] Física nós temos um, pelo menos assim, na parte da tarde tem um menino que ele agora até concorreu é, como deficiente, nesse negócio da, do [sic], atletismo. [...] as pernas dele é assim, meio tortinhas. Ele é lá do sexto ano. Não [não existe tratamento diferenciado], ele é tratado [...] como todos os alunos (MARTA).

[...] nós temos alunos de várias maneiras. Eu tenho aluno que tem deficiência, a gente tem alunos que são negros, outros que são brancos, tem diversidade geral, né? Em sala de aula, nós lidamos com alunos que tem problemas, eu só tenho uma aluna que tem dislexia, né? Não consegue assimilar rápido, então diferente das outras turmas. Eu tenho que ter um olhar diferente pra ela, dos demais alunos da minha sala, mas os demais eles são sem nenhum problema, sem preconceito, não tem nada, em relação a isso (PEDRO).

Segundo informações do Ministério da Educação, a maioria dos alunos de escolas públicas apresenta baixo rendimento escolar. Esse resultado está frequentemente associado ao contexto de dificuldades socioeconômicas vividas por eles, pois embora as condições socioculturais não sejam um determinante, elas podem refletir no desempenho dos alunos (BRASIL, 2011).

Por outro lado, o MEC acrescenta ainda, que é possível que em algumas escolas que atendem a estudantes que compartilham da mesma realidade social e cultural, pertencentes à mesma rede e com os mesmos recursos financeiros, pode haver uma enorme diferença no rendimento dos alunos de uma escola para outra. Isso devido ao fato das diferenças de desempenho não estarem nos alunos, mas na gestão e nas políticas e práticas adotadas pelas escolas, que podem fazer a diferença em relação ao desempenho escolar. Uma escola que investe no ensino, na cultura, em projetos e práticas pedagógicas e nos valores, podem ajudar os alunos a se desenvolverem e vencer barreiras sociais (BRASIL, 2011).

Adiante, os entrevistados acreditam que a condição sociocultural dos estudantes não determina, mas pode exercer influência na aprendizagem dos educandos:

[...] diria que, que influência né, a condição social. É claro que uma criança é, bem alimentada, saudável, né? Ela vai ter uma aprendizagem melhor com certeza. Até emocionalmente, quando a criança tá bem, quando a criança psicologicamente se sente bem, a gente sabe que ela aprende melhor, né? Eu não diria, não generalizaria, assim, não diria que todas as crianças que tem uma classe social menos favorecida aprendam menos, né? Mas a gente sabe que essas questões influenciam na aprendizagem. Não tão... Porque a gente sabe também que crianças que tem uma classe social diferenciada, mas que se desenvolvem e aprendem no seu ritmo, bem. Eu não diria assim, mas influencia. Não tão diretamente, mas de certa forma influencia na aprendizagem (MARIA).

Eu acredito que sim [a condição social influência na aprendizagem], até pela falta de tempo para estudar, nós temos é, muitos alunos que trabalham e eles deixam assim... Claramente que trabalham por uma necessidade familiar. E geralmente eles trabalham assim, a manhã inteira e eu considero que um aluno que passa a manhã inteira é, por exemplo, vendendo tapioca em uma cidade quente como Patos, ele já chega à tarde para estudar muito cansado. Então assim, nós percebemos muito isso, né? Nós tivemos ano passado aqui um aluno que também com uma situação financeira difícil na família ele trabalhava na SEASA e ele começava a trabalhar às 3h da manhã e chegava assim, quase na hora de vir à escola e nós percebíamos que o cansaço dele era visível (ANTÔNIA).

Já para a professora Marta da Escola 4, a aprendizagem do aluno não está relacionada ao seu contexto sociocultural, mas ao interesse dos alunos em querer aprender:

[...] condições difíceis de vida isso num [sic], na minha concepção, não tem esse negócio de não aprender não. “Ah porque eu tô [sic] com fome num prendo”. Aprende, sabe por quê? Porque aqui na escola num falta merenda, então eles têm a merenda e muitas vezes ele não chega nem... Os que não têm, a, a, a condição deles são pequenas, eles não vão nem merendar. Porque diz que não gosta da merenda, sabe? Mas é uma merenda de boa qualidade e nós professores a gente lancha dessa merenda, né? Quando sobra. E muitas vezes a gente observa, eles não querem a merenda. Agora existe o seguinte, a falta de interesse que é grande, entendeu? Não só aqui, é, é, de Santa Gertrude, mas eu acho que tá no Brasil inteiro essa falta de interesse por parte dos alunos. Porque ninguém não venha me dizer que é falta de, de comida, não? Que na escola tem merenda, e muitas vezes eles não merenda, né? Então não é a falta de comida, é a falta de interesse mesmo. É a falta de, de, não querer, de vim, é como eu lhe disse, vem pra escola simplesmente por causa da bolsa, porque é obrigado às vezes até pelo pai, pela mãe. Porque esse dinheiro era pra ser pra o aluno, em prol do aluno e muitas vezes não é, é para a família. Aí eles obriga [sic] a criança a vim na escola, muitas vezes eles não quer [sic] e o que, que acontece? Eles se revolta [sic], muitas vezes acontece briguinta entre eles em sala de aula, então, aí o professor tem que tá lá pra ajudar, pra, pra ser polícia, pra ser advogado, pra ser tudo. Professor não é só professor (MARTA).

Outro fator crítico que se abre entre os alunos em situação de risco e os estudantes socialmente mais favorecidos, é o fator econômico. Nesse sentido, exigem-se grandes esforços da educação, no sentido de oferecer uma educação que proporcione aos alunos uma igualdade de oportunidades e meios de saírem da zona de risco onde vivem, a fim de que alcancem o crescimento profissional e o resgate da sua dignidade. Adiante, realiza-se uma

explicação sobre a importância do direcionamento de recursos para a educação, como também, o direcionamento desta para a formação de mão-de-obra qualificada.

4.3.3 Dimensão Econômica

No que tange os aspectos econômicos da educação, a melhoria da qualidade educacional exige tanto esforços do Governo a fim de destinar mais verbas para melhor desenvolver o sistema escolar, como também, os sistemas de ensino precisam oferecer aos alunos, condições para que esses possam ser donos do próprio futuro. Sendo capazes de continuar adiante nas demais modalidades de ensino e se desenvolver como profissionais competentes.

Os resultados dos testes internacionais de avaliação escolar tem demonstrado que o rendimento dos alunos é diretamente influenciado pelas condições socioeconômicas dos estudantes. Desse modo, a UNESCO sugere elaboração de políticas educativas e econômicas a fim de diminuir as desigualdades existentes entre os estudantes. Nesta perspectiva tanto a UNESCO quanto a OCDE utilizam o conceito de insumos-processos-resultados, onde se define educação como a relação de recursos materiais e humanos que se investem nela. Desse modo, uma educação pode ser considerada de qualidade quando se dirige a satisfazer as aspirações de todas as pessoas e investe recursos necessários para dar e assegurar as oportunidades a todos de recebê-las (UNESCO, 2003).

Assim, uma educação de qualidade requer também escolas bem estruturadas para atender às necessidades pedagógicas dos alunos. Para isso, existem os questionários socioeconômicos que junto com a nota da Prova Brasil pretende avaliar o contexto em que se encontram as escolas que se submetem as avaliações e assim, desenvolver programas para atender as suas necessidades.

O Plano Nacional de Educação define como metas para a melhoria do ensino público: padrões mínimos de infraestrutura de prédios e instalações, formação para profissionais da educação, programas de formação em serviço, definição de políticas específicas para diferentes níveis e modalidades de ensino, elaboração de projetos pedagógicos para as escolas, estrutura de supervisão, implantação de conselhos escolares, alimentação escolar, oferta de livros didáticos, programa de renda mínima, transporte escolar, melhorias do desempenho dos alunos de forma a atingir níveis satisfatórios no SAEB e

demais sistemas de avaliação do desempenho, formação de professores, incentivo à criação e funcionamento de organizações estudantis e erradicação do analfabetismo, entre outros (BRASIL, 2014b).

Nesse sentido, os gestores e docentes entrevistados falam sobre os investimentos do Governo para a educação:

[...] tudo vem através de projetos, né? São mais dinheiro. Agora, claro, a escola que deixa de fora ela vai só cair na questão financeira. Porque a escola hoje, tudo que a escola recebe em matéria de financeira de dinheiro é através desses projetos, ou Prova Brasil ou outros e outros, mas tudo é através da Prova Brasil (PATRÍCIA).

O PDDE aumentou e o PDE, a gente tá em processo de ação, né? Porque aí com IDEB da Prova Brasil tudo isso faz com que aumente financeiramente os recursos da escola (ANDREIA).

[...] houve a adesão de todos esses programas é, Mais Educação... Tem o Mais Cultura que surgiu esse ano, que é justamente o projeto que é realizado com pessoas da comunidade. Nós já enviamos para o MEC, teremos o resultado provavelmente lá pra dezembro, mas ele será realizado daqui a um ano se for aprovado. [...] Houve muitos avanços sim, mais materiais pedagógicos e didáticos que a gente recebe. Hoje mesmo a gente recebeu 10 caixas, com muitos dicionários, inclusive dicionários de Evanildo Bechara um dos grandes gramáticos, né? Da, da do Brasil, tem muitas coisas boas (ELISA).

Já com relação à infraestrutura das instituições de ensino, a Gestora Andreia e a professora Marta da Escola 4 esclarecem que as reformas realizadas na infraestrutura da escola foram realizadas por meio da prefeitura do município, sem a contribuição direta do Governo Federal.

Porque assim, a gente teve uma ampliação [na estrutura da escola], mas por conta da prefeitura, então não tem nada haver, né? E a questão é justamente essa, que vai ter uma reforma estrutura, na infraestrutura, mas quando a gente terminar de responder o processo das ações do PDE, que é voltado, a gente também responde muito a Prova Brasil. Mas aí eu não posso te [sic] dizer hoje como, porque eu não terminei ainda, não tá fechado 100% (ANDREIA).

O ano passado, a gente, é, teve uma reunião aqui cum [sic] o, o prefeito, o secretário e nós, professores e funcionários nos reunimos e pedimos para quê ele, ele... Devido às salas ali ser muito quente, pedir, a gente fez o pedido e foi atendido que ele climatizou. Só que eu não sei se é de boa qualidade ou não, ou má qualidade, que vive mais quebrado do que, entendeu? Aí ele forrou, é, foi [sic] forrada as salas e foi colocado uma central. Aí melhorou muito, mas quando está funcionando. Fora isso, tem, eu acho que tem assim, alguns dinheiro que dá pra gente comprar, é, agora mesmo foi comprado um fogão que a escola tava [sic] precisando, eu acho, eu acredito que seja em prol dessas coisa [sic], né? É como eu lhe disse, eu não faço parte do Conselho, só, só sei o que se fala em reunião (MARTA).

Para a Secretária Adjunta da Educação as condições de infraestrutura das escolas não exercem influência direta na qualidade do ensino:

Não, não. Já teve uma prova da escola Escola 4, onde todos os alunos são vindos da zona rural e que a escola não tem uma estrutura tão adequada como a escola de primeiro e ensino fundamental I e ensino fundamental II, né? Da pré-escola ao nono ano, e lá sempre teve bons resultados. O Humberto Lucena, várias outras escolas, mas a questão da infraestrutura eu acredito, não... Não, tem não influência não, o que vale justamente é a boa vontade do aluno, aprender e a responsabilidade do professor repassar seus conteúdos (JOANA).

Quando perguntado do por que de haverem escolas bem estruturadas e outras sem a infraestrutura básica para atuar, a Secretária Adjunta responde:

Pelo número de aluno, né? A diferença é essa, pelo número de alunos. A escola que tem mais alunos recebe um recurso a mais né? Essa diferença de [infraestrutura das escolas], acho que os nossos gestores anteriores não achava que Patos ia [sic] crescer né? Alguns que já foram crescendo lá já foram investimento [sic], né? E já foi a questão assim de, já ter do sexto ao nono ano e já foi se melhorando. As escolas do Jatobá ficam um em cima do outro, né? As pessoas não pensavam em fazer uma única escola que pudesse agregar todo mundo, aí fazia escola com quatro salinha [sic] de aula aqui, outra pra lá e assim foi. Então, eu vou dizer que foi assim, uma má, um mau pensamento. Eu não vou dizer uma má administração, de não vê que Patos poderia crescer e o número de alunos também ia aumentar, né? As responsabilidades com o ensino, que todo mundo mandava em tudo, não tinha a esfera nacional, municipal e hoje é cada qual no seu quadrado, né? Por isso essas dificuldades. E a gente enquanto gestora a gente se preocupa porque o MEC oferece uma construção de uma escola pra 16 salas, né? Onde possa comportar, e a gente já vai buscar essa escola maior pra atender e desafogar essas menores. Então não é culpa do gestor que está na escola, que está na escola grande ou numa pequena não, eu só vejo que foram os antigos gestores que não pensavam no crescimento dessa cidade. E talvez o recurso também da época também não favoreça a construção de escola maior, né? Porque também tem isso (JOANA).

Abaixo também, ela fala sobre a responsabilidade do gestor escolar para o recebimento de maiores recursos:

[...] na minha escola, eu tenho um aluno com deficiência e não cadastro ele no censo, então o censo não pode me encaminhar recursos para que eu possa trabalhar com meu aluno com deficiência sem ser informado. E até uma escola que às vezes tem mais é porque o diretor sempre coloca que tem né? E o censo vem investindo muito, o MEC tem investido muito na questão dos alunos com deficiência, né? Aí encaminha. Então tudo isso vem em cima disso aqui, porque o aluno ao chegar na escola regular com deficiência ele tem o valor dobrado, certo? E também, quando o Ministério manda um recurso, é uma forma de não atentar que ele possa receber esse aluno, né? “Eu não vou comprar agora porque eu não tenho esse aluno, mas eu posso ter.” a escola sempre aumenta essa verba e vai fazer a aquisição também disso, recursos visuais, ou de libras, seja lá o que tipo de necessidade que ele adquiriu, certo? Realmente existe uma carência em uns e outros têm muito mais, mas é a falta de informação junto ao Ministério, ao INEP, né? Ao MEC (JOANA).

No que diz respeito à igualdade de oportunidades, a UNESCO (2008, p. 13) esclarece que na sua concepção de equidade, trata-se da equivalência de direitos. Onde é preciso que haja o equilíbrio entre os princípios de igualdade e diferenciação. Nesta perspectiva, ela acrescenta ser obrigação dos sistemas educacionais promover a equidade com bases nas dimensões de acesso, processos e resultados, onde a educação trate de forma

diferenciada o que seja desigual na sua origem, para assim, alcançar resultados “equiparáveis e não reproduzir as desigualdades presentes na sociedade”.

A UNESCO (2005) entende ainda, que para o alcance de uma educação de qualidade, é preciso respeitar os direitos individuais, melhorar a igualdade de oportunidades no acesso e nos resultados, além de oferecer uma educação que relacione o ensino, com as habilidades necessárias para a vida cotidiana. Sendo o acesso à educação e a igualdade nos resultados de aprendizagem, instrumentos necessários para garantir as crianças aquisição de habilidades básicas cognitivas. Sendo responsabilidade dos sistemas de ensino, o não desenvolvimento destas. Neste contexto, buscou-se compreender entre os entrevistados, se os alunos das escolas estudadas, adquiriram os conhecimentos e habilidades necessárias para se igualar com os demais estudantes de outras instituições, em termos de conhecimento e oportunidades.

Na fala da gestora Maria da Escola 1, é possível identificar a preocupação que existe por parte da escola para melhor preparar o aluno para adquirir habilidades necessárias para conquistarem as mesmas oportunidades que os estudantes de outras redes de ensino, na continuidade do seu estudo. Mais abaixo a Professora da mesma escola acrescenta ainda, que existe muita diferença de nível de aprendizagem entre os alunos da escola em que atua e os alunos de escolas particulares:

[...] eu não poderia subestimar o meu aluno, dizer assim... É... Dizer se ele tem condição de competir com os outros, né? No mesmo nível, no vestibular, no concurso público. A gente tem essa preocupação de preparar o aluno pra que ele tenha condição de competir igualmente com todos os outros alunos até da rede privada, né? Que a preocupação é essa, a rede municipal ela prepara o aluno pra que ele tenha a mesma condição de competir com os alunos das escolas da rede privada, porque essa preocupação é enorme. Se o aluno tá saindo realmente preparado pra competir lá fora de igual para igual com o outro aluno. Eu acredito que a escola tem tido essa preocupação e tem trabalhado pra que isso aconteça, entendeu? Pode até ser que alguns não consigam né? (MARIA).

[...] se essa comparação do nível do aluno sai do nono ano, um aluno da escola municipal, se ela for relacionada, por exemplo, a uma escola particular a diferença é enorme, certo? Vou citar só um exemplo que é a formação em língua espanhola, um aluno da escola particular ele tem acesso desde os anos iniciais e um aluno da escola municipal ele vai ter acesso a um, a esse idioma somente no ensino médio. Então assim, realmente é um conjunto de competências que a escola pública, seja ela municipal, ou seja, ela estadual, não prepara o aluno para ingressar no ensino médio concorrendo de igual para igual com alunos de outras instituições principalmente as particulares com o mesmo nível de igualdade para ingressar em uma universidade. Daí a gente tem percebido que a necessidade das cotas, né? Então as cotas todas tem se comportado como uma maneira que o governo tem visto para facilitar o acesso do aluno da escola pública a universidade, porque ele já percebeu que se for por conhecimento, demonstração de conhecimento o aluno da escola pública dificilmente vai ingressar... Em um curso superior (ANTÔNIA).

Bem, como professora, a minha experiência com o ensino fundamental é bem curta, né? Eu não tenho assim, a longo prazo [sic] muitas informações, mas eu acredito que... A minoria realmente vai chegar à universidade, e dessa minoria menos ainda vão chegar a concluir o nível superior. Há uma falta de perspectiva muito grande de vida... Por parte deles, então... É, reproduzir o... A prática, a vivência familiar, do pai que já é pedreiro, da mãe que é empregada doméstica, é como se fosse o máximo que eles almejassem. Então assim, é uma, uma realidade muito triste que eu conheci. Eles não têm muitas perspectivas... De, de uma, de estudo e nem de um, uma carreira profissional (ANTÔNIA).

Já a gestora Elisa da Escola 2 e o professor Pedro da Escola 3, apontam a desigualdade de aprendizagem existentes entre as escolas onde atuam e as escolas particulares, afirmando ainda, que os alunos das Escolas 2 e 3, não adquiriram as habilidades necessárias para se igualar em termos de desenvolvimento educacional aos estudantes da mesma faixa etária em outras instituições:

Olha, de 100% eu acredito que 2% sim [estão preparados para o mercado], 98% não. [...] É, eu acho assim, que o investimento na educação tá muito grande, mas precisa um “acorda menino, vamos acordar”, porque não adianta só recursos, nós os professores, nós como profissionais a gente também tem que, tem que estudar, tem que procurar, tem que também pesquisar, tem que ter o nosso interesse. Eu volto para o exemplo, tudo você tem que ter exemplo. Mas aqui mesmo, 98% não estão preparados para enfrentar o mercado de trabalho lá fora, infelizmente, falta espaço, falta estrutura. A gente tenta desenvolver projetos aqui é ah meu Deus, é um sofrimento, porque nós não temos espaço, temos salas muito apertadas [...] (ELISA).

A maioria não, a maioria não [dos {alunos não estão preparados para o mercado}]. Como eu te falei 98% naquela hora, né? Eu te contei, eu falei pra você que tem muita dificuldade, 2% apenas realmente sai dominando a leitura e a escrita. Não digo a metade, mas 20%, os 80% ainda precisa melhorar muito. Mas a gente também tem que ver assim, o mercado de trabalho tá muito exigente, né? As oportunidades elas surgem todos os dias, aí você pode me perguntar: você acha que o problema tá só na escola? Não. Também tá na vontade da pessoa, que a gente tenta estimular esses alunos de todas as formas, mas é um cabedal de problemas (risos) que se a gente for debater aqui esse cabedal, é família desestruturada, é são pais é... Que como eu falei pra você, estão presos, outros abandonam a família... Tem professores que estão desestimulados... Mas em contra partida, nós temos professores que são utópicos, com o pé no chão, mas são utópicos e tentam desenvolver o ensino com qualidade (ELISA).

Os alunos da escola pública, eles não saem com a mesma sintonia que os alunos da escola particular. [...] Eu noto porque, como eu disse são os mesmos livros em duas escolas e o conteúdo eu consigo assimilar numa escola e em outra não, em determinadas turmas. Por exemplo, meu nono ano hoje, ele sai, pra competir com qualquer aluno de nono ano, mas o meu sétimo ano que eu tenho aqui, ele não sai para competir com qualquer sétimo ano de escola. Porque eles não tiveram uma base, eles não têm uma base, eles não têm um conhecimento que é necessário pra ter. [...] Hoje eu posso dizer que eles têm, mas eu não sei o meu nono ano do ano que vem né? Se eles vão ter a mesma capacidade (PEDRO).

Apesar das deficiências existentes na Escola 2, a gestora Elisa acredita que, mesmo recebendo uma educação de qualidade inferior a recebida pelos alunos das escolas particulares, os alunos da Escola 2, adquirem habilidades necessárias para se tornarem bons profissionais:

Tem um nível bom [os alunos], pra adquirir, pra vamos dizer, pra ir em frente como um bom aluno e um bom profissional também (ELISA).

A gestora Andreia da Escola 4, também acredita que os alunos dessa escola adquirem habilidades necessárias para serem bem sucedidos no futuro:

A maioria sim, a maioria sai daqui preparado para competir com outros alunos. [...] A maioria que eu conheço estão bem, estão em outras escolas, continuando o estudo, entendeu? É como eu digo, vários avançam. Eles já saem daqui preparados pra outras escolas. Uma raridade que, uma minoria que muitas vezes não segue, entendeu? Mas uma minoria mesmo (ANDREIA).

Em conformidade, a Secretária Adjunta da Educação, acredita que as escolas municipais têm cumprido o seu papel de preparar os educandos para o futuro:

Eu vou falar pelo que, de experiência que eu tenho no município, certo? Que eu nasci dentro da escola municipal, sou fruto de escola pública e eu acredito que ele [o aluno] tem a mesma condições [sic] de, de conquistar o mesmo espaço de quem vem da rede privada. Porque aqui a gente já teve experiências alunos da escola Escola 4, localizado no distrito de Santa Gertrudes já chegou aos primeiros lugares em vestibulares do IFPB. [...] Diante que a gente tá, do quadro funcional hoje que nós temos que eles [os alunos] estão sendo bem preparados. A prova disso, nós temos hoje três representações em João Pessoa. Três projetos dos nossos alunos defendendo hoje em João Pessoa, que é a Conferência Infante Juvenil, e são três nomes de peso, certo? De alunos do sétimo e nono ano [JOANA].

Assim, a UNESCO (2003) entende que uma educação de qualidade é aquela capaz de unir o ingresso ao termino completo da educação primária. Propiciando também, experiência educacional relevante para a vida das pessoas e criação de igualdade de oportunidades.

Nesse sentido, apesar das dificuldades das escolas e do sistema educacional, apontados durante as entrevistas, os educadores afirmam também, que alguns alunos conseguem vencer essas dificuldades e continuar os estudos e mesmo se inserirem no mercado de trabalho:

Depois que eles têm saído né? A maioria estão [sic] cursando o ensino médio entendeu? Nós já temos exemplo aqui de alunos, que foram alunos nossos e que hoje lecionam na escola, são professores da escola. É claro que numa minoria, né? Mas temos professores que foram nossos alunos e a maioria eles estão estudando, continuam estudando, entendeu? Isso é bom, né? Porque a gente sabe que uma minoria é claro, a gente encontra alunos que não, mas a maioria estão [sic] estudando, trabalhando, continuam estudando (MARIA).

Como eu já disse a você, que tem aluno hoje que já é nosso colega de trabalho. Eu encontro aluno, dentro de enfermagem, eu encontro aluno policial, já que, por exemplo, eu tenho aluno aqui que ele foi embora pra Brasília, voltou e hoje ele já é bem, um cargo bem elevado dentro da polícia. Isso ele me agradece muito, os conhecimento que ele ganhou aqui. Porque geralmente você sabe, em faculdade a gente não aprende nada, aprimora o que aprendeu. Porque eu acho isso, porque nada do que eu aprendi lá eu não já sabia. Apenas vamo [sic] dizer, uma espécie de uma

revisão, pra saber se realmente você sabe. Porque se você geralmente sai do fundamental I, II, sabendo ler e escrever corretamente, tá preparada pra qualquer profissão que você pode assumir (ESTELA).

[...] a maioria vai pro IF [IFPB], a maioria dos alunos que terminam aqui vai pro IF (PATRÍCIA).

[...] que eu saiba a maioria dos meus alunos quando eu encontro eles estão cursando o ensino médio, Graças à Deus. Estão estudando em outras escolas, porque essa escola não disponibiliza o ensino médio, né? Então eles estão em outras escolas estudando o ensino médio (PEDRO).

[...] aqui a gente já teve aluno que teve primeiro lugar no IF, certo? Que é o caso do José Neto Leite, tem o caso de outro, José, José Wesley, teve o caso da aluna Joyce, da aluna Rebeca que foram alunos que se saíram assim, muitíssimo bem no, na prova do IF e até hoje eles estão lá concluindo. E, é, a gente tem, os alunos daqui, ele participa demais de, do [sic], projetos, das coisas. E, aqueles que têm interesses, eles tem capacidade de saírem daqui como saiu... O ano passado saiu o aluno daqui pra estudar na escola GEO e até hoje tá, como na linguagem dele, mandando bem, né? Mandando bem (MARTA).

Em contrapartida, a gestora Elisa da Escola 2 declara que mesmo havendo aqueles alunos que superam as dificuldades, ainda é grande o número de estudantes que não conseguem vencer a luta contra as drogas e desigualdades sociais:

Ah, muitos alunos, a gente tem alunos aqui que já são médicos, advogados, não são muitos, mas temos, são engenheiros, e por outro lado também, temos outros que foram assassinados por causa das drogas, que a droga aqui é uma constante. Aqui é uma área de risco. Temos alunos que estão presos, temos alunos que estão procurando emprego, que estão desempregados, porque desistiram de estudar e desesperados atrás de uma vaga e muitas vezes não encontra mais devido a sua idade. Querem estudar pelo menos à tarde e não encontram vagas, não tão encontrando mais nem à noite (ELISA).

Na fala da professora Antônia da Escola 1, também é possível ler um quadro preocupante da educação, onde muitos estudantes desistem dos estudos após a conclusão dessa etapa do ensino. Ela relata também, a incidência de meninas que engravidam na adolescência:

[...] o que nos entristece é porque muitos estão estudando no turno da noite e já estão realmente no mercado de trabalho, o mais difícil é que eles estão no mercado de trabalho informal. Muitos também, muitas meninas principalmente, que já estão casadas, muitas que já engravidaram aos 15/16 anos. Então assim, aqui na comunidade é uma realidade bem... Bem tensa! Como se elas... Muitas aqui, muitos alunos aqui acreditassem que o ensino fundamental, o nono ano para eles representa o fim dos estudos, muitos ainda insistem, no ensino médio noturno e trabalham durante o dia, mas muitas, muitos alunos desistem, principalmente as meninas. Então assim, elas encontram o trabalho doméstico, é, é elas encontram... Na gravidez mesmo, na adolescência outras possibilidades da vida. É triste! (ANTÔNIA)

O uso de novas tecnologias também é apontado como fator de necessidade para o desenvolvimento da aprendizagem e inclusão digital dos alunos. A fim de eliminar as desigualdades entre os que possuem ou não acesso ao uso dessas tecnologias e pela

importância que esse ensino possui para a formação de capital social. O investimento no ensino tecnológico e científico também está associado ao combate à pobreza e elevação do nível de produtividade e formação de profissionais melhores qualificados (UNESCO, 2005).

Neste contexto, quando perguntados sobre o uso de tecnologias no ensino das escolas, foi possível perceber que a maioria das escolas, embora possuam sala de informática, negligenciam essa parte da formação dos estudantes, como segue nas falas:

Não. Eu vou considerar que não [os alunos da escola não possuem acesso a aulas de informática]. Porque eles têm a sala aqui, mas não tem internet. Mas eles fazem no telecurso [aula de informática] (ANDREIA).

Precisa de um projeto externo pra desenvolver projetos com os alunos. Inclusive eu já solicitei muito da UEPB, alunos de informática para trabalhar com eles [alunos da Escola 2] (ELISA).

Tendo em vista o objetivo inicial do trabalho de entender como o IDEB tem contribuído para a qualidade da educação básica em escolas do município de Patos - Paraíba. O tópico seguinte será destinado a análise dessas contribuições e os impactos para a vida escolar das escolas em estudo.

4.4 CONTRIBUIÇÕES DAS AVALIAÇÕES PARA A QUALIDADE NO ENSINO

Quando se fala em sistemas de avaliação, a principal preocupação que se levanta é sobre as contribuições que são trazidas por essas avaliações para melhorar a qualidade dos serviços avaliados. Neste sentido, o presente tópico visa compreender, de que forma os sistemas de avaliação do ensino básico brasileiro tem contribuído para melhorar a qualidade do ensino oferecido nas escolas em estudo.

Uma das principais desconfiças sobre a existência de provas como meio de avaliar os alunos, é se essas avaliações vão identificar onde o ensino está falhando e como eles podem contribuir para a criação de projetos para melhorá-lo ou se essas avaliações vão empurrar o ensino para se tornar mais mecanizado, com vistas a preparar o aluno somente para passar nos testes, em detrimento do seu desenvolvimento educacional. Conforme exposto nas falas de Terto e Pereira (2012, p.10), quando diz que uma escola pública não deve se basear apenas na qualidade apontada pelos índices e rankings, para treinar os alunos para a realização de provas, a não ser que esse treinamento contribua para melhorar a aprendizagem desses alunos.

Nesse sentido, nas falas que se seguem, é possível identificar a postura de treinamentos adotada pelas escolas para o alcance de melhores índices, onde as gestoras Maria e Patrícia das Escolas 1 e 3 e a professora Estela da Escola 2, acreditam que esses treinamentos têm contribuído para melhorar a aprendizagem dos alunos:

O ensino ele tá sempre mudando, né? Você sabe que a Secretaria de Educação trabalha muito com capacitação de professores e a cada dia, sempre tá melhorando. [...] Porque tudo não é pra melhorar o ensino, né? O ensino público? Tem haver, né? O que tá acontecendo... [...] acontece esses aulões, os professores preparam o nono para que eles fiquem mais motivados... Tem bizurada, tem aulão e bizurada sempre tem aos sábados (PATRÍCIA).

[...] a gente inclusive tem começado a trabalhar, nos quarto, terceiro, quarto e quinto ano pra quando chegar o dia [de realizarem a Prova Brasil]. A gente não se prepara somente no ano de Prova Brasil não. Existe a preocupação ano após ano, entendeu? (MARIA)

Eu achei que despertou um interesse maior, sabe? Tanto do aluno, como também o professor, também ele... [...] não é no sentido de financeiro, eu digo assim, é no sentido de, daquela preparação daquele cuidado, às vezes preparar até o final do ano, tipo assim, reforço, né? Nas disciplinas, aquele interesse maior. Existe aquela preparação que o aluno sabe, tem conhecimento que vai ter, então vamos estudar mais na Prova Brasil, o IDEB lá e tal. É mais uma incentivação.[sic] (ESTELA)

A gestora Maria da Escola 1, também afirma que apesar do estudo direcionado aos exames, a Prova Brasil trouxe também, incentivos para melhorar a qualidade do ensino nas escolas e explica de que forma o ensino melhorou:

[...] É, a preocupação com a aprendizagem aumentou, os conteúdos foram trabalhados com mais clareza, entendeu? Então na questão de aprendizagem nós adquirimos, é, nós melhoramos muito. Eu acredito que influência da Prova Brasil, né? Você é avaliado tanto, nem tanto por essa questão, mas ela deu uma oportunidade para que a gente trabalhasse melhor, entendeu? Pra que a gente enriquecesse mais o currículo da escola. Então ela influenciou de forma positiva na aprendizagem (MARIA).

No entanto, a professora Antônia da Escola 1, aponta a falta de interesse dos professores em manter a qualidade do ensino nos anos em que não acontecem a Prova Brasil:

[...] eu acredito tem [sic], há um nível de interesse maior, agora assim, pena que como a avaliação só acontece é, a cada dois anos, então no ano em que o aluno não é avaliado o grande problema é esse, é que muitas vezes a escola não mantém aquela postura de avaliação... o professor não mantém uma sistematização do seu trabalho por que? Ele não vai ser avaliado, né? Ficando geralmente toda essa preocupação para o ano seguinte. Quando é Prova Brasil ela vai apenas o quê? Fazer uma amostragem daquele ano, mas de competências que todos os alunos precisam sair atingindo (ANTÔNIA).

Os sistemas avaliativos do Brasil, em especial o IDEB foram desenvolvidos a fim de garantir maior desenvolvimento e melhoria das desigualdades sociais. Com vistas a traçar

políticas públicas (AMARAL, 2011) que contribuam para minimizar as disparidades existentes entre as escolas do país.

O objetivo principal dos sistemas de avaliação é melhorar o ensino praticado em sala de aula e direcionar os investimentos. Neste sentido, nas falas a seguir os entrevistados descrevem quais mudanças positivas as avaliações trouxeram para o dia a dia dos alunos:

Porque eu acho que eles [os alunos], assim, eu não sei se foi a parte dos professores que participam da capacitação que veio a melhorar, entendeu? Então eles [os alunos] melhoraram muito o desempenho deles, quando fala é Prova Brasil, eles gostam de participar das bizuradas, dos simulados, melhorou muito (ANDREIA).

Acho que ela [Prova Brasil], é, uma forma, uma vamos dizer de... Do aluno se preocupar em querer ler. E mostrar aquilo que ele sabe através da leitura e da escrita que é o que aprova, né? (ESTELA).

Os sistemas de avaliação da educação básica foram criados com o intuito de diagnosticar os problemas existentes no país em especial em cada uma das instituições de ensino. No entanto, é preciso que as escolas participem das avaliações para assim, ter suas médias de desempenho calculadas pelo IDEB e desse modo, receber o apoio técnico/financeiro do Ministério da Educação (BRASIL, 2014f).

Aqui a gestora Maria e a professora Antônia da Escola 1 esclarecem de que forma o índice tem influenciado nos investimentos do Governo para as escolas que obtiverem melhores e piores resultados segundo os resultados apresentados pelo IDEB:

[...] as escolas, a gente sabe que as escolas que tem um menor aproveitamento e que as escolas que são mais baixo recebe mais recursos pra trabalhar, entendeu? Pra melhorar o índice de aprendizagem. O que no nosso caso, não foi... Não, porque nós tivemos, atingimos e até ultrapassamos as metas, então... Assim, recursos é claro, a escola tem melhorado, a escola tem melhorado bastante, certo? Recursos pedagógicos, é, são, são enviados recursos pra se trabalhar a questão da aprendizagem, recursos pedagógicos... De certa forma a prova influenciou na melhoria, né? Dos recursos eu acredito, nem tanto porque as escolas que tem o índice bem mais abaixo da média são as que recebem mais recursos para trabalhar, entendeu? As escolas que estão com o nível de aprendizagem inferior, o Governo Federal investe mais pra que melhore a qualidade do ensino, no nosso caso nós já atingimos a meta, ultrapassamos as nossas metas, então de certa forma influenciou, não tanto entendeu? (MARIA).

Não. Nenhuma melhora, nós não tivemos nenhum incentivo, não tivemos nenhuma forma de reconhecimento, em relação a termos atingido a melhor nota é... De escolas públicas municipais no município de patos, não tivemos qualquer reconhecimento. [,,] nós ultrapassamos a meta e chegamos, a meta que era prevista pra 2011 e chegamos a meta de 2017, e a minha surpresa foi que, quando eu pensava que aí por conta disso a escola receberia equipamentos, ela passaria a receber verbas, carteiras inclusive, é... Eu tive a surpresa de que, por ter é, alcançado uma nota tão significativa, o contrário, a escola deixava de receber uma verba, que seria uma verba destinada a melhoria do ensino da escola. Então assim, realmente para mim foi bem contraditório, porque eu imaginava o inverso, que com o desempenho dos alunos e com o desempenho da escola representaria justamente uma melhoria nas condições, inclusive de trabalho, e o que não acontece. (ANTÔNIA)

A Secretária Adjunta da Educação explica quais são os critérios utilizados pelo Governo, para o envio das verbas destinadas para a manutenção das escolas:

Não, assim com os resultados do IDEB? Não, porque os programas do Governo Federal quando eles mandam, eles mandam pelo número de habitantes, né? Aí a atividade socioeconômica do município é que tá fazendo isso. Agora vê a questão de conteúdo, de aprendizagem, é muito bom. A gente consegue né? Vê onde a gente tá falhando, pra ir no ponto da falha. E no financeiro, os recursos que eles investem mais no que a escola já recebe, investe mais na aprendizagem, formação dos professores e nas aulas de reforço (JOANA).

Adiante ela explica também de que forma o Governo tem investido nas escolas com os piores índices de aprendizagem, para ajudar na melhoria do ensino destinado a esses alunos:

Não, eles recebem os recursos sim, né? Um recurso pra combater a dificuldade de aprendizagem, mas não tem nenhum acréscimo, não houve acréscimo não. Toda a escola que hoje a gente tem 34, eles recebem o valor financeiro, desse ano foi inferior, em cima do aluno número de alunos do ano passado e ano passado a gente não teve prova, né? Financeiramente não saiu nada não (JOANA).

De acordo com os relatos dos profissionais entrevistados, foi possível perceber que as escolas em estudo são avaliadas pelo MEC tanto pelo nível de aprendizagem dos alunos, como também pelo número de matrículas, reprovação, evasão escolar, estrutura da escola e os recursos que ela disponibiliza para o aprendizado dos alunos.

Nesse sentido, no que diz respeito à dimensão pedagógica das escolas, foi possível identificar que, embora os gestores e corpo docente das escolas tenham a qualificação necessária para o desempenho do cargo, ainda falta apoio para melhor capacitá-los ao exercício das funções e enfrentamento das dificuldades vividas pelos alunos.

O currículo escolar por sua vez, não se adequa a realidade dos alunos, embora a equipe escolar se esforce para adaptá-los. Porém, a grade disciplinar pesada, dificulta o trabalho de desenvolvimento de habilidades e competências dos educandos.

Por outro lado, o controle do fluxo escolar e a recomendação do MEC para não reprovação dos alunos, também tem refletido de forma negativa na aprendizagem, já que os alunos com dificuldades que não são retidos, também não são acompanhados de forma apropriada para superar suas dificuldades de aprendizagem. Transformando o espaço educacional no que se pode chamar de uma linha de produção, onde o intuito principal é formar alunos o que acaba por vezes em negligenciar a aprendizagem, refletindo de forma negativa na dimensão econômica, já que alunos acabam por concluir a etapa básica do ensino, sem estarem devidamente alfabetizados. Desse modo, por não haver um acompanhamento que

ajude os alunos a superarem suas dificuldades de aprendizagem, essas dificuldades acabam por acompanhar os alunos ano após ano e esse seria um dos motivos que contribuem para o desestímulo dos estudantes e aumento da evasão escolar.

Nesse sentido, o Programa do Governo, o Mais Educação destinado a proporcionar aos alunos em dificuldade o reforço escolar nas disciplinas críticas, não vem desempenhando seu papel de forma esperada.

Foi possível perceber também, que os recursos destinados à melhoria das escolas se apresentam apenas no âmbito pedagógico, enquanto a infraestrutura das instituições ainda encontra-se em precariedade.

Em virtude disso, as atividades em grupo ficam comprometidas pela falta de espaço e locais adequados para o trabalho. Desse modo, as escolas acabam realizando de forma fragmentada atividades de integração e comprometendo o trabalho de desenvolvimento criativo e emocional dos educandos.

Quanto à dimensão econômica, os educadores acreditam que os estudantes da rede municipal de ensino da cidade de Patos, ainda recebem uma educação inferior aos alunos de outras instituições de ensino quando comparados aos estudantes da rede privada. Mesmo assim, a maioria dos educadores afirma que grande parte dos alunos que concluem o nono ano continuam os estudos e saem preparados para o mercado de trabalho. Por outro lado, parte deles desiste da escola e já realizam atividades do mercado informal. Foi apontado também que embora as escolas possuam computadores e sala de informática, essas não são inseridas na educação dos alunos não promovendo a inclusão digital e ensino tecnológico dos educandos.

Quanto às dimensões social e cultural, foi percebido que nas escolas existe diversidade no que tange as etnias, cultura e comportamento e essas diferenças acabam por dar origem a conflitos e preconceitos entre os estudantes. Quanto à condição social, os alunos são predominantemente de baixa renda. Nas escolas estudadas, foi apontado que os alunos em sua maioria são desassistidos pela família e desse modo já trazem de casa, problemas de educação e relacionamento.

Assim como os projetos de integração que deveriam auxiliar no fim dos conflitos entre os alunos, as atividades direcionadas a promoção do desenvolvimento da consciência social também fica negligenciada. Não promovendo desse modo, o compartilhamento dos valores e desenvolvimento da consciência cidadã.

A vulnerabilidade social também é um fator crítico para o desenvolvimento dos estudantes. Conforme relatado, as escolas também encontram dificuldade para trabalhar e

amenizar seus efeitos na educação e desenvolvimento dos alunos. Foi percebido que esse aspecto fica sob a responsabilidade única da escola, que por meio de parcerias com universidades e polícia, tenta realizar trabalhos de conscientização. Vale salientar também, que muitos educadores não estão sensíveis as dificuldades enfrentadas pelos alunos e atribuem a esses, a responsabilidade de superá-las. Não foi encontrada também, nenhuma integração entre os demais setores sociais, que ajude as escolas a realizar um trabalho mais significativo para a vida dos educandos. Como por exemplo, uma parceria com as unidades de saúde para orientação do planejamento familiar e combate a gravidez na adolescência.

Diante disso, é possível observar que a divulgação dos resultados do IDEB, que se propõe traçar um diagnóstico mais preciso acerca das falhas do sistema educacional e desse modo definir as políticas e programas que devem ser adotadas para solucioná-las, ainda encontra-se restrita aos índices pedagógicos, negligenciando aspectos socioculturais, que também influenciam na aprendizagem.

Foi possível verificar também o aumento nos investimentos direcionados à educação e a promoção de parcerias e cobranças de maior comprometimento por parte das escolas e gestores públicos para melhorar o ensino em cada escola, bem como a preocupação do MEC em investir em materiais didáticos no intuito de aperfeiçoar o ensino em sala de aula e a criação de programas voltados para a melhoria da qualidade da educação.

Todavia, nota-se também, que se faz necessário uma maior articulação entre os atores envolvidos, a fim de realizar e proporcionar aos estudantes, a reforma educacional proposta pelo Governo e nesse sentido, alcançar a melhoria efetiva da qualidade do ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos dez anos, o Brasil foi o país que mais evoluiu nas avaliações do Pisa. Apesar disso, esse progresso vem perdendo forças, conforme mostrado nas últimas avaliações, onde o Brasil ocupava o 53º lugar em 2009, e caiu para 58º em 2012 no ranking mundial. Assim, as últimas avaliações internacionais demonstram uma tendência de decréscimo no índice de qualidade educacional do país.

Ao contrário disso, as avaliações internas têm demonstrado melhoria a cada ano, batendo até mesmo as metas traçadas pelo IDEB. Esses fatores levam a questionar se realmente esses índices vem apontando a realidade do setor educacional brasileiro.

Neste contexto, o presente trabalho teve como objetivo principal entender de que forma o IDEB tem contribuído para a melhoria efetiva da qualidade da educação básica através de um estudo realizado em quatro escolas do município de Patos – Paraíba.

Os resultados obtidos indicam que os educadores e gestores ainda estão mal informados a respeito das ferramentas de avaliação. Nesse sentido, foi percebida uma insatisfação destes com relação à Prova Brasil e com as disparidades que existem entre o que é avaliado pelo governo e os conteúdos que precisam ser passados em sala de aula. No sentido de que os professores ainda se veem confusos com relação ao ensino decorativo e ao ensino voltado para o desenvolvimento das competências e habilidades avaliadas pela Prova Brasil. Também foi possível identificar uma postura de treinamento para a Prova Brasil principalmente entre as instituições que obtiveram melhores índices.

Em relação a como os indicadores de avaliação de desempenho são aplicados na escola, há algumas inconsistências quanto ao descrito pelo MEC. Entre elas, conforme afirmado por duas das gestoras, a aplicação da Prova Brasil é realizada pelo supervisor da escola e não por funcionários recomendados pelo MEC, instrução a ser seguida de acordo com informações oficiais. Já o Governo da Paraíba e a Secretária Adjunta da Educação do município confirmam que a aplicação é feita por funcionários da Sexta Gerência Regional de Ensino. No que se refere aos investimentos em treinamentos e capacitações do corpo docente das escolas, a fim de habilitá-los sobre a Prova Brasil, esses ainda são poucos e superficiais. Entretanto, quando esses acontecem é pouca a adesão por parte dos professores.

No que diz respeito à qualidade da educação oferecida pelas escolas, foi possível identificar que a formação dos alunos continua precária. Mesmo havendo projetos para se

trabalhar a conscientização dos educandos, aqueles são poucos e não conseguem atender ao seu objetivo principal. Assim, a aprendizagem fica resumida ao ensino em sala de aula, na maioria das vezes devido à falta de estrutura das escolas para a melhor realização dos projetos, e por vezes, pelo desinteresse do corpo de funcionários como foi observado em todas as escolas. Porém, segundo informações, todos os educadores das escolas possuem qualificação adequada aos cargos.

Com relação ao apoio dado pelas escolas à aprendizagem dos alunos, segundo informações dos entrevistados, mesmo com maior incentivo ao desenvolvimento da habilidade leitora, os alunos ainda possuem muita dificuldade, chegando inclusive a terminar os estudos com essa deficiência. O Programa Mais Educação, destinado a ajudar os alunos a enfrentarem esse problema, de acordo com a maioria dos educadores, esse não tem cumprido o seu papel, e nem funcionado na maneira apropriada, como o reforço. Alguns dos motivos apontados para o não funcionamento adequado do Mais Educação, estão a falta de infraestrutura das escolas, necessária para a realização do Programa, e a falta de qualificação dos profissionais contratados para realizar esse trabalho, pois a contratação fica sob a responsabilidade do município que não possui critérios para a contratação desses profissionais.

Ainda com relação às questões sociais, foi possível identificar, que as escolas trabalham com alunos em vulnerabilidade social, sendo relatada a recorrência de alunos envolvidos com drogas e criminalidade. Foi relatado também, que em sua maioria, os alunos exercem algum tipo de trabalho informal e pertencem a famílias que também não se envolvem com a educação dos filhos. No entanto, a maioria dos educadores entrevistados não parecera estar sensível a essa realidade social e suas implicações para a aprendizagem, afirmando, por vezes, que o desenvolvimento deles só depende do interesse e dos seus esforços pessoais.

No que tange às questões econômicas, foi possível observar que as instituições ainda possuem uma infraestrutura deficiente, o que demonstram que os recursos destinados à educação ainda são insuficientes. Nas escolas onde os índices são mais baixos, a precariedade é ainda maior, não tendo nenhum avanço significativo, mesmo apresentando índices abaixo da meta. Segundo os educadores, embora de forma não unânime, os alunos da rede municipal ainda estão muito abaixo do rendimento esperado quando comparados aos alunos de instituições particulares do município. Além disso, em todas as escolas, o uso de tecnologias é praticamente inexistente, apesar de todas estarem equipadas com salas de informática e Datashow, mas conforme foi afirmado na pesquisa não há profissionais qualificados para a utilização de tais recursos.

Foi possível notar também em algumas falas que o fato do MEC investir mais em recursos em escolas com pior desempenho, parece gerar certo temor nos gestores das escolas em relação à melhoria do próprio desempenho, já que isso poderia gerar diminuição nos incentivos financeiros disponibilizados.

Quanto às contribuições efetivas das avaliações via IDEB para a melhoria da qualidade da educação, foi identificado que as avaliações colaboram para que haja mais motivação para lecionar as disciplinas avaliadas; afirma-se que o rendimento dos alunos das turmas avaliadas tem melhorado assim como o interesse pela leitura; o investimento em materiais didáticos tem aumentado e, o PDDE vem contribuindo para melhorar a qualidade da merenda escolar.

Desse modo, pode-se afirmar que se vem buscando melhorar a qualidade do ensino básico. No entanto, ainda há muito que se aperfeiçoar. Foi possível perceber nas escolas estudadas, que os índices parecem acompanhar a realidade dessas instituições. Assim, as escolas com maiores índices são de fato as escolas que apresentam melhor estrutura e demonstraram maior preparo dos educadores e gestores em proporcionar um melhor ensino. Do mesmo modo, as escolas com os índices mais baixos apresentam carências, tanto na forma estrutural, quanto de informação e preparo da equipe. Assim, é preciso melhorar a infraestrutura das escolas que se encontram em maiores dificuldades, bem como garantir a qualidade da formação de seus profissionais.

Em resposta à questão de pesquisa, conclui-se que o IDEB, apesar de ser um bom indicador das dimensões que se propõe a avaliar - como o desempenho dos alunos na Prova Brasil, e fluxo escolar - deixa de fora aspectos que envolvem a realidade social, familiar e o trabalho desempenhado em sala de aula que não estão contemplados em conteúdos da Prova Brasil.

No que se refere à educação básica pública no município de Patos, é possível afirmar que esta passa por diversas dificuldades, tais como ajudar os alunos a superarem sua vulnerabilidade social, e resgatá-los do ciclo vicioso que os leva a repetir a realidade vivida pelos pais, como o abandono dos estudos após o fundamental, a gravidez na adolescência, o trabalho informal e por vezes a criminalidade. Nesse sentido, é necessário um apoio maior da prefeitura, Governo Federal e Estado, para a capacitação dos professores, gestores escolares e projetos de resgate aos alunos em situação de risco social, bem como o apoio na superação de suas dificuldades educacionais com o Mais Educação.

A educação é um fenômeno muito abrangente que perpassa os muros das instituições de ensino, e envolve dimensões por vezes subjetivas, e nem sempre mensuráveis.

Além disso, a escola não pode ser a única responsável por solucionar os problemas de contexto social dos alunos. Portanto, reflete-se sobre a necessidade de uma maior integração entre as políticas públicas sociais com vistas a buscar atender o problema da educação brasileira em toda a sua abrangência e complexidade.

Para estudos futuros sugere-se a realização de pesquisas com foco na capacitação dos gestores, tanto para realizar a Prova Brasil, quanto para desempenhar a função de gestão escolar. Pode ser realizada ainda pesquisa com uma abordagem mais ampla das escolas do município, incluindo uma escuta a pais e alunos; uma pesquisa sobre as verbas destinadas às escolas e o emprego dessa verba por parte dos gestores escolares, assim como uma análise sobre o Programa Mais Educação.

Percebe-se que os investimentos existentes ainda não são suficientes para melhorar o padrão de qualidade das escolas municipais de Patos. Assim, como sugestão para políticas recomenda-se investir em capacitação de gestores e professores; estabelecer uma política de contratação para o Mais Educação, e padronização das oficinas de acordo com a realidade de cada região, tornar a participação neste Programa obrigatória para os alunos com dificuldades de aprendizagem; investir na informação dos gestores e docentes sobre o processo de avaliação e estabelecer mecanismos mais eficientes de fiscalização dos municípios para constatar se esses estão cumprindo suas responsabilidades com a educação.

Em relação à avaliação, considera-se necessário ainda investir em maior treinamento dos envolvidos, para fazer funcionar melhor as propostas estabelecidas pelo MEC. Além disso, pode-se inserir uma avaliação qualitativa periódica, a qual contemple dimensões não incluídas nos índices.

Assim, vale lembrar que nos seis anos de IDEB, a melhoria efetiva das unidades escolares não tiveram grandes mudanças, ainda são necessários investir em informação e fazer funcionar as propostas estabelecidas pelo MEC de contribuir com a qualidade da infraestrutura das escolas. É possível notar também que a dificuldade principal de alfabetizar a população ainda não foi cumprida e desse modo, o sistema continua formando pessoas com grandes dificuldades de leitura e cálculo, além de não termos alcançado a valorização dos profissionais da educação. Os avanços vêm ocorrendo, mas ainda estamos longe de alcançar o sistema de ensino que almejamos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Roberta Montello. **ISEP – Índice de Sharpe escolar a partir da Prova Brasil:** criação e estudo. Minas Gerais. 2011. Disponível

em:<http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2011_TN_STP_140_888_17749.pdf>
Acesso em: 11/10/2012.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. **Lei n. 10.172 de 9 de janeiro de 2001.** 2001. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>> Acesso em: 11/01/2014.

____, Ministério da Educação – Gabinete do Ministro. **Portaria n. 931, de 21 de março de 2005.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 22 mar. 2005. n. 55,p. 17.

____, Ministério da Educação. **PDE/ Prova Brasil:** Plano de Desenvolvimento da Educação. 2009. Disponível em: <http://www.oei.es/salactsi/provabrazil_matriz.pdf> Acesso em: 17/11/2012.

____, Câmara dos Deputados. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,** Brasília, 2010. ed. 5. Disponível em:
<http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf> Acesso em: 12/10/2012.

____, Ministério da Educação. **PDE/SAEB: Plano de Desenvolvimento da Educação.** 2011. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/saeb_matriz2.pdf> Acesso em: 11/01/2014.

____, Governo da Paraíba. **Governo da Paraíba realiza treinamento 430 aplicadores da Prova Brasil.** 2011a. Disponível em: < <http://www.paraiba.pb.gov.br/30366/governo-do-estado-realiza-treinamento-para-430-aplicadores-da-prova-brasil.html> >.Acesso em: 11/01/2014.

____, Ministério da Educação. **O Plano de Desenvolvimento da Educação:** Razões, Princípios e Programas. 2012a. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/livro.pdf>> Acesso em: 11/11/2012.

____, Educar para Crescer. **Revista Abril.** 2012b. Disponível em:
<educarparacrescer.abril.com.br> Acesso em: 17/11/2012.

____, Portal do INEP. **História do INEP**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/institucional-historia>> Acesso em: 17/11/2012c.

____, Portal do MEC. **Educação para a Educação melhorar**. 2012d. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=208&Itemid=26> Acesso em: 17/11/2012.

____, Secretaria do Estado do Paraná. **Prova Brasil – SAEB**. 2012e. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/provabrasil_orientacoes_leitura_resultados.pdf> Acesso em: 11/11/2012.

____, Gestão Escolar Digital. **Prova Brasil em detalhes**. 2013a. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/avaliacao/prova-brasil-detalhes-450869.shtml>> Acesso em: 12/12/2013

____, Portal EBC. **Apesar de avanços, Brasil ocupa 58° posição em ranking educacional**. 2013b. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2013/12/apesar-de-avancos-na-educacao-brasil-ocupa-baixa-posicao-no-pisa>> Acesso em: 12/02/2014

____, Portal do MEC. **Educação. Para educação melhorar todos devem participar**. 2013c. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=336>> Acesso em: 23/03/2013.

____, Portal do INEP. **Censo Escolar**. 2013d. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basicacenso>> Acesso em: 20/12/2013.

____, Portal IDEB. **O IDEB de cada escola, Cidade ou Estado do país**. 2013e. Disponível em: <<http://www.portalideb.com.br/>> Acesso em: 23/03/2013.

____, Governo da Paraíba. **Prova Brasil 2013 é aplicada nas 14 Gerências Regionais de Educação da Paraíba**. 2013f. Disponível em: <<http://www.paraiba.pb.gov.br/79983/prova-brasil-2013-e-aplicada-nas-14-gerencias-regionais-de-educacao-da-paraiba.html>> Acesso em: 12/12/2013.

____. Todos pela Educação. **Dados do Brasil**. 2013g. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-no-brasil/numeros-do-brasil/brasil/>> Acesso em: 12/12/2013

____, Todos pela Educação. **Paraíba**. 2013h. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-no-brasil/numeros-do-brasil/dados-por-estado/paraiba/>> 12/12/2013

____. **Dimensão Tática: Programas Temáticos – PPA 2012-2015**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/internet/comissao/index/mista/orca/ppa/ppa_2012_2015/proposta/001-Mensagem4.pdf> Acesso em: 11/01/2014a.

____, Portal MEC. **Plano Nacional de Educação – PNE**. 2014b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=16478&Itemid=1107> Acesso em: 11/01/2014.

____, Olimpíada Brasileira de Matemática. **Histórico da Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM)**. Disponível em: <http://www.obm.org.br/opencms/quem_somos/breve__historico/> Acesso em: 11/01/2014c.

____, Ministério da Educação. **Regulamento da Avaliação do Rendimento Escolar**. Disponível em: <http://www.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/2011123101934703_reg_da_avaliacao_do_rendimento_escolar.pdf> Acesso em: 11/01/2014d.

____, Portal do MEC. **GESTAR II**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12380&Itemid=642> Acesso em: 11/01/2014e.

____, INEP. **Perguntas Frequentes**. Disponível em: <<http://provabrasil.inep.gov.br/perguntas-frequentes>> Acesso em: 11/01/2014f.

____, Presidência da República, Casa Civil. **Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6094.htm> Acesso em: 11/01/2014g.

____, G1 Educação. **País supera metas do Ideb no ensino fundamental e iguala no médio**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/08/pais-supera-metas-do-ideb-no-ensino-fundamental-e-igual-a-no-ensino-medio.html>> Acesso em: 01/02/2014g.

BRESSER - PEREIRA, Luiz Carlos. **Gestão do Setor Público: Estratégias e Estruturas para um novo Estado**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas: 21-38. 1998.

Disponível em: < <http://www.bresserpereira.org.br/view.asp?cod=1524>> Acesso em: 11/01/2014.

CASTRO, Marcelo L. Ottoni de. **A Educação Brasileira nos dez anos da LDB**. Brasília, 2007. Disponível em: < <http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-33-a-educacao-brasileira-nos-dez-anos-da-ldb> > Acesso em: 12/10/2012.

CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves. **Reestruturação produtiva, reforma administrativa do Estado e gestão da educação**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1139-1166, set./dez. 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a11.pdf>> Acesso em 11/01/2014.

CORRÊA, Izabela Moreira. **Planejamento estratégico e gestão pública por resultados no processo de reforma administrativa do estado de Minas Gerais**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rap/v41n3/a06v41n3.pdf>> Acesso em: 11/01/2014.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de; SANTOS, Catarina de Almeida. **A Qualidade da Educação: Conceitos e Definições**. Brasília, 2007. Disponível em: < http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/qualidade_da_educacao.pdf> Acesso em: 04/11/2012.

FERNANDES, Reginaldo. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB): metas intermediárias para a sua trajetória no Brasil, estados, municípios e escolas**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasília, 2007. Disponível em: < http://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/metodologias/Artigo_projecoes.pdf > Acesso em: 11/01/2014.

FREY, Klaus. **Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil**. 2000. Planejamento e Políticas Públicas, n. 21. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/89/158>> Acesso em: 06/03/2013.

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008. ed. 6.

_____, **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. ed. 4.

GROS, Denise Barbosa. **Institutos Liberais e Neoliberalismo no Brasil da Nova República**, 2003. 252/ F. Dissertação (Doutorado Ciências Sociais). Departamento de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas. Porto Alegre. 2003. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/teses/teses_fee_06.pdf> Acesso em: 02/11/2012.

MAUÉS, Olgaíses Cabral. **As Políticas Educacionais e o Sistema de Avaliação**. Pará, 2013. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0430.pdf>> Acesso em: 22/12/2013.

MARINELA, Fernanda. **Direito Administrativo**. Niterói: Impetus, 2010. ed. 4.

MOREIRA NETO, Diogo de Figueiredo. **Administração Pública Gerencial**. Rev. Direito, v.2, n.4. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://www.camara.rj.gov.br/setores/proc/revistaproc/revproc1998/revdireito1998B/est_adm_inpublica.pdf> Acesso em: 02/11/2012.

NEVES, Eduardo Borba; DOMINGUES, Clayton Amaral. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: EB/CEP. 2007.

OECD INDICATORS. **Education at a Glance 2007**. 2007. Disponível em: <<http://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/39313286.pdf>> Acesso em: 11/01/2014

PAES DE PAULA, Ana Paula. **Administração Pública Brasileira Entre o Gerencialismo e a Gestão Social**. São Paulo, 2005. Rev. ERA, V. 45, N. 1. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/rae/vol45-num1-2005/administracao-publica-brasileira-entre-gerencialismo-gestao-social>> Acesso em: 11/01/20

PESTANA, Maria Inês. **O Sistema de Avaliação Brasileiro**. R. Bras. Est. Pedag., Brasília, V. 79, n.191, p. 65-73. 1998. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/231/232>> Acesso em: 12/10/2012

SANTOS, Regina Lúcia Lourido dos. **Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica: situando olhares e construindo perspectivas**, 2007. 184/F. Tese (Doutorado Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4473> Acesso em: 11/01/2014.

SECCHI, Leonardo. **Conceitos, Esquemas de Análise, Casos Práticos**, Florianópolis. Cengage Learning, 2010.

SILVA, Cláudia Virgínia Albuquerque Prazim. **Descompassos do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**, 2011. 102/F. Dissertação (Mestrado Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_arquivos/12/TDE-2011-10-18T104047Z-1235/Publico/arquivototal.pdf> Acesso em: 11/01/2014

SOUZA, Celina. **Políticas Públicas: Questões temáticas e de pesquisa**. 2003. Caderno CRH, Salvador, n. 39, p. 11-24. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewissue.php?id=12>> Acesso em: 06/03/2013

SOUZA, Célia. Políticas Públicas: Uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16.pdf>> Acesso em: 17/11/2012.

SOUZA, Francicleber Medeiros de; BARRANCOS, Jacqueline Echeverría. **Desafios das Políticas Públicas Educacionais no Brasil: Em busca de Avanços para o Desenvolvimento**. 2011. Disponível em: <<http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/publicacoes/view/194>> Acesso em: 17/11/2012.

SOUZA, Marcos Antonio de; MAUSS, César Volnei; DIEHI, Carlos Alberto; BLEIL, Claudécir. 2012. **A Gestão Pública por Resultados e a Avaliação de Desempenho**. Disponível em: <<http://www.congressosp.fipecafi.org/artigos82008/107.pdf>> Acesso em: 02/11/2012

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O Papel das Políticas Públicas no Desenvolvimento Local e na Transformação da Realidade**. 2002. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a_pdf/03_aatr_pp_papel.pdf> Acesso em: 06/03/2013.

TERTO, Daniela Cunha; PEREIRA, Raphael Lacerda de Alencar. **A Nova Gestão Pública e as Atuais Tendências da Gestão Educacional Brasileira**. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/posters/0041.pdf>> Acesso em: 02/11/2012.

UNESCO, **Educação um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 1998. Disponível em: <<http://ftp.infoeuropa.eurocid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>> Disponível em: 21/01/2013.

_____, Cúpula das Américas. Proyecto Regional de Indicadores Educativos. **Alcanzando las Metas Educativas**. 2003. Disponível em: <

<http://www.prie.oas.org/espanol/documentos/Alcanzando%20las%20metas%20educativas%20osp.pdf>> Acesso em: 04/11/2012

_____, **Educación para Todos: El Imperativo de la Calidad**. 2005. Disponível em: <http://www.unesco.org/education/gmr_download/es_summary.pdf> Disponível em: 21/01/2013.

_____, **Educação de Qualidade para Todos: Um assunto de direitos humanos**. 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001505/150585por.pdf>> Acesso em: 21/01/2013.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em Administração**. 5º ed. São Paulo, Atlas, 2012.

XAVIER, Antônio Carlos da R. **A Gestão da Qualidade e a Excelência dos Serviços Educacionais: Custos e Benefícios de sua Implantação**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1792/1/td_0408.pdf > Acesso em: 11/10/2012.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Tradução Daniel Grassi. Porto Alegre : Bookman, 2001. 2.ed. Reimp. 2003.

ANEXO A – RESULTADOS E PROJEÇÕES DO IDEB - 2011

Quadro 1
Anos finais do Ensino Fundamental - Brasil

	IDEB Observado				Metas				
	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.5	3.8	4.0	4.1	3.5	3.7	3.9	4.4	5.5
Dependência Administrativa									
Pública	3.2	3.5	3.7	3.9	3.3	3.4	3.7	4.1	5.2
Estadual	3.3	3.6	3.8	3.9	3.3	3.5	3.8	4.2	5.3
Municipal	3.1	3.4	3.6	3.8	3.1	3.3	3.5	3.9	5.1
Privada	5.8	5.8	5.9	6.0	5.8	6.0	6.2	6.5	7.3

Fonte: MEC/INEP (2012)

Dados: Rede Pública de Ensino.

Quadro 2
Anos finais do Ensino Fundamental - Paraíba

Estado	Ideb Observado				Metas Projetadas							
	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Paraíba	2.5	2.8	2.9	3.1	2.5	2.7	2.9	3.3	3.7	4.0	4.2	4.5

Fonte: MEC/INEP (2012)

Dado: Rede Pública de Ensino.

Quadro 3
Anos finais do Ensino Fundamental - Patos

Município ↕	Ideb Observado				Metas Projetadas							
	2005 ↕	2007 ↕	2009 ↕	2011 ↕	2007 ↕	2009 ↕	2011 ↕	2013 ↕	2015 ↕	2017 ↕	2019 ↕	2021 ↕
PATOS	2.1	2.7	3.0	3.2	2.2	2.3	2.6	3.1	3.4	3.7	4.0	4.3

Fonte: MEC/INEP (2012)

Dados: Rede Municipal de Ensino.

ANEXO B – IDEB E PROJEÇÕES POR ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PATOS - PB

Sigla da UF	Nome do Município	Código da Escola	Nome da Escola	Rede	IDEB 2005 (N x P)	IDEB 2007 (N x P)	IDEB 2009 (N x P)	IDEB 2011 (N x P)	Projeções						
									2011	2013	2015	2017	2019	2021	
PB	PATOS	25020854	EEEFM DR DIONISIO DA COSTA	Estadual	2,5	2,3	2,5	2,6	2,9	3,3	3,7	4,0	4,2	4,5	
PB	PATOS	25020862	EEEFM DOM FERNANDO GOMES	Estadual	-	2,9	2,8	2,0	3,2	3,5	3,8	4,1	4,4	4,6	
PB	PATOS	25020870	EEEF EGMAR LONGO DE A MELO	Estadual	2,4	3,0	2,5	-	2,8	3,2	3,6	3,9	4,1	4,4	
PB	PATOS	25020927	EEEFM AUZANIR LACERDA	Estadual	-	2,9	2,6	3,4	3,2	3,5	3,9	4,1	4,4	4,7	
PB	PATOS	25020935	EEEFM MONS MANOEL VIEIRA	Estadual	3,1	4,1	4,1	3,5	3,5	3,9	4,3	4,6	4,8	5,1	
PB	PATOS	25020960	EEEF CORIOLANO DE MEDEIROS	Estadual	2,8	3,8	3,7	3,8	3,3	3,7	4,1	4,3	4,6	4,9	
PB	PATOS	25020986	EEEF RIO BRANCO	Estadual	2,9	3,0	3,3	3,9	3,4	3,8	4,2	4,4	4,7	5,0	
PB	PATOS	25021087	EMEF ARISTIDES HAMAD TIMENE	Municipal	-	2,6	3,3	2,8	2,8	3,2	3,5	3,8	4,0	4,3	
PB	PATOS	25021311	EMEF MONSENHOR MANOEL VIEIRA	Municipal	2,1	2,5	2,8	3,1	2,7	3,1	3,5	3,8	4,0	4,3	
PB	PATOS	25021320	EMEF PROF MANOEL DE S OLIVEIRA	Municipal	1,6	-	2,6	2,6	2,4	2,9	3,3	3,6	3,9	4,1	
PB	PATOS	25021540	EMEF ANAII ZA LUIZ CALIXTO	Municipal	-	-	3,1	4,0	3,2	3,5	3,8	4,1	4,4	4,6	
PB	PATOS	25021567	CEP III DR FIRMINO AYRES LEITE E OTTO DE S QUINHO	Municipal	-	-	3,3	2,6	3,4	3,7	4,0	4,3	4,6	4,8	
PB	PATOS	25021621	EMEF JOAO RODRIGUESDE AMORIM	Municipal	-	-	2,4	3,2	2,6	2,8	3,1	3,4	3,7	4,0	
PB	PATOS	25021745	CEP I DR JOSE GENUINO-NAPOLEAO NOBREGA	Municipal	-	-	-	3,2	-	3,4	3,7	4,0	4,2	4,5	
PB	PATOS	25021869	INST DR JOAO TAVARES	Municipal	-	1,9	-	-	2,7	3,3	3,7	4,0	4,3	4,5	
PB	PATOS	25022032	EMEF JOSE PERMINIO WANDERLEY	Municipal	-	-	3,9	3,9	4,1	4,3	4,7	4,9	5,2	5,4	
PB	PATOS	25102669	INST EDUC DR DIONISIO COSTA	Municipal	-	-	4,0	3,8	4,1	4,4	4,7	5,0	5,2	5,5	

Fonte: MEC/Inep

Nota: ND - Número de participantes na Prova Brasil insuficiente para que os resultados sejam divulgados.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOCENTES E GESTORES
ESCOLARES**

- 1- Qual é a qualificação do corpo docente da escola?
- 2- Quantos professores trabalham na escola?
- 3- Como é montado o currículo escolar para os alunos?
- 4- Os conteúdos estudados são comuns a todos os estudantes da escola?
- 8- Existe diversidade social e cultural entre os alunos?
- 9- Existem iniciativas por parte da escola para promover a integração entre esses alunos?
- 10- De onde vêm os projetos que são trabalhados na escola?
- 11- A senhora acha que os alunos que tem uma condição social mais difícil, eles tem uma dificuldade maior de aprendizagem?
- 12- A escola tem algum programa ou atitude que possa ajudar esses alunos que tem essa dificuldade de aprendizagem a se igualar os outros?
- 13- A senhora acha que essa questão de não poder mais reprovar os alunos, ela contribui para que eles realmente cheguem ao nono ano sem ter aprendido o conteúdo?
- 14- A senhora acha que os alunos, quando eles saem da escola, eles adquiriram os conhecimentos necessários para competir com outros alunos no vestibular, no mercado de trabalho?
- 15- A senhora acha que o ensino praticado em sala de aula, ele contribui para a formação de melhores cidadãos?
- 16- Como os professores em sala de aula eles tem se programado para despertar essa consciência nos alunos?
- 17- De uns anos pra cá, houve alguma mudança na forma como a escola é avaliada pelo Governo Federal?

- 18- A senhora lembra como eram feitas as avaliações de desempenho escolar antes da Prova Brasil?
- 19- Como foi o processo de implantação da Prova Brasil na escola?
- 20- Como acontece a avaliação de desempenho da escola atualmente?
- 21- Em que ano a escola passou a realizar a Prova Brasil?
- 22- Como é realizada a Prova Brasil na escola?
- 23- Como é realizada a seleção dos alunos que fazem Prova Brasil?
- 24- Financeiramente houve alguma mudança pra escola depois que a Prova Brasil passou a ser realizada?
- 25- Houve alguma mudança no que diz respeito à melhoria da infraestrutura da escola?
- 26- Quanto ao ensino praticado em sala de aula, teve alguma mudança?
- 27- Se a senhora pudesse escolher, adotaria a Prova Brasil como instrumento de avaliação do rendimento escolar?
- 28- Os professores recebem algum treinamento pra preparar os alunos para a Prova Brasil?
- 29- Houve alguma mudança no rendimento dos alunos depois que a Prova Brasil passou a ser realizada na escola?
- 30- Da forma como a Prova Brasil é hoje, as questões que tem, ela realmente avalia a aprendizagem dos alunos?
- 31- A senhora proporia alguma mudança na Prova Brasil pra que ela se tornasse mais completa?
- 32- Quando ocorre da senhora encontrar alunos que já concluíram o nono ano na escola há algum tempo, como é esse encontro? Como estão esses alunos?
- 33- Como a senhora avalia a merenda escolar?

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SECRETÁRIA ADJUNTA DA
EDUCAÇÃO**

- 1- Como a senhora avalia a qualificação do corpo docente das escolas da rede municipal de ensino?
- 2- Como é montado o currículo escolar para os alunos das escolas municipais?
- 3- Como as escolas atuam quando há diferenças de nível de aprendizagem?
- 5- Existem iniciativas por parte da Secretaria da Educação, para ajudar esses alunos com necessidades especiais nas escolas do município?
- 6- A senhora acha que a condição financeira dos alunos influencia na aprendizagem?
- 7- Quais são as iniciativas adotadas pela Secretaria da Educação pra diminuir as disparidades entre os alunos?
- 8- O que a senhora acha da proibição sobre a reprovação do aluno até a terceira série?
- 9- Quais são as consequências para os alunos?
- 10- A senhora acha que o aluno, dentro da rede municipal de ensino, tem o mesmo acesso a uma educação de qualidade, assim como os alunos das demais instituições de ensino? Público ou Privado?
- 11- A senhora acha que o ensino praticado em sala de aula, ele contribui para a formação de melhores cidadãos?
- 12- De uns anos pra cá, houve mudanças na forma como o Governo Federal tem avaliado as escolas do município?
- 13- A senhora lembra como eram feitas as avaliações do desempenho escolar antes da Prova Brasil?
- 14- O Governo usava outro método para avaliar as escolas antes da Prova Brasil?
- 15 – Quais iniciativas o Governo adota pra avaliar a qualidade de ensino praticado em sala de aula?
- 16- Como foi o processo de mudança pra implantação da Prova Brasil no município?
- 17- E como foi a implantação nas escolas?

- 18- Em que ano as escolas passaram a realizar a Prova Brasil?
- 19- Como é realizada a Prova Brasil nas escolas hoje?
- 20- Essas provas são aplicadas na própria escola do aluno?
- 21 – Como é realizada a seleção dos alunos que fazem a Prova Brasil?
- 22- Financeiramente, a senhora acha que houve alguma mudança para as escolas do município depois da Prova Brasil?
- 23- Se a senhora pudesse escolher, a senhora adotaria a Prova Brasil como instrumento de avaliação? Por quê?
- 24- Os professores recebem algum treinamento pra preparar os alunos pra Prova Brasil?
- 25- A senhora acha que a Prova Brasil realmente avalia a aprendizagem dos alunos?
- 26- O que os gestores escolares dizem sobre a Prova Brasil?
- 27- A senhora acha que o IDEB é um bom instrumento de avaliação da qualidade da educação oferecida pela escola?
- 28- Que tipos de programas o Governo Federal tem implementado pra ajudar a melhorar a qualidade do ensino na educação básica?
- 29- Tem alguma diferença no repasse dos recursos para as escolas?
- 30- Depois da Prova Brasil, do IDEB teve mais investimentos, mudanças estruturais nas escolas? Foi investido mais na melhoria da sala de aula?
- 31- Como a senhora avalia o desempenho dos gestores que estão à frente das escolas municipais?
- 32- A senhora acha que a infraestrutura da escola influencia na qualidade da educação?
- 33- Por que a senhora acha que existem disparidades estruturais entre as escolas do município?
- 34- E com relação à merenda escolar, como a senhora avalia a merenda oferecida nas escolas?

APÊNDICE C - QUADRO DE ANÁLISE DOS DADOS

EXCERTOS	UNIDADES DE SENTIDO	CONSTRUTOS
<p>[O Governo Federal] avalia através da Prova Brasil, mas ele avalia também através dos índices de reprovação, de evasão entendeu? Todos esses critérios, não somente a prova. Se a escola tem um índice de abandono muito grande ela é avaliada, se ela tem um índice de reprovação alto, todos esses pontos, eles são contados para avaliação da escola. Não é somente a Prova Brasil não (MARIA).</p> <p>É assim, tudo é pelo censo, tudo é através do censo, vê a quantidade de aluno que tem na escola. Aí pega a quantidade de alunos, uma quantidade de alunos desistentes, alunos aprovados, reprovados... E também quantos alunos tiveram desempenho bom, e faz toda soma, divisão e sai o resultado (ELISA).</p> <p>Olha, geralmente é o IDEB, né? A avaliação. Tem é, a quais são os outros que eu esqueço? IDEB tem Prova Brasil, nos anos finais são [sic] isso, fundamental II. É como eu tô [sic] dizendo, como são essas provas? São provas totalmente contextualizadas, que os professores têm dificuldade de trabalhar em sala de aula, porque os alunos não sabem ler, nem interpretar, não gostam de ler. A gente vem desenvolvendo muitos projetos na área de leitura, já pra despertar esse gosto pela leitura, e trabalhamos muito com o nono ano por causa da Prova Brasil, porque muitos desejam fazer o IFPB e também tem outros sonhos, né? Uns querem ser médicos, advogados, mas a gente fica batendo na tecla, leiam, leiam e leiam, muito. (ELISA)</p> <p>Hoje em dia a escola é avaliada pelo Governo coisas que não era antigamente, agora existe o IDEB, né? Que é a Prova Brasil, todo o sistema de reprovação, de assiduidade, de matrícula, tudo isso é um contexto que antigamente não se tinha né? E hoje em dia tem, pra avaliar, né? Hoje em dia tem, coisa que não tinha antigamente. (PEDRO)</p> <p>[Avaliação do desempenho dos alunos] Através de notas quantitativas e qualitativas, a gente... Infelizmente o Governo mesmo diz que façam atividades somatórias durante o cotidiano e o Governo bota uma prova pra avaliar eles. Então como é que ele quer que a gente não trabalhe com o sistema de provas e ele mesmo faz prova? Né? Então, é uma contradição, mas a gente sempre trabalha, por exemplo, o que ele produz durante o bimestre, durante o ano também, as atividades somatórias, né? A verificação de aprendizagem a famosa prova normal e também os projetos que eles desenvolvem no trabalho cotidiano também, aqui na escola. (PEDRO)</p> <p>[O Governo Federal] ele avalia em vários aspectos, primeiro, porque é preciso que o professor mantenha uma sintonia muito grande com os alunos, nessa formação. Que não é, não pode ser uma formação específica só no nono ano, é uma formação que o aluno precisa passar durante todo o seu período escolar. E avalia, porque assim, se a escola, ela dispõe de laboratórios, se a escola dispõe de sala de informática... Então tudo isso seria</p>	<p>COMO O GOVERNO TEM AVALIADO AS ESCOLAS</p>	<p>ÍNDICES DE AVALIAÇÃO</p>

<p>traduzido também em novos conhecimentos ao aluno, então quando o aluno, na realidade ele não tem um nível tão bom de desempenho é porque não só o professor, mas outros fatores da escola também tem contribuído para isso, né? A exemplo da, das condições físicas das salas de aula, o acesso a biblioteca, além de um questionário, respondido pelo professor no dia da Prova Brasil. Questionário que envolve aspectos sociais, culturais e econômicos. Então assim, na, a... Prova Brasil ela vai avaliar não apenas o desempenho do aluno, mas também toda a... Realidade do professor. (ANTÔNIA)</p> <p>Ele [IDEB] avalia, no processo de, de evasão, né? E de evasão escolar e de repetência (MARTA)</p>		
<p>[...] Desde 2007, desde essa época que a escola tem sido preparada, né? [...] a escola tem se preparado, tem preparado o aluno para essa prova, tem tido a preocupação, a gente trabalha com bizuradas, entendeu? Onde [sic] os alunos vem em horário oposto pra participar. Semana passada mesmo a gente teve uma bizurada, de nono e quinto ano em horário oposto onde são reunidos as turmas de nono e de quinto, com os professores das disciplinas específicas pra trabalhar a Prova Brasil. Os assuntos que são abordados na Prova Brasil. Então a escola tem preparado o aluno psicologicamente pra isso, o aluno sabe que ele vai ser avaliado, entendeu? Quais os aspectos onde ele vai ser avaliado, ele tem conhecimento dessa avaliação. O importante é que ele tenha conhecimento que ele saiba o valor disso, porque alguns, logo de início, o aluno não tinha muita consciência, entendeu? Não tinha muita informação de como ele ia ser avaliado às vezes ele nem sabia que ia ser avaliado, então, a partir desse momento que a gente começou a trabalhar, tentar tornar o aluno consciente, que ele ia passar por uma avaliação, onde seriam estabelecidos alguns critérios. Qual o valor dessa avaliação pra ele, então foi trabalhado a parte psicológica, entendeu? O conteúdo, a gente tem procurado trabalhar todas essas questões, eu acho que por isso que ele tem demonstrado que está preparado, né? Pelo menos até agora a gente tem crescido. (MARIA)</p> <p>[...] eu acho que foi em 2007, 9 e 11 esse é o nosso quarto ano de avaliação, foi em 2007, 2009, 2011 e agora em 2013, provavelmente em novembro agora vai ser aplicada a Prova Brasil. (MARIA)</p> <p>[...] Eu só sei que, ela [Prova Brasil] foi é... Adotado pela escola como um processo avaliativo a partir de 2007, mas eu não sei exatamente como é... Foi essa adesão, esse processo de adesão. Não sei informar (ANTÔNIA).</p> <p>2000...2005 se não me falha a memória. 2005 ou foi 2003? Eu não me lembro no momento, porque eu entrei na educação em 2002 como professora da alfabetização, não lembro. Mas se não me falha a memória foi isso mesmo, em 2005. (ELISA)</p>	<p>ANO EM QUE AS ESCOLAS PASSARAM A RELIZAR A PROVA BRASIL</p>	<p>ÍNDICES DE AVALIAÇÃO</p>

<p>[...] 6, 2006. 5, foi 2005, o resultado saiu em 2006. 2005. [...] e eu não tenho muito assim a lembrança bem viva de como foi feito o trabalho anteriormente porque nessa época eu estava como supervisora das escolas do campo, que não são avaliadas. Aí eu não sei [como foi a primeira aplicação da Prova Brasil] [JOANA].</p> <p>Eu não sei, eu sei que em 2009 quando eu cheguei aqui, que antes... Eu só sei de 2009. Já parece que já teve a Prova Brasil, já, em 2009. Na época eu não era, não estava na, estava sendo a professora, porque a Prova Brasil, eu não sei se você sabe, mas é só quinto e nono ano. E em 2009 não, não, eu não era professora do nono ano, eu só pegava do sexto ao oitavo ano. (MARTA)</p>		
<p>[...] o MEC, Ministério da Educação, oferece todos os anos o Gestar, que é justamente na área de língua portuguesa e na área de matemática. É um curso maravilhoso, muito rico! Muito rico! E todos os professores aqui, já fizeram o Gestar, tanto o de matemática quanto o de língua portuguesa. Me engano [sic], só falta um professor de língua portuguesa fazer. Aí diante de todas as atividades, que tem no Gestar, eles desenvolvem em sala de aula, que são textos totalmente contextualizados. (ELISA)</p> <p>A secretaria municipal de educação, ela trabalha cursos que preparam os docentes pra trabalharem os conteúdos da Prova Brasil. A secretaria Municipal, inclusive esse ano nós já tivemos dois cursos para professores dos quinto ano, do nono ano pra que eles obtivessem informações, entendeu? Participassem de cursos preparatórios pra trabalhar com os alunos de quinto e nono ano para realização da Prova Brasil. (MARIA)</p> <p>[...] a Secretaria da Educação também é, aplica esse treinamento [Capacitação dos Professores para a Prova Brasil]. Na Secretaria da Educação. Geralmente é um ou dois dias, geralmente. Depende da disponibilidade do monitor/facilitador. (ELISA)</p> <p>Olha, esse ano vai haver, vai haver a Prova Brasil, a Secretaria da Educação ela disponibiliza cursos para preparar esses alunos do nono ano, só que assim, até que tem algumas falhas, tá existindo algumas falhas, não só por culpa da secretaria, mas tem uma professora Adriana que é do IF, ela que se disponibiliza a, a aplicar esses cursos na área de língua portuguesa. Mas nós não conseguimos entrar em contato com ela, parece que ela tá fazendo mestrado na UFCG, aí o quê que acontece? Estamos com novos monitores do Mais Educação e já passamos todo o material que eles irão trabalhar com esses alunos. Pegar agora, a partir da semana que vem, até novembro. (ELISA)</p> <p>Bem, não são muitos, mas temos [Capacitação]. Principalmente o professor de português, a gente já tivemos [sic] dois ou foi três sobre esse, essa Prova Brasil... Teve textos, essas coisas, sempre eles chamam o professor de português. Os outros não, tivemos um no começo do ano, mas não foi nem assim dentro da área específica de cada um. (ESTELA)</p>	<p>TREINAMENTOS PARA PREPARAR AS ESCOLAS PARA A PROVA BRASIL</p>	<p>ÍNDICES DE AVALIAÇÃO</p>

<p>[Os professores] eles tiveram umas capacitações. Porque as diretrizes também mudou [sic] e eles tiveram que umas capacitações para poder passar pros alunos em sala de aula. (ANDREIA)</p> <p>Olha, na realidade, o treinamento [dos professores para preparar os alunos para a Prova Brasil] ele é, foi muito superficial, foi um treinamento, inclusive apenas para a área de língua portuguesa é... E assim, nós percebemos que não houve um aprofundamento nos conhecimentos que precisavam ter assim, as novas informações em relação ao treinamento que nós tivemos em 2011. Então foi uma, uma... É, foi um momento muito mais para assim, para o município cumprir com a responsabilidade de repassar uma informação. Mas foi uma formação muito superficial, realizada apenas em um único momento, em uma única manhã. Então assim, diante da complexidade da prova, da, da também da intensidade do, do sistema de avaliação para o MEC, então assim, era preciso que tivesse sido promovida uma avaliação muito mais intensa, uma formação. Realmente a formação foi muito, muito... Pouca! E matemática nem houve. [...] Foi, na Secretaria da Educação (ANTÔNIA)</p> <p>[...] a gente teve uma... Preparação sobre textos, sobre assim, além do que a gente sabe. A gente explora mais textos políticos, é o que vem, então eles [os alunos] são preparados. Agora é como se diz, não se pode dá 100% e existe aquele aluno que não, nem gostam e nem querem ler. E a gente não pode obrigar o aluno a ler. (ESTELA)</p> <p>[...] eu já disse a você que nós temos um conteúdo básico curricular, que é determinado pelo MEC, e aí o que foi que nós fizemos? Tentamos no decorrer do ano, fazer um trabalho que tentasse atender as duas perspectivas, atender ao currículo, mas também melhorar o nível de leitura desses alunos, e de compreensão. Através justamente de um material, é... Elaborado na perspectiva da Prova Brasil. Então assim, há sempre uma preocupação na resolução de atividades, de textos, mostrar como aquela questão está ali, como ela poderia aparecer é, em uma questão da Prova Brasil. Há sempre um direcionamento muito grande, da prática pedagógica à, as perspectivas da avaliação, né? Da Prova Brasil. (ANTÔNIA)</p>	<p>TREINAMENTOS PARA PREPARAR AS ESCOLAS PARA A PROVA BRASIL</p>	<p>ÍNDICES DE AVALIAÇÃO</p>
<p>Não, eu não tenho conhecimento não [de como eram feitas as avaliações antes da Prova Brasil], eu acredito que antes a gente só tinha conhecimento assim, maior geral, quando chegava à época do vestibular, né? Quando tinha vestibular era quando se sabia que o índice de aprovação se vinha da escola pública e que na maioria das vezes era da, vamos dizer assim, da particular, né? (PATRÍCIA)</p> <p>Hoje lá em Brasília já se sabe como é que se encontra o índice de aprendizagem do aluno de qualquer escola pública do Brasil. E eu acredito que se deve através dessa Prova Brasil, né? O MEC acessa hoje, é, o site da Secretaria de Educação e vai lá, por exemplo, na escola Firmino Ayres, que é a nossa e já tem</p>	<p>COMO ERAM FEITAS AS AVALIAÇÕES DO GOVERNO FEDERAL ANTES DA PROVA BRASIL</p>	

<p>conhecimento daquela escola, tem conhecimento do índice de aprendizagem de cada escola e se dá à Prova Brasil, eu acredito, eu acredito não, a intensão foi essa, né? Do Governo? A intensão foi essa. (PATRÍCIA)</p> <p>Bem, eu não sei por que eu não lecionava (risos) então eu não tenho conhecimento disso. (PEDRO)</p> <p>Como era feito a avaliação antes? [da Prova Brasil] Desde 2007 pra cá que tem, né? [...] tem a Prova Brasil. Como era, avaliado? Me lembro não [sic], pergunta a professora pra ver se ela lembra. (ANDREIA)</p> <p>Olha, que existi, existiu outros métodos, é porque eu não me lembro. Mas o mais comentado, o mais divulgado é esse da Prova Brasil. (ELISA)</p>		
<p>Olha, tudo vem do MEC para a Secretaria da Educação pra chegar até nós. O MEC mandou esse comunicado às secretarias e a secretaria nos convida, faz uma reunião nos orienta, nos capacita pra que a gente possa é, aplicar essa prova. (ELISA)</p> <p>A prova é aplicada, ela vem uma prova tipo um questionário, certo? E que esses questionários são trabalhados textos... Então, aí os alunos responde como se fosse... Antigamente a prova do vestibular não era totalmente assim, só de marcar, num é? Então, ainda hoje é assim, eu não sei a desse ano como é que vai ser né? Porque ainda não houve, mas a última é só marcando e muitas vezes aí o aluno às vezes não tem nem tanta, nem tanta assim, é, qualificação e termina tirando uma nota maior de que um aluno que é mais qualificado. Por conta de marcar, né? Eles chama [sic] até assim, “mamãe mandou”, né? A expressão que eles usa [sic]. (MARTA)</p> <p>[...] a gente senta, planeja, é, passa pra turma, né? Que eles vão tentar o dado tem a Prova Brasil, então eles já vão se preparando. Faz simulado, faz bizurada, e aí eles se saem muito bem na Prova Brasil. (ANDREIA)</p> <p>Os alunos ficaria [sic] na classe respondendo a prova e os professores respondendo, não sei se era 150 questões, enquanto a prova era realizada. (ESTELA)</p> <p>Na verdade, eu acho que responde [ao questionário socioeconômico]. Porque é o primeiro ano que eu, eu estou fazendo parte dessa Prova Brasil, esse ano. Até agora ainda não respondi não, mas eu acho que deve responder né? Alguma coisa, algum questionário. [...] Mas acredito que seja também, né? Como o aluno está sendo, eu acho que o professor também vai ser avaliado, eu não sei. (MARTA)</p> <p>Junto com a Prova Brasil né? O professor recebe um questionário</p>	<p>COMO ACONTECE A PROVA BRASIL HOJE</p>	<p>ÍNDICES DE AVALIAÇÃO</p>

<p>e ele também responde esse questionário. No dia da prova. Esse questionário o professor vai responder é, o econômico, certo? E outras questões voltadas pra educação da, enquanto ele profissional daquela instituição. Que é o peso também pra Prova Brasil do aluno [JOANA].</p> <p>[...] Os alunos vão resolver a prova, né? Que é só um monte de texto, né? Através do texto e a gente que vai responder as questões [o questionário] (ESTELA)</p> <p>Bem, nós passamos, é, durante o ano com o trabalho de motivação e de orientação aos alunos, então, tanto eu quanto a professora de matemática, nós preparamos inclusive um material diferenciado, e os próprios alunos fizeram a aquisição desse material, xerografado e nós tentamos mostrar pra eles quais são os descritores que vão ser avaliados e... Sempre, é, desenvolvemos com eles a resolução de questões no estilo das que eles irão resolver na Prova Brasil. Então, aqui na escola, tanto eu quanto a professora Fabiana de matemática, desde o início do ano, nós temos [sic] é... Tanto temos investido na motivação como também na orientação. (ANTÔNIA)</p> <p>[...] Os alunos vão resolver a prova, né? Que é só um monte de texto, né? Através do texto e a gente que vai responder as questões. A gente não tivemos [sic] ainda noções disso aí não, só que mandaram preparar a gente, pra gente passar muito texto para o nono ano e, é o nono ano, o último é o quinto ano, né? (ESTELA)</p>	<p>COMO ACONTECE A PROVA BRASIL HOJE</p>	<p>ÍNDICES DE AVALIAÇÃO</p>
<p>[...] nós temos também as provas bimestrais, né? As atividades de sala de aula. Tem também as Olimpíadas de Matemática, né? Aí eles também preparam, é, provas, eles preparam maratonas tem muitas formas de avaliar o aluno. (PATRÍCIA)</p>	<p>COMO AS ESCOLAS AVALIAM OS ALUNOS</p>	
<p>[...] Olha, a experiência que nós tivemos com a Prova Brasil foi muito boa, é, é, é uma prova contextualizada, entendeu? Onde leva o aluno a pensar, refletir, então o nível da prova é muito bom, entendeu? Então o aluno aprende muito com ela. A gente tem trabalhado as provas do ano anterior, compararem entendeu? Com o que mudou, o que realmente melhorou. Então eu acho que é uma forma de avaliação... É válida! Se eu pudesse, trabalharia dessa forma (MARIA).</p> <p>[...] o bom desempenho da escola, também permitiu a escola repensar a avaliação. E assim, encara-la com mais motivação, com mais incentivo. Então, mesmo consciente da realidade de quê, um bom desempenho pode também representar a ausência de verbos à escola, mas assim, hoje nós temos uma concepção muito assim de, se atingirmos essa meta, não podemos baixar, precisamos ao menos mantê-la. Então assim, tentamos traduzir isso, não só em empenho, em planejamento... Como também motivação aos alunos, incentivo, principalmente (ANTÔNIA)</p>	<p>O QUE PENSAM SOBRE PROVA BRASIL</p>	

<p>Avalia, porque toda avaliação é avaliação, né? Mas eu não sei se é o suficiente para dizer que o aluno é excelente ou é regular. Eu acho que não. (PEDRO)</p> <p>Olha, eu já, todos os anos eu leio, eu sempre comparo as Prova Brasil com prova do ENEM, são todas contextualizadas. Claro que o ENEM é uma avaliação de tudo o que você aprendeu no fundamental, de tudo que você aprendeu no ensino médio, mas são textos, são interpretações, a diferença é muito pôca [sic], mas é como eu disse, se você for um bom leitor, você se sai bem num ENEM, você se sai bem numa Prova Brasil. Porque são textos longos, são textos compridos, e eu digo sempre aos alunos, “quando você lê o enunciado da questão, muitas vezes a resposta tá lá dentro, é questão de interpretar, de saber ler.” (ELISA)</p> <p>[...] é uma avaliação que contempla justamente a postura... Leitora do aluno, a forma de compreensão, de, de, as diferenças, como comparar textos. Então são, são descritores que trazem competências que o aluno precisa levar pelo resto da vida. Então assim, a... Essas competências, elas viriam avaliar apenas se o aluno encerrando o nono ano, né? Se ele estaria apto realmente a ingressar, por exemplo, no ensino médio, mas se ele saia com uma competência leitora para o resto da vida. Então, sem dúvida é um processo de avaliação bem complexo e bem eficiente. (ANTÔNIA)</p> <p>Avalia porque, pelo menos avalia a competência leitora, porque em relação à língua portuguesa, na realidade a Prova Brasil ela não traz uma ênfase em aspectos gramaticais, análise linguística, né? As é, as classes de palavras, a acentuação, a ortografia. Ela trabalha mais na perspectiva dos descritores, principalmente simplificando, na ideia de compreensão, de interpretação, diferenças e comparação de um texto a outro... Então assim, essa é, essas competências, elas são avaliadas (ANTÔNIA).</p> <p>[...] num dia de Prova Brasil o aluno pode não estar bem emocionalmente, psicologicamente e não se saí bem numa prova, né? O emocional dele conta muito. Então não é uma prova naquele momento que vai avaliar se realmente o aluno aprendeu ou não, se realmente o aluno tem condição ou não. Eu não acredito que realmente seja uma prova quem vai é, dizer se o aluno realmente aprendeu. Quer dizer, o aluno pode não estar bem naquele momento e se sai mal e, no entanto ele tem conhecimento, né? O suficiente pra fazer. Não é uma prova que avalia nem que mede conhecimento do aluno não. (MARIA)</p> <p>[...] Bem, a Prova Brasil, eu acho assim, porque são muitas questões, né? Como é que um aluno de surpresa, de surpresa não que eles vão tá sabendo, vai ser avaliado? Eu acho que, pelo que eu acho da, da sobre essa Prova Brasil, eu deveria dizer que sim [ela avalia], por quê? Porque o aluno vai provar a bagagem que ele tem, o conhecimento que ele tem dentro do que aprendeu durante aqueles quatro anos do fundamental I. (ESTELA)</p>	<p>O QUE PENSAM SOBRE PROVA BRASIL</p>	<p>ÍNDICES DE AVALIAÇÃO</p>
--	--	---------------------------------

<p>[...] Eu acho que assim, a Prova Brasil ela veio exatamente pra sanar essas dificuldades, assim, muito aluno repetente, sabe? É, muito aluno é, a evasão escolar. Aí eu acho que através de é, disso aí foi que criou-se [sic] a, a Prova Brasil que é aonde você vai melhorar o IDEB da escola que é justamente isso aí, a evasão escolar, a repetência... (PEDRO)</p> <p>Os gestores não questionam, eles também acham, eles também contribuem muito nesse processo, sabe? Se preocupam, como eu, a maioria deles também são professores, ele também tem como positivo. Nunca ouvi nada negativo deles não (JOANA).</p> <p>Claro que tem suas falhas, né? Como tudo que vem de cima para baixo, é, mas atualmente é o melhor método [de avaliação]. É o melhor. (ELISA)</p> <p>[...] quando o aluno lê muito, ele aprende muito. Aquele aluno que lê pouco, ele aprende pouco. E pra fazer a Prova Brasil tem que você ler, porque é toda textualizada, aquele aluno que está mal na Prova Brasil é aquele aluno que não quer ler. (ESTELA)</p> <p>Não. [adotaria a Prova Brasil] Porque não é uma prova que vai me dizer o conhecimento de um aluno todinho, do primeiro ao nono ano, e às vezes tem o fator psicológico, tem o fator emocional, a gente sabe muito bem disso, que às vezes os alunos são bons e na hora ficam nervosos e não conseguem cumprir aquilo ali. E como a questão, é só questão de marcar, e tem aqueles sortudos igual [sic] à mega sena, que chutou lá aquelas letrinhas certas e acertou, por pura sorte. E tem aqueles que estudam e infelizmente, sabe fazer um cálculo mais no final errou um sinal e por causa desse sinal, não marcou a letra certa e perdeu a questão. Porque é toda questão de múltipla escolha, então... Múltipla escolha não avalia aluno, o que avalia o aluno é o conhecimento que ele adquiri [sic] constantemente, durante toda a sua grade curricular e não só uma prova (PEDRO).</p>	<p>O QUE PENSAM SOBRE PROVA BRASIL</p>	<p>ÍNDICES DE AVALIAÇÃO</p>
<p>Sim, escolheria [a Prova Brasil como avaliação do desempenho]. Tem falhas, tem falhas, isso aí sem sombra de dúvidas. Mas, pelo menos hoje estão se avaliando conhecimento. O pior era antes, que não tinha avaliação nenhuma. Mas falhas têm, se você pega uma prova, assim, os professores daqui “olha Maria, é uma, uma realidade diferente do sul para o nordeste, do centro oeste para o nordeste, do sudeste para o nordeste.” Aí eu sempre digo: “eu sei gente, a gente não pode equiparar, comparar, não podemos comparar porque são realidades totalmente diferentes no nordeste, sudeste. Mas a gente tem que tá inserido nesse meio”, que o Ministério da Educação e Cultura, é para, é nacional, né? Mas que tem falhas tem, tem professores que pegam a prova e acham um absurdo, “meu Deus isso aqui...”, nem a gente muitas vezes consegue entender, mas eu sempre bato na mesma tecla, falta de leitura, falta de leitura. Vocês tem que dá exemplo, vocês tem que ler, se a gente não ler, se a gente não pesquisar, se a gente não dormir com o livro na nossa cama, a gente sempre vai ficar pra trás e sempre vai encontrar uma prova, uma avaliação e</p>	<p>APROVAÇÃO DA PROVA BRASIL POR PARTE DOS EDUCADORES</p>	

<p>dizer: “isso aqui é muito difícil para o nosso alunado. Isso aqui não tem condição, o nosso alunado não vai acompanhar” (ELISA).</p> <p>Adotaria, por esse, por esse ponto que eu lhe disse, que ele aponta com mais clareza, né? Tanta clareza o que a gente tá no dia a dia e não consegue ver. No processo de leitura que a gente tem, faz a Prova Brasil, e faz também a Provinha. A gente aplica no segundo ano a Provinha Brasil. E a gente consegue ver quais são os níveis de, de leitura que essas crianças estão, e lá na Prova Brasil a gente já vê a preocupação de contextualizar... Eu adotaria sim [JOANA].</p>		
<p>Porque, na verdade, é, prova, eu acho assim, que não mede conhecimento de ninguém. Principalmente como é aplicado, né? Que esses alunos é trabalhado em sala de aula só com o professor, que deveria haver algum tipo de reforço escolar e num está havendo, né? É, se fosse uma coisa assim, pra melhorar se realmente tivesse esse, esse reforço, com esses alunos, aí eu poderia até adotar. Porque o que a gente precisa, é a, é mais pessoas, pra que nos ajude a melhorar mais o desempenho desses alunos. [...] Eu acho o seguinte, que se vai acontecer a Prova Brasil, então deveria ter esse, esse é, reforço escolar, mas não só de determinado tempo... Por exemplo, vamo [sic] supor começou a falar de agosto, pra cá começou a se falar em Prova Brasil. Se acontecer, então que começasse do, do começo do ano, das aulas, pra já vim acompanhando. Aí eu acho que deveria, aí isso seria bem trabalhado. (MARTA)</p> <p>[...] uma sugestão [para a Prova Brasil] que nós até discutimos agora pouco, era a que os livros pudessem dá um direcionamento maior, os livros didáticos, a exemplo do que acontece com os livros do ensino médio, que já direcionam bastante a, ao ENEM. Que os livros do ensino, é, fundamental, também tivessem essa, esse direcionamento, à Prova Brasil. E assim, mas acesso a biblioteca, mas acesso a laboratório de informática... Porque o conhecimento também prega, é um conhecimento que ajuda muito o aluno até um bom desempenho na prova. Então assim, se ele tiver acesso aos bens realmente culturais, dentro da escola, já que, na nossa realidade eles não dispõem em casa, então com certeza o desempenho poderia ter sido melhor. (ANTÔNIA)</p> <p>[a Prova Brasil] Poderia ser feita nas outras turmas, porque de repente é só o nono ano de uma escola, ou o quinto ano se prepara, né? Pra ser avaliada, mas poderia ser uma avaliação no geral. Em toda a escola, né? E não somente na questão de aprendizagem, mas em outros momentos em outras questões, né? Como por exemplo, a gente avalia a aprendizagem, né? Do aluno, se o aluno aprendeu ou não, é isso que se pensa, mas poderia ser levar em questão, é, o corpo docente também poderia ser avaliado, né? Como o professor... O professor poderia passar por uma avaliação também, a equipe docente da escola está preparada ou não, somente o aluno. Eu sei que se o aluno está preparado foi o corpo docente da escola que preparou, mas o professor também, eu sugeriria que o professor também passasse</p>	<p>SUGESTÕES PARA A PROVA BRASIL</p>	<p>ÍNDICES DE AVALIAÇÃO</p>

<p>por uma avaliação, entendeu? Algum tipo de avaliação. (MARIA)</p> <p>Ver toda a grade curricular dele, desde quando ele ingressou na escola, até o nono ano ou até o terceiro ano do ensino médio, se ver se o aluno está aprendendo, se tá caminhando. Não só uma prova, que avalia ele. Não, que é, que ser... A prova é interessante, mas que não só seja a prova que avalia o conhecimento do nosso aluno, mas que seja todo o conhecimento curricular. Não que for só uma prova, fosse [sic] duas avaliações durante o ano, mas só uma avaliação só, dizer que o aluno é capaz já é muito complicado. Eu acho. Que deveria tanto ter questões de múltipla escolha como questões abertas. [...] Hoje em dia o ENEM é todo questões de marcar, mas as pessoas tem uma consciência de que está fazendo um vestibular, coisa que um aluno, por exemplo, do quinto e no nono ano não tem consciência de que está fazendo uma prova que vai ser avaliado sobre a vida dele. Ele pensa que tá avaliando a escola e às vezes o aluno por não gostar da escola às vezes até faz com que não cumpra-se o necessário. (PEDRO)</p> <p>[...] eu acho assim, que deveria ser feito, ter mais capacitações para os professores, minha sugestão que eu daria era essa, mais capacitações. Porque nós estamos sem capacitação, a única capacitação que nós temos atualmente em termos de leitura, a nível [sic] de Ministério da Educação e município é o Gestar. Não sei se você conhece esse, esse, é, esse projeto, o Gestar II, ele é muito rico. Mas na mesma hora eu volto atrás, eu estava participando do Gestar como diretora, e foram escritos doze professores, dez não participaram, só quem tava [sic] participando era eu e um supervisor. Aí existe [sic] as reclamações dos próprios professores, como é que pode o atual governo não oferece capacitações, o MEC não oferece mais nada, é, a prefeitura não tem convênio com nenhuma universidade, nem com Ministério da Educação... Mas se tem os próprios professores não participam. Eu tô [sic] lhe dizendo isso porque nós estávamos fazendo o Gestar e o Gestar de Patos foi cancelado. A prefeitura de Patos, a Secretaria de Educação de Patos na pessoa do coordenador Márcio Medeiros, ele mandava e-mail pra esses professores, ele solicitava a presença desses professores e ninguém foi. E como é que uma pessoa pode reclamar daquilo que tem e não, não quis? [...] Tanto estimular o professor a pesquisa pra que ele diante de tudo que ele tá aprendendo, trazer pra dentro da sala de aula, porque também não adianta só a teoria, ele tem que praticar, na sala de aula (ELISA)</p> <p>Mais projetos de leitura, mais projetos de leitura, mais capacitações, é... Eu acho assim, que deveria ter uma ligação maior, uma parceria maior entre as universidades e o ensino público. Se bem que já tá... A gente já vê uma parceria muito grande, mas eu acho que ainda tá pequena, precisa alargar, a porta precisa se alargar mais, eu acho que tendo essa parceria as coisas aconteceriam (ELISA).</p> <p>Eu acho o seguinte, que se vai acontecer a Prova Brasil, então deveria ter esse, esse é, reforço escolar, mas não só de determinado tempo... Por exemplo, vamo [sic] supor começou a falar de agosto, pra cá começou a se falar em Prova Brasil. Se acontecer, então que começasse do, do começo do ano, das aulas, pra já vim acompanhando. Aí eu acho que deveria aí isso seria</p>	<p>SUGESTÕES PARA A PROVA BRASIL</p>	<p>ÍNDICES DE AVALIAÇÃO</p>
---	--	---------------------------------

<p>bem trabalhado (MARTA).</p> <p>[...] os aspectos gramaticais que o aluno aprende realmente estuda no decorrer desses anos, esses aspectos não são avaliados, eles não estão presentes na prova. Então assim, há uma ênfase muito grande no dia a dia, aos conteúdos de gramática, aos aspectos gramaticais da língua e... A Prova Brasil ela dá uma ênfase muito grande em interpretação de texto, então fica um pouco assim, é, desigual. Você dá um conteúdo, intensifica um aspecto da língua quando é o outro aspecto que vai ser avaliado. Então há... É preciso um comprometimento muito grande na percepção de textos a serem trabalhados... Né? Para evitar de [sic] que o aluno chegue à Prova Brasil com habilidades linguísticas, porém, não habilitado para a interpretação de textos. (ANTÔNIA)</p>		
<p>A Prova Brasil é realizada através de uma equipe que não é da escola, entendeu? Que já é vem de lá, não são os nossos professores quem aplicam a prova. São 3h de prova onde o aluno do nono e do quinto ano são avaliados, é... A turma pra ser avaliada tem que ter no mínimo 20 alunos, a turma que não tem esse número de aluno ela não passa por essa avaliação. Então é, nós, nós da escola não temos contato no dia da prova, assim, de aplicação não, é toda uma equipe que vem já determinada pra isso, entendeu? Então a escola prepara os alunos no horário, os alunos vêm participam da prova, mas toda a equipe que realiza a prova é uma equipe determinada, que não é uma equipe da escola. (MARIA)</p> <p>[Aplicadores da Prova Brasil] São pessoas que vem de fora. Eu acho que do MEC. Eu não lembro, não presenciei porque eu fiquei aqui na sala, e quando terminaram as provas, eu não vi quem eram os professor [sic], mas não são professor daqui. Eu acho que não é também da Secretaria. Eu não lembro. (ESTELA)</p> <p>Bem, a prova ela é aplicada não por a gente [sic], nós não, professores não. São [sic] uma equipe da Secretaria que vem pra aplicar essa prova. A coordenadora e outras pessoas que faz parte da Secretaria da Educação. Só o pessoal de fora. (MARTA)</p> <p>O supervisor. [...] ele vai pra sala e quem aplica é ele. [...] só o supervisor. O professor tem que sair da sala de aula. [...] É só pra os alunos. (ANDREIA)</p> <p>Hoje os aplicadores vêm da gerência, certo? A gente só recebe o calendário e a porcentagem da aplicação e os aplicadores vêm da sexta regional de ensino. Preparamos os nossos alunos como eu já tinha lhe dito, com bizuradas e se no dia, a gente prepara eles normalmente como se eles tivessem fazendo uma prova comum da escola, atividade comum da escola. Até pra não mexer tanto com o emocional, né? Mas a gente conversa tem uma brincadeira antes, aquela dinâmica de preparatória, pra acalmar. Aí que é aplicada até então. [...] Ninguém da própria escola [aplica as provas], só os aplicadores que são encaminhados pela sexta gerência (JOANA).</p>	<p>APLICADORES DA PROVA BRASIL</p>	<p>AS AVALIAÇÕES NAS ESCOLAS ESTUDADAS</p>

<p>[a escola] Foi avisada, foi preparada. Como agora tá sendo também estudada, veio até um professor de reforço pra estudar sobre a interpretação de texto. Que é muito currido [sic], a gente tem além desses eventos que acontece, a gente tem que preparar outras coisas como a Provinha Brasil, as Olimpíadas de Matemática também. (ESTELA)</p>	<p>PRIMEIRA APLICAÇÃO DA PROVA BRASIL</p>	
<p>Através da Secretaria de Educação, foi quem passou todos os informes, né? Todas as instruções pra os nossos supervisores em seguida os supervisores fez a informação, passou a informação para os professores e vem sendo assim até hoje. [...] sempre a primeira informação é pra o supervisor da escola, aí o supervisor se reúne com os professores E repassa. E no dia do acontecido, no dia que acontece a prova [Prova Brasil]. [...] tem também, a participação, né? A presença dos técnicos da Secretaria da Educação [...] (PATRÍCIA).</p> <p>Sempre assim, a Secretaria da Educação ela determina um local, vamo [sic] dizer assim, os alunos da área do Jatobá, aí eles determinam uma escola onde toda a área do jatobá vai ser aplicada a prova na escola tal, entendeu? Vamo [sic] dizer. [...] a Prova Brasil ela é realizada aqui na área do Jatobá na escola Firmi... Na escola Monsenhor Manuel vieira. Todos os alunos da área do Jatobá vai [sic] pra escola Monsenhor Vieira e lá acontece a aplicação da Prova Brasil e assim, nas demais áreas. É um dia de Prova Brasil, sabe? (PATRÍCIA)</p> <p>[Quando das Olimpíadas] eles [os alunos] vêm pra cá, pro Monsenhor Vieira grande, do Estado, né? Porque junta de toda a cidade, um representante de cada escola, né? Que saiu [sic] bem, aí eles se agrupam no Monsenhor Vieira. Mas a Prova Brasil é na própria escola (JOANA).</p> <p>Na verdade eu nem sei, na verdade, eu não vi nenhuma prova ainda. Eu só vi um questionário que me deram pra os alunos responder com aquela questão de responder só os seus dados, sabe? Só foi até hoje o que me deram. mas não me deram nada assim pra trabalhar é... Porque eu acho que deveria ter algumas, umas outras atividades ou outros livros, outros coisa assim, que fosse direcionado pra isso. E até hoje... (MARTA)</p> <p>Os professores das disciplinas são convidados, entendeu? Acompanhar o aluno, às vezes não fica na sala de aula, mas fica, vamo [sic] dizer assim, dando assistência [no dia da prova], entendeu? [...] eles [os professores] não tem acesso as provas elas são todas lacradas. São abertas só... [...] as informações [que os professores recebem] é com relação, as informações no sentido assim, aquele material que o professor vai usar como correção, né? Não são os professores das disciplinas que faz [aplica a prova] é a Secretaria da Educação, eu sei assim que elas assim, que nem a gente da direção tem acesso, quem recebe são os professores e supervisores que recebe esse material e são informados de como que são utilizados. (PATRÍCIA)</p>	<p>COMO A PROVA É APLICADA</p>	<p>AS AVALIAÇÕES NAS ESCOLAS ESTUDADAS</p>

<p>Aqui na escola todos fazem, não há um processo assim, de seleção não. Todos os alunos de quinto ano e todos os alunos de nono ano, eles fazem a Prova Brasil, salvo engano, só a turma que tem menos de 20 alunos que não pode ser submetida. Mas aqui no nosso caso não, todos vão realizar. (ANTÔNIA)</p> <p>A seleção é que todos os alunos do nono ano e do sexto, sexto e nono ano participa. [...] A gente sempre recomenda e convoca a todos, sabe? Só se for uma questão assim, de problema de saúde, aí eles apresentam um atestado, entendeu? (PATRÍCIA)</p> <p>Eu também não sei (risos). Porque eu não trabalhei. Eu acho que são todos [os alunos] que fazem. Não existe [seleção], todos do nono ano é que fazem... Do quinto e nono ano, né? Que fazem a Prova Brasil. A turma completa. (PEDRO)</p> <p>São todos do nono ano, da língua portuguesa. [...] geralmente é assim, geralmente quando é o dia da Prova Brasil, a direção recomenda muito que não faltem, só por motivo especial e no dia mesmo eu acho que não faltou nenhum aluno. (ESTELA)</p> <p>[Fazem a prova] Todos os alunos da turma do quinto ano e todos os do nono ano. Todos. [...] não faltam. (ANDREIA)</p> <p>A relação? Todos os que estão matriculados na escola do quinto ano. Todos eles, quinto e nono ano. Todos eles (JOANA).</p> <p>A turma pra ser avaliada tem que ter no mínimo 20 alunos, a turma que não tem esse número de aluno ela não passa por essa avaliação (MARIA).</p> <p>[Todas as escolas onde] Os quinto que tinham a cima de vinte alunos e os nono anos também. Agora só está fora quem não tenha esse número de aluno. Aqui no município a gente, só não participa uma escola urbana e a zona rural. Porque a urbana que não participa é porque não tem o número de aluno determinado, né? Exigido [JOANA].</p>	<p>QUAIS ALUNOS FAZEM A PROVA BRASIL</p>	<p>AS AVALIAÇÕES NAS ESCOLAS ESTUDADAS</p>
<p>Olha, o corpo docente, 80 % do corpo docente são, possui licenciatura, certo? Professores do fundamental I a maioria são pedagogos, fundamental 2 são especializados com habilitação na disciplina em que atuam. Apenas, acho que 20% do corpo docente ainda não possui licenciatura, certo? Uma boa parte estão [sic] cursando e outros uma minoria é que tem somente magistério. (MARIA)</p> <p>A grande maioria [professores] tem graduação. (ANTÔNIA)</p> <p>Todos [os professores] aqui têm ensino superior e são pós-</p>		

<p>graduados. (ELISA)</p> <p>[...] eu acho o corpo docente excelente, preparado só que muitas coisas não dão pra acontecer, devido os alunos, porque vem de periferias, muito aluno aqui vem com o interesse não de estudar, só de merendar. É o que tá acontecendo, fazer como a história, deixa eu dizer que o desinteresse dele é grande, principalmente em relação ao material escolar, que o, a prefeitura oferece, só que, a maioria vem dizer: “não vou fazer a tarefa porque não tenho lápis, não vou fazer a tarefa porque não tenho livro”, mas que tudo isso é oferecido pela prefeitura e eles extravia [sic] (ESTELA).</p> <p>A maioria, aliás, todos são formados [professores], né? Graduados, especialistas e tem alguns que já são mestres (PATRÍCIA).</p> <p>Todos os professores de conhecimento efetivos são graduados. É, algumas pessoas com especializações, outras com mestrado. Bem, os que eu, trabalham comigo no período da tarde que eu conheço, todos já são graduados (PEDRO).</p> <p>A maioria [professores] é pedagogo, eles são, todos tem formação, geografia, historiador, matemática, então é muito bom a qualificação dos professores da escola (ANDREIA).</p> <p>[...] todos [os professores] são graduados e tem até a pós, tem alguns (MARTA).</p> <p>São super heróis [os gestores escolares]. São muito bons os nossos gestores são bons. Eu acredito muito no trabalho deles, que eles também, tem, tem feito um bom trabalho porque eles vestem a camisa da educação com afinco. Porque a maioria deles também fazem parte do nosso quadro, então a responsabilidade deles é maior ainda. Como professor da rede e como gestor da rede, mas eles também tem feito um bom trabalho (JOANA).</p>	<p>QUALIFICAÇÃO DO CORPO DOCENTE</p> <p>DIMENSÃO PEDAGÓGICA</p>
<p>A gente tem os planejamentos e esse planejamento é dividido, o plano anual, né? E esse planejamento é dividido im, im [sic] bimestre, né? São quatro bimestres e dividido, e as disciplinas, como é que se diz? Os conteúdos são divididos por bimestre. [currículo escolar] (ESTELA).</p> <p>Olha, o currículo foi montado, é, de acordo com o que determina realmente assim, as diretrizes das escolas públicas nacionais, né? Então atende é, não só língua portuguesa que é disciplina que eu leciono, mas todas as outras atendem justamente ao que é determinado pelo o Governo Federal através do MEC. (ANTÔNIA)</p> <p>[o currículo] Segue geralmente assim, a programação que já vem dos livros didáticos porque também os livros didáticos</p>	

<p>passam por esse processo de adaptação, né? Do conteúdo ao currículo que pretende ser é, seguido. Então os livros didáticos, eles passam por todo o trabalho de elaboração e também nós passamos por todo um processo de seleção. Então o conteúdo geralmente ele é de certo modo determinado pelo próprio livro didático, né? (ANTÔNIA)</p> <p>Esse currículo ele vem preparado, né? De acordo com, a Secretaria de Educação é quem encaminha o currículo dos nossos alunos, os alunos da escola pública municipal é de responsabilidade da Secretaria da Educação. [...] São feitas reuniões, né? Capacitações também para os professores, as reuniões pedagógicas que são os encontros pedagógicos que são semanais [sic]. [...] Dentro da escola com o acompanhamento dos técnicos da Secretaria e também da Supervisora da escola. [...] Tem aquele, aquela capacitação geral, né? Com todos os professores (PATRÍCIA).</p> <p>Nós temos o nosso supervisor, ele é muito, ele procura desenvolver um trabalho, não aquela coisa mecânica, mas a gente vai vendo a realidade, se possível de cada aluno. Nós fizemos um levantamento, um levantamento atualmente de quantos alunos no sexto ano não sabem ler e escrever, a gente se assustou. Aí o quê que aconteceu? Não, vamos adequar uma realidade para eles, novos conteúdos... Por que como é que eu vou pegar, dar verbo a um aluno, tá lá no conteúdo, se o aluno não sabe nem ler? Como é que eles vão saber o que é verbo? Então assim, ficam esses questionamentos, a gente tá tentando adequar, alfabetizar na verdade, pra que esse aluno não chegue no sétimo, no oitavo e no nono sem saber escrever o próprio nome. Então há essa preocupação. [...] a maioria, não uma maioria [dos alunos] esmagadora chega no ensino fundamental II, eu estou falando com relação ao Professor Oliveira. Eles chegam é, com uma defasagem imensa de aprendizagem. Aí a gente conta nos dedos quantos dominam as disciplinas, a gente conta nos dedos, e isso é preocupante! Por que é assim, parece que estão pegando os alunos e empurrando, “não toma, ele não conseguiu aprender nesse ano, mas ele talvez...” É, eu me preocupo muito com isso. E a gente não pretende pegar o aluno e sair empurrando pra ele chegar no ensino médio e numa universidade e sem saber nada. A gente vê aí as pérolas do ENEM, né? Que é um absurdo! (ELISA)</p> <p>[...] o currículo é interessante, a gente debate muito sobre isso. Nós somos orientados pela Secretaria da Educação, que consequentemente já são orientados pela, é, pelo MEC, pelo Ministério da Educação. Mas a gente tenta adequar a nossa realidade, que esse ajuste, cada região tem a, a, a sua, a sua realidade, cada escola tem a sua realidade. Se você for para o Alírio fazer essa pesquisa, certamente a diretora dirá, de lá irá falar outras coisas, porque a realidade de lá é diferente da daqui. Com relação ao currículo a gente adequa, tenta adequar, porque infelizmente os alunos estão chegando no fundamental II sem saber ler e escrever. A realidade é essa! E o currículo nacional, exige que o aluno chegue do sexto ao nono ano lendo adequadamente, e essa realidade, ela não existe. Por mais que o MEC mande material pedagógico, didático, e eles estão</p>	<p style="text-align: center;">MONTAGEM DO CURRÍCULO ESCOLAR</p>	<p style="text-align: center;">DIMENSÃO PEDAGÓGICA</p>
--	--	---

<p>mandando, materiais riquíssimos, mas nós estamos recebendo os alunos do fundamental I sem saber ler e escrever. Aí a gente questiona de quem é a culpa? Sempre a culpa vai para quem alfabetiza, mas será que é só para quem alfabetiza? Então há uma série de interrogações... [...] eu vejo assim, que tudo vem de cima para baixo. Se o MEC viesse até nós, verificar a nossa realidade, eu acredito que as coisas andariam de outra forma. Eu vou te dar o exemplo do Mais Educação, o Mais Educação veio para Patos e praticamente hoje, todas as escolas já, já aderiram ao Mais Educação. É um programa bom? Maravilhoso! É muito bom! Mas nós precisamos de espaço, não temos. É, pra você desenvolver o Mais Educação eles diz: “olha, até de baixo de um pé de árvore você pode dar uma aula”. Mas não, isso é muita utopia! Eu acho assim, que as pessoas, eu sou utópica, eu sou uma sonhadora também, mas com os pés no chão. Não é chegar com um programa, jogou aqui dentro, a gente tem que se virar, de todas as maneiras para desenvolver esse programa. Mas assim, eu acho que a saída seria chamar, quem realmente vive, tem experiência, com a realidade do ensino público, pra conversar, pra analisar o que se pode ser feito. Mas o Brasil isso não acontece, no Brasil eles chamam quem primeiro? As universidades, que estão lá, com outra realidade, pra desenvolver projetos e programas que serão desenvolvidos nas escolas públicas. Pessoas que geralmente nunca entraram nem numa escola pública. Infelizmente a realidade é essa, são pessoas incapacitadas? De jeito nenhum, extremamente capacitadas, professores, professores com conhecimento científico imenso! Mas o que falta? Experiência em escola pública. E eu vou citar a escola municipal. [cada região] Tem a sua realidade. Você vai olhar o IDEB, é, do país, você se assusta com a disparidade, sabe? É uma disparidade imensa (ELISA)</p> <p>Cada professor trás seu plano, trás seu plano para trabalhar o ano inteiro. [...] É feito um plano de aula, né? De cada professor, a gente faz o planejamento semanal, planeja e cada professor também tem seu plano de aula. Às vezes a gente tem reunião [com a Secretaria da Educação]. Com o, o coordenador pedagógico sempre, parte pedagógica com a supervisora e semanalmente na escola toda a equipe. [o professor] ele define o seu plano, é. Ele faz o seu plano de aula. (ANDREIA)</p> <p>O currículo a gente montou, né? Quando teve a transição do ensino de nove anos, a gente montou a equipe de supervisores com os de professores de toda a rede e selecionados por currículo, né? Como a lei, né? Do afro descendente, o da educação especial, agora a gente já vai fazer uma inovação com a educação ambiental. Sempre no coletivo, com professores e supervisores, é montado esse currículo. [são feitas] Reunião de planejamento, com discussões. Se discute, se elabora e depois vai pra uma plenária pra escolher os índices que deve ser colocados no currículo, né? [...] a gente fez na transição de 2008, na transição de ensino de nove anos. O ano passado a gente avaliou toda a proposta de ensino da rede e agora em 2014 nós vamos avaliar novamente, porque já tem novas, demandas pro [sic] currículo, né? Já tem novas é, proposta (JOANA).</p>	<p style="text-align: center;">MONTAGEM DO CURRÍCULO ESCOLAR</p>	<p style="text-align: center;">DIMENSÃO PEDAGÓGICA</p>
<p>[...] quando a equipe teve o conhecimento que até o terceiro ano</p>		

<p>do ensino fundamental não existiria mais a reprovação, né? Que hoje é até o terceiro ano do ensino fundamental, o aluno não pode mais ficar retido, automaticamente ele vai pro ano [sic] seguinte, pra série seguinte. Então, os professores eles tiveram aquele impacto, agora os alunos vão passar de ano sem adquirir o conhecimento necessário, né? Existe a preocupação de que o aluno passe pro ano seguinte sem ter adquirido as habilidades necessárias para isso. É tanto que a escola tendo essa preocupação, o que é que a escola fez, a gente faz um acompanhamento ano após ano, bimestre após bimestre de toda a equipe, entendeu? Quais são os alunos que tem dificuldade que não podem ficar retidos mais que não desenvolveram todas as habilidades, então a gente passa a informação pro outro professor pra que ele na turma que vai pegar, com os alunos que ele vai pegar naquele ano, ele possa trabalhar as habilidades entendeu? Que não foram bem desenvolvidas no ano seguinte, então são feitos os planejamento [sic] onde repassam as informações dos alunos que tem dificuldade pra que possam ser trabalhadas no ano seguinte. Há todo aquele contato. Há também o professor que acompanha, que acompanha da pré-escola pro primeiro ano, do primeiro ano pro segundo ano, do segundo até o terceiro ano, pra que ele possa acompanhar aqueles alunos, ele, como já vem acompanhando há algum tempo ele tem mais conhecimento, né? Dos alunos que não conseguiram, que estão com dificuldade para trabalhar no ano seguinte. Então há essa preocupação da escola de até que o próprio professor ele continue com a turma para que ele possa trabalhar quando o aluno chegar ao terceiro ano ele tenha desenvolvido as habilidades necessárias, teja [sic] alfabetizado, né? (MARIA).</p> <p>Olha, é, é, geralmente as pessoas tem que saber o que é isso, “ah, mas a gente não pode mais reprovar o aluno”. Eu não vejo a questão dessa forma, de forma tão taxativa, eu vejo assim, se o aluno não tem condição de acompanhar o ano seguinte, ele não deve ser aprovado. É claro, que direção, supervisão, professores, tem que criar estratégias pra fazer com que esse aluno progrida. Mas se esse aluno não conseguir esse progresso, eu jamais aconselharia alguém a fazer com que esse aluno fosse aprovado. Por quê? Quando chegar lá na frente, é o que tá acontecendo hoje, os alunos estão chegando nas séries nos anos do fundamental II sem saber de nada. Eles não sabem interpretação oral, eles não sabem interpretação textual, eles não tão sabendo, eles não dominam nem a matemática, nem a língua portuguesa. E pra você conseguir estudar história, geografia, as de mais disciplinas, você tem que ter, você tem que ter uma base da disciplina de português, uma base de matemática. Porque tudo é interdisciplinar, né? Se você faz, lê um texto sobre geografia e compreende então você é um bom leitor, então você tem uma base excelente da língua portuguesa. Tudo é interdisciplinar (ELISA).</p> <p>Com relação à idade, as disparidades de idade, a gente tem o programa correção de fluxo, que vem agrupando as crianças no distorção [sic] idade-série, né? E as outras disparidades a gente coloca sempre, dependendo, se for 16 anos, a gente infelizmente tem que colocar no turno noturno, né? No EJA, é tanto que a gente tem o EJA de quinta à oitava, e de primeira a quarta série. E no caso do aluno especial, aí é onde complica mais, “porque eu</p>	<p>FLUXO E APRENDIZAGEM</p>	<p>DIMENSÃO PEDAGÓGICA</p>
---	---------------------------------	---------------------------------------

<p>tenho doze anos, mas eu tenho uma mentalidade pra 6º, né? A gente fica tentando adequar esses, esse processo dentro de outras salas, certo? De segundo, terceiro ano (JOANA).</p>		
<p>[...] se aprovar o aluno, com a intenção também de ajuda-los, a estratégias pra que ele progrida, eu até aceito, im, im [sic] alguns momentos, agora simplesmente pegar o aluno, sair passando, empurrando com a barriga e não fazer nada, isso aí eu não concordo. Porque quando o professor, ele, ele aprova um aluno, ele tem que tá consciente porque que esse aluno foi aprovado, ele tem que ter conhecimento do que o aluno adquiriu. E de preferência fazer um relatório e passar para o ano seguinte para os outros professores, porque sempre no início do ano tem que ser feito um diagnóstico, de cada aluno. Mas será que isso tá acontecendo? (ELISA).</p> <p>[...] esse sistema de reprovação, aqui como todo o município ou toda escola rege, existe o conselho de classe. Aqueles alunos que a gente sabe que tem por si só dificuldade de aprendizagem ou está com problema só em uma disciplina, a gente rege para que esse aluno progrida lógico. Mas aqueles alunos que tem problemas em todas as disciplinas, que é mal indisciplinado, que não quer, não quer ter o conhecimento. Esses alunos a gente no primeiro conselho de classe, a gente decide pela opção de retê-lo. Então, mas não é uma decisão de um professor, é decisão do colegiado, analisar todos os prós e todos os, os... (PEDRO).</p> <p>[...] a proposta é que o aluno não fique retido, no entanto é preciso que haja por parte dos professores todo o empenho para elevar o nível desse aluno, então muitos professores eles permanecem numa zona de conforto. O aluno não aprendeu, mas não é por isso que eu vou deixa-lo, então passa para o ano seguinte e assim sucessivamente. E aí nós percebemos que o aluno realmente chega ao nono ano com um déficit muito grande inclusive de alfabetização e letramento. [...]. E aí nós observamos uma prática que é muito comum, no Brasil. Alunos que chegam ao terceiro ano, que se submetem, por exemplo, ao ENEM e que não tem assim, a habilidade mínima de escrita! E menos ainda de leitura, que é uma deficiência que o aluno vem trazendo há anos, então não é no ensino médio já com uma formação direcionada a universidade, uma formação direcionada ao mercado de trabalho que o professor vai se dispor a fazer o trabalho de alfabetização. Então ele termina levando essas deficiências para... Pelo resto da vida, para o mercado de trabalho... (ANTÔNIA).</p> <p>[Os alunos] eles, porque acha que o sistema obriga eles [sic] a passar, dificultou muito, porque eles não tão nem aí, tá entendendo? Uma minoria, uma minoria diz assim, “eu vou passar mesmo, não tenho por que me interessar.” Então eu acho que não devia... [...] a escola se reunia com os pais e mostrar a realidade do filho e aí a gente junto decide (ANDREIA).</p>	<p>IMPACTOS DA NÃO REPROVAÇÃO PARA O ALUNO</p>	<p>DIMENSÃO PEDAGÓGICA</p>

<p>[...] a reprovação, não é que o aluno, “ah, não é pra reprovar o aluno,” não. Se o aluno tem uma séria dificuldade não só em uma disciplina, certo? Tem dificuldade em várias disciplinas, eu acho que ele deve ser retido. Porque às vezes é o próprio aluno que não quer aprender, e a família também por si só não ajuda. Então, lógico que a gente, é, não quer que nenhum aluno fique reprovado, mas que se o aluno precisa ser retido, eu acho que ele precisa, tem que ser retido. Eu avalio como negativa [a não reprovação], porque o Brasil tá querendo formar vários analfabetos de uma vez só (risos). Sem o conhecimento, sem o estudo, sem nada, sem ter uma base, sem ter informação nenhuma. Porque é, a educação num é pra, tem que tratar ela “ah todo mundo tem que se formar e jogar lá pro mercado de trabalho, pra ser jogado”. Não, tem que aprender, tem que sair aqui um ser pensante, um ser consciente das suas atitudes. E não ser jogado, só porque “ah, o aluno tem que passar, ele vai passar” (PEDRO).</p> <p>[...] quando o aluno tem dificuldade e não consegue assimilar de jeito nenhum, ele fica em matemática e a gente progride, mas às vezes ele, a gente nota que o aluno tem a capacidade de ter o conhecimento e não quer adquirir então eu acho que esse aluno deve ser retido, porque ele não quer. Às vezes, por exemplo, eu já tive um caso de um aluno que já foi retido e hoje em dia é o melhor aluno de matemática que eu tenho, por quê? Porque ele aprendeu, lógico que nem todos são iguais, mas ele foi retido e aprendeu. [...] Porque a gente sabia que ele tinha capacita de aprender, mas é porque ele não queria. Então eu acho que foi um estímulo porque, ou era porque o irmão dele ia alcançar ele ou alguma coisa assim, então ou pensou bem. A família pensou, porque é um problema muito grande também é a família, que às vezes é desinteressada e só quer que o aluno fique na escola por causa do bolsa família (PEDRO).</p> <p>[...] o outro ponto, e que o aluno perde o interesse de vim à escola por conta disso. Porque não reprova, aí o aluno tá passando de série, só levando assim, a gente chama até de barriga, né? Só jogando d’uma série pra outra e eles não tem condições, então termina até deixando a escola. É tanto que quando chega a, a, completa a idade de 15 anos, que aí ele já tá fora de faixa, aí eles vão ter que procurar uma outra escola e procurar a noite. Aí muitas vezes, aqueles que ainda têm algum interesse, ainda vão à escola, porque tem o ônibus, né? Que vai deixar e buscar em Patos à noite. Mas tem muitos deles que abandona mesmo, num quer saber, vai trabalhar, diz que, que trabalhando consegue mais do quê... Porque na verdade, eles estão assim, equivocados, né? Porque o estudo é a ba... [sic] pra mim o estudo é a base de tudo (MARTA).</p> <p>[os alunos] Aprendem, aqueles que querem, né? Vamo [sic] deixar assim, né? Abrir essa lacuna, porque tem muitos, aqueles alunos que são aqueles que são o quê? Jogados. O aluno ficô, ficô [sic] em alguma matéria, então tem o conselho escolar que aí vai ter, vai trabalhar pra aprovar esse aluno pra levar ele só, d’uma sala pra outra, né? Pra ir jogando. E realmente aqueles que não querem, não tem interesse de aprender. Porque quando</p>	<p>IMPACTOS DA NÃO REPROVAÇÃO PARA O ALUNO</p>	<p>DIMENSÃO PEDAGÓGICA</p>
--	--	----------------------------

você tem uma equipe, é, toda cum [sic] graduação, pós-graduação, então, eu acho que uma escola dessa é de boa qualidade, não aprende se não quiser né? [...] os alunos que saíram aqui aprovados, aqueles que tiveram **vontade** de estudar mesmo, eles estão bem. Agora aqueles que, como eu falei pra você que é só passando de uma sala pra outra, muitas vezes eles não ficam bem não. Mas continuam estudando, o bom é porque continuam estudando. [...] Às vezes eles **desistem** como assim, porque ele prefere o trabalho do que o estudo, né? (MARTA)

[...] praqueles [sic] alunos que como eu falei que não são muito assim, **acompanhado pela família**, a gente tem **dificuldade**. A gente vê que eles passam de ano e a dificuldade vai junto com eles, certo? Eles são aprovados por uma questão de ser um direito do próprio aluno a avançar, mas que... É aquela, aquela questão, ele vai pra série seguinte, mas a dificuldade de aprendizagem vai com ele na série seguinte. Agora já o aluno que é bem assistido, né? Que tem um bom, vamo [sic] dizer assim, um bom... Que é bem **motivado**, que tem **interesse** mesmo de aprender, que é um bom aluno, que se desenvolve bem nos conhecimentos, né? Nos conteúdos, esse aí a gente sem sombra de dúvida não tem, não tem nem porque a gente dizer que ele, que a pergunta foi, que avaliado não pode ser reprovado, né? Assim. Aí o aluno quando ele é bom mesmo, independente da, de ter ou não a prova de avaliação, ele é bom. Agora que esse aluno que a gente tem uma preocupação na aprendizagem dele e ter que no final do ano passar esse aluno pra série seguinte é mesmo que tá passando a dificuldade pra mão do outro, né? (PATRÍCIA)

Agora a gente sabe que o processo de **alfabetização** vai à vida inteira, né? Hoje eu estou aprendendo com você, você comigo e assim, é um processo, eu acho viável, né? Agora o que a gente tem que aprender que a gente pode também deixar alguém retido, com responsabilidade, pode reter com **responsabilidade** e aprovar também com essa responsabilidade. Porque o processo é contínuo, né? Vai até durante toda a vida. A gente tem aqui, se preocupado [sic] com isso, né? Já teve reuniões com o coordenador pedagógico pra gente vê, aquelas crianças que a gente sente que ele está com uma dificuldade, mas que tem condições de ir pra frente naquela série a gente vai encaminhar no processo desse de alfabetização e outros não. A gente até chega até a estabelecer **metas**, quantidades por **séries**, por ano, né? Do **primeiro ano**, a gente pode deixar até **dois**, do **segundo ano** até **três**, assim sucessivamente. A gente tem discutido sobre isso, certo? Pra que não reprove e também não deixe também passar sem o aprendizado efetivo. [...] Aí a gente esse ano teve uma experiência, de que a gente colocou uma criança, né? Vendo a dificuldade dele, a gente colocou ele [sic] numa série de repetição e deu um olhar mais específico pra ele, colocou num horário pra que ele pudesse estar no contra turno pra ele recuperar aquela dificuldade que ele não conseguiu alcançar, né? Vencer em 2012. E agora em julho quando a gente reavaliou a criança realmente tinha tido, claras condições hoje de seguir em frente, né? Que falta também o apoio familiar, essas questões e baseado nisso aí, é que a gente tem atentado pra isso e deixar retido com alguém de acompanhamento pra isso. E até mesmo o próprio professor em sala que se dispôs a fazer esse acompanhamento em contra turno. E hoje a criança a gente já sentiu que ele **recuperou** aquele ano sabe? Mas não tivemos assim, ainda uma determinação de aprovar no restante do ano, no

DIMENSÃO
PEDAGÓGICA

IMPACTOS DA NÃO
REPROVAÇÃO PARA
O ALUNO

<p>restante do meio do ano pra cá. A gente deixou que ele fosse crescendo mais. É uma perca muito grande a gente conhece que é uma perca muito grande, que ele já chega com outros pensamentos, né? Mais formalizado pra uma série que talvez ele pudesse é, se não tivesse ficado retido, ter tido um aproveitamento melhor. E eu digo outra coisa, se a gente tivesse mais de perto, um apoio dos pais, a gente teria conseguido sanar a dificuldade desse aluno ano passado, que foi só por falta de atenção mesmo de chegar mais junto nas questões. [...] Eu avalio como negativa [a retenção]. [...] Se a sala tivesse todos em pé de igualdade seria bom. Mas a gente tem vinte alunos numa sala e vamos dizer que tenha dois nessa dificuldade [alunos aprovados com dificuldade de aprendizagem], né? Então, a turma toda vai numa sequencia e ele não, ele vem pro turno [sic] pra se recuperar, aí quando volta ele tem vencido aquela dificuldade que ele tinha anteriormente, mas já tem aquela outra dele tentar conciliar o aprendizado do ano passado com esse ano. Aí nesse ponto eu acho negativo, nesse ponto, certo? Mas se tivesse a continuidade da escola junto com a família seria muito positiva, porque ele poderia avançar dentro do próximo ano, dentro do próprio ano (JOANA).</p>		
<p>É o programa do, do sexto ano é diferenciado do sétimo, do oitavo e do nono. Como assim? Porque o sexto ano a gente trabalha mais o que? As dez classes gramaticais, que quando ele vem do fundamental I, ele vem assim, sem saber identificar direitinho. Ele sabe, mas não sabe identificar aí a gente aprofunda mais. No sétimo ano a gente já vai trabalhar a função dessas classes. No oitavo ano também e o nono, é tudo o que ele vê do sexto até chegar no oitavo ano. É tudo como se fosse uma revisão geral. (MARTA)</p> <p>No oitavo, no sexto ano, né? Eles aprendem as quatro operações, expressões numéricas, fração, números decimais. No sétimo ano eles já têm a noção de, os mesmos conteúdos, mas com relação de sinais, números inteiros. No oitavo ano, vem a questão da parte algébrica, aí o envolvimento dos números nas expressões matemáticas. No nono ano, equação de segundo grau, função, probabilidade, estatística, raiz, potências. [Currículo] Esse vem determinado pelo Ministério da Educação. [...] já tem específico durante, essa grade curricular já é imposta pelo MEC há muitos anos, então nunca houve mudanças em termos de grade curricular. [...] a gente tem planejamentos, semanais que a gente sempre se prepara pra alguma coisa que venha facilitar o nosso trabalho. [...] Sendo que nós professores, por exemplo, eu gosto de trabalhar sempre com o lúdico, trabalhando com área. Eu gosto que eles trabalhem muito nas áreas mesmo, tragam trena, que meça. Quando trabalhamos com figura geométrica eu gosto que eles confeccione [sic], então eu gosto de buscar sempre o cotidiano, o dia a dia pra sala de aula. Mas isso aí é meu. Não é que eles dão esse espaço. (PEDRO)</p> <p>[Conteúdos estudados] da mesma série todos os alunos tem seu conteúdo, é, oitavo também. Então cada um por série, né? Por ano. (ANDREIA)</p>	<p>CONTEÚDO COMUM AOS ESTUDANTES</p>	<p>DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>

<p>[Conteúdos comuns aos estudantes] São. Se por um acaso um aluno daqui, eu não sei da rede estadual, né? Estou no município, se um aluno daqui, sair daqui, ele tá estudando vamos dizer, oração subordinada, agora, se ele chegar em outra escola, for transferido, o assunto que esta dando é o mesmo. (ESTELA)</p>		
<p>Existe uma diversidade [social e cultural entre os alunos], entendeu? Bem... Uma grande parte assim, social... É na questão que você falou, racial. Existe essas diferenças, elas são trabalhadas dentro da escola, entendeu? E são respeitadas, mas existe uma grande... É bem diversificada. (MARIA)</p> <p>[...] em relação à escola particular onde eu sempre atuei, né? Nesses vinte e poucos anos, aqui eu percebi que há assim, há uma predominância muito grande de negros, é, assim, é bem comum nas salas nós temos uma quantidade significativa, né? De alunos negros. (ANTÔNIA)</p> <p>[...] nós temos alunos de várias maneiras. Eu tenho aluno que tem deficiência, a gente tem alunos que são negros, outros que são brancos, tem diversidade geral, né? Em sala de aula, nós lidamos com alunos que tem problemas, eu só tenho uma aluna que tem dislexia, né? Não consegue assimilar rápido, então diferente das outras turmas. Eu tenho que ter um olhar diferente pra ela, dos demais alunos da minha sala, mas os demais eles são sem nenhum problema, sem preconceito, não tem nada, em relação a isso. (PEDRO)</p> <p>Aqui a gente tem aluno, tem, a não sei se você deu uma olhadinha por aí. A gente tem alunos negros mesmo, tem brancos, tem o pardo. [...] Índio aqui não tem não. Quer dizer, se tem, mas ainda deve ser muito longe que não dá pra gente identificar. (MARTA)</p>	<p style="text-align: center;">DIVERSIDADE RACIAL</p>	<p style="text-align: center;">DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>
<p>[Aluno com deficiência] Física nós temos um, pelo menos assim, na parte da tarde tem um menino que ele agora até concorreu é, como deficiente, nesse negócio da, do [sic], atletismo. [...] as pernas dele é assim, meio tortinhas. Ele é lá do sexto ano. Não [não existe tratamento diferenciado], ele é tratado [...] como todos os alunos (MARTA).</p> <p>Não [na escola não tem alunos com deficiências físicas]. Bem, no meu horário não, não sei na manhã, mas parece que teve uns alunos [com necessidades especiais], mas também, que não continuaram [...] geralmente nós não somos preparadas para receber, né? Você sabe que tem que ter uma capitação [sic] muito, né? Que seja especial pra poder, vamo [sic] dizer, suprir a necessidade deles, né? Porque o município não ofereceu isso. Geralmente enquadra, coloca, mas sabendo que vai ter prejuízo. (ESTELA)</p>	<p style="text-align: center;">ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS</p>	

<p>[...] nós temos alunos de várias maneiras. Eu tenho aluno que tem deficiência, a gente tem alunos que são negros, outros que são brancos, tem diversidade geral, né? Em sala de aula, nós lidamos com alunos que tem problemas, eu só tenho uma aluna que tem dislexia, né? Não consegue assimilar rápido, então diferente das outras turmas. Eu tenho que ter um olhar diferente pra ela, dos demais alunos da minha sala, mas os demais eles são sem nenhum problema, sem preconceito, não tem nada, em relação a isso (PEDRO).</p>		
<p>A grande maioria é assistido pelo Bolsa Família, né? Muitos deles já estão no... Na economia informal, né? Muitos já trabalham, há aqui na comunidade, aqui no bairro há uma... Prática muito grande de que eles já amanheçam o dia vendendo tapioca, muitos já trabalham na fabricação de, de sandálias, mesmo em casa. Então assim, é a realidade normalmente é assim, é quase que unânime, da mesma forma que eu falei do quesito leitura e escrita, nós encontramos um ou outro que apresentam assim, um padrão de vida melhor, né? Uma condição de vida melhor, uma condição social melhor. Mas a grande maioria realmente vive em uma dificuldade bem intensa (ANTÔNIA).</p> <p>Aqui veja que ele [o Governo] trabalha aqui, como se fosse zona rural. É considerado como zona rural. Aí tem aqueles que têm mais uma, uma classe mais elevada, tem aquele que vem que a classe ainda já é menor em termos financeiramente. As vezes a gente tem aluno aqui... Só que os programas traz, né? Lápis, caderno, dá tudo, dá tudo aos alunos, não é necessário comprar e ainda tem até uma bolsa, né? Essa bolsa escola, bolsa... Que na verdade, essa bolsa deveria ser melhor empregada (MARTA).</p> <p>[Diversidade sociocultural] Existe, mas pouquíssima, porque a religião predominante aqui é a religião católica e existe [sic] alguns que tem assim, a situação financeira melhor um pouco, mas geralmente são todos iguais. Porque vem de bairro pobre, pobre, Beiral, que é o Manoel Fernandes, vem Sete Casas, Placas, Jamaica, são tudo de bairro pobre. Geralmente vem desse bairro mais humilde que é aqui o bairro da Vitória. (ELISA)</p> <p>[os alunos têm] Muitas dificuldades! Mas é interessante, quando a gente questiona sobre sonhos, eles tem muitos sonhos, e eu sinceramente, eu Elisa alimento esses sonhos. Então acho, você tem que ter sonhos, a partir dos sonhos a sua realidade ela vai, vai acontecendo. (ELISA)</p> <p>[...] como nós estamos em uma escola de periferia, é uma área de risco. É uma área em que nós temos jovens no comércio informal como eu já falei, na economia informal, jovens já envolvidos no comércio ilegal de drogas, como nós temos conhecimento, de drogas, de prostituição. Então assim, nós tentamos na medida do possível isso eu respondo até pelo grupo, pelos colegas de trabalho, que sempre há, direcionamento assim,</p>	<p>DIVERSIDADE SOCIAL</p>	<p>DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>

<p>no sentido de melhorarem os valores, de cidadão, dos direitos realmente que eles tem e que eles não percebem isso. Eles, é, falta muita conscientização dos deveres que eles tem e também dos direitos que eles tem. Então assim, eu acredito que todo o professor tenta, no dia a dia passar um pouco disso pra eles. É tanto que nós questionamos discutimos porque assim, é como se eles não tivessem uma consciência... De cidadão, uma consciência de, de, de direitos, de deveres, então eles são como se fossem assim, pessoas sem qualquer é... Princípio ético, o que é certo, o que é errado. E é isso a gente tenta realmente passar no dia a dia. (ELISA)</p> <p>Nós temos alunos aqui, que eles chegam sem tomar café, sem comer nada em casa. A gente tem aluno que há 15 dias passou mal, que não tinha se alimentado com nada, porque realmente não tinha em casa. Eles têm, tem uma dificuldade. Por mais que tenha é, essa parte social do bolsa família, bolsa isso, bolsa aquilo, é, eu não sei bem o que é que as mães fazem com esse dinheiro, que na verdade esse dinheiro é pra vir para o aluno, né? Mas a realidade que a gente vê é outra. As próprias reuniões que a gente faz aqui com os pais a gente sempre questiona isso, muitas mães falam “Maria, olha, esse pouco dinheiro que vem é pra eu pagar aluguel, é pra eu comprar um calçado.” Aí muitas vezes o alimento fica no segundo plano. Mas também [in] felizmente, aqui também nós temos outra realidade, que é o submundo das drogas. A gente também é uma luta constante, diária. Há alunos que a gente sabe que também são dependentes químicos. [...] Frequentam [as aulas] mas não utilizam em hipótese nenhuma esse tipo de, de droga aqui, em hipótese alguma. Mas a gente sabe que infelizmente eles convivem com pessoas que fazem parte de algum grupo. Nós temos é, muitos alunos aqui, que os pais estão presos... É uma realidade bem cruel. (ELISA)</p> <p>Com relação a essa escola aqui, porque essa escola minha experiência é de apenas três, aproximadamente três anos, mas eu vejo essa escola, com relação às demais e as que eu já passei ao longo dessa minha jornada de, de educação, de 30 anos, né? Ou mais de trinta, então eu vejo assim, que essa escola ainda é uma escola que os alunos, a nossa clientela, a família ainda se preocupa muito e acompanha muito bem. A gente Graças a Deus, a gente não tem problema de droga nessa escola. A gente tem aqueles alunos que são assim, desassistidos pela família, né? Que a família a gente percebe que o aluno ainda está ali naquele lugar, né? Naquela sala de aula mais por interesse do bolsa família, mas a gente tá sempre buscando a família e incentivando e dizendo que não é importante que fique só pela bolsa família, mas é importante que acompanhe seu filho, né? Enquanto é tempo. Mas que na maioria a gente, posso dizer assim, 80% dos nossos alunos eles são bem assistidos, né? A gente tem ajuda da família e tá tudo muito bem. (PATRÍCIA)</p>	<p>DIVERSIDADE SOCIAL</p>	<p>DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>
<p>Eu acredito que a divergência [entre os alunos], pelo que esses dois anos e meio que eu venho convivendo com eles, é muito mais assim, a falta realmente de uma educação familiar. Então eles se agridem muito, com muita facilidade, eles batem um no outro também com muita facilidade, e é assim, eu percebo que é</p>		

<p>uma, uma postura muito comum entre eles. E aí, possivelmente seja também assim, essa falta de limites que a família não consegue, que não consegue dar, ou mesmo a falta de educação que já vem de casa. Certamente se eles já se relacionam... Até porque muitas vezes quando nós conversamos, é, que eles respondem raramente, “ah em casa eu faço”. Então um comportamento dessa forma na escola com o colega de sala, pra eles é uma atitude realmente bem comum, bem normal. (ANTÔNIA)</p>	<p>CONFLITOS ENTRE OS ESTUDANTES</p>	
<p>Nós trabalhamos vários projetos, inclusive é, a gente tá trabalhando agora um projeto, e eles são, são planejados pela equipe e são trabalhados com os alunos. Diretamente com os alunos na questão do respeito à diversidade, entendeu? É, é feito um planejamento semanal onde os professores se reúnem com a equipe pedagógica e a direção da escola, onde a gente trabalha esses projetos, a gente trabalha o projeto cidadania em cena onde foi tratada toda essa questão, entendeu? Do preconceito, a diversidade racial, e outros tipos de diversidade. (MARIA)</p> <p>Eu acredito que muito poucas [iniciativas de integração], nós percebemos assim, a elaboração de um projeto didático... Raramente na escola... Quando esses projetos acontecem muitos deles já vem por determinação da secretaria da educação. Então, nunca parte assim da escola, vamos promover algo pelo menos assim, com mais intensidade, com mais eficácia que possa promover essa socialização. Geralmente assim, as atividades são sempre muito isoladas e as oportunidades até porque a estrutura física da escola deixa muito a desejar, nós não temos um auditório, nós não temos, por exemplo, uma área de... uma quadra coberta. Então a promoção de atividades que possam promover essa socialização realmente é muito difícil, pela questão por exemplo do espaço físico. Se há digamos, a promoção de uma palestra na quadra, o ambiente não é adequado, o ambiente é quente, é claro. Isso claro, gera uma inquietação muito grande por parte dos alunos. (ANTÔNIA)</p> <p>Bem, nós o ano passado nós tivemos a gincana, agora nós temos a conferência de meio ambiente, e nós, sempre há alguma atividade pelo menos uma vez ou outra no ano que promove essa socialização, certo? Agora que elas poderiam acontecer com muito mais intensidade, principalmente porque esse, no aspecto de socialização eles tem uma dificuldade muito grande de relacionamento, ou eles são muito amigos, ou eles não são amigos de forma alguma e nem querem ser. Então assim, se a escola tivesse condições de oferecer outras atividades ou outros projetos que esse processo de socialização fosse mais intenso, então talvez, com um relacionamento melhor, melhoraria inclusive a questão da indisciplina e o próprio rendimento escolar. (ANTÔNIA)</p> <p>[...] a gente sempre traz projetos na escola, né? Os projetos a gente sempre faz interdisciplinar, a gente utiliza todos os alunos da escola que eles interagem, eles trabalham entre si. Também gosto de fazer trabalhos em equipes, né? Que eles possam</p>	<p>INICIATIVAS DE INTEGRAÇÃO</p>	<p>DIVERSIDADE SOCIAL E CULTURAL</p>

<p>interagir entre si. Eles também digam as opiniões deles, apesar de ser matemática que a maioria diz que não gosta de matemática, mas, a gente gosta de escutar opinião dos nossos alunos. (PEDRO)</p> <p>[a escola] tem uns projetos, tem agora o Mais Educação na escola, né? Que pega os alunos que tem um pouco mais de difficuldade, que faz no horário oposto. Faz judô, fanfarra aqui, então não pega só de uma sala, pega de todas, integra mesmo os alunos da escola. [...] o projeto da horta na escola também, tem um projeto que agora a gente teve uma semana de, A conferência do Meio Ambiente, então tem vários projetos ligado à isso, então usam-se várias salas para que trabalhem juntos. [são projetos] de iniciativas uns dos professores e outros colocados pela Secretaria de Educação e o Mais Educação que é um programa do Governo Federal. (PEDRO)</p> <p>A gente trabalha muito a palestra, né? Agora mesmo tá havendo uma reunião com os pais sobre isso. A questão de, de, de... De nível [econômico] né? Que uns tem médio, outros tem baixo, de bullying dentro da escola. Então a gente tem que trabalhar, a gente busca muito trabalhar dentro da sala de aula essa questão. [...] A gente tem vários projetos, agora, assim, projetos de leitura, da sustentabilidade, né? Um específico assim, pra... [Integração] não tem não (ANDREIA)</p>		
<p>[...] a gente tem a, a, uma maior preocupação de trabalhar essas diferenças desses alunos, aqui entendeu? A equipe de professores, junto com o coordenador, direção, a gente tem uma preocupação muito grande em trabalhar essas diferenças com esses alunos. [...] É, fazendo com que ele no caso, tornando cidadão, né? Conhecendo seus direitos, seus deveres. (MARTA)</p> <p>[...] hoje nós temos essa preocupação pra que o aluno ele... A gente trabalha para que ele se torne um cidadão consciente de seus direitos, dos seus deveres também, né? Que é importante que eles não conheçam somente os seus direitos, mas os seus deveres, as suas obrigações. Então a escola trabalha nessa linha, a gente tem a preocupação de formar também, né? A escola hoje está ensinando e formando. Então existe a preocupação da escola nesse sentido, existem os projetos, como eu disse, a gente tem trabalhado o projeto cidadão, que é cidadania e ensino, onde os alunos de várias, de todas as turmas eles trabalham nessa linha, de trabalho, consciência, entendeu? Valores, é pra que eles adquiram não só o conhecimento, mas estejam aptos pra sociedade. Conhecendo direitos, deveres... Essa preocupação com a formação a escola já tem há muito tempo, entendeu? Um trabalho nessa linha, formar cidadãos críticos, conscientes. (ANTÔNIA)</p> <p>Nós, nós fazemos muitas palestras, projetos, sobre drogas, sobre homofobia, sobre é... Comportamento. Aí a gente trabalha muito em cima de palestras. Trazemos exemplos... [...] os professores criam eles [projetos], a própria escola cria, aí nós temos os nossos parceiros, terceiro batalhão, a FIP, a própria UEPB, a UFCG, a</p>	<p>TRABALHO DE CONSCIENTIZAÇÃO</p>	<p>DIVERSIDADE SOCIAL E CULTURAL</p>

<p>gente tenta fazer parcerias, a comunidade. Eu acho muito importante você trazer a comunidade para dentro da escola. (ELISA)</p> <p>Na realidade nós temos assim, investido muito em textos, estudos, discussões, né? E debates e também eles veem assim, muitos filmes e muitos assim, às vezes, um na aula de língua portuguesa, ou outro já é na área de história, outro na área de geografia, na área de ciências, então na medida do possível nós temos trabalhado a parte de interpretação, compreensão de textos e também assim, a exibição de filmes, temos palestras, apesar de quê, como eu já disse a você, o ambiente, a estrutura física da escola não é tão confortável, mas a escola sempre tem trazido, é... Propostas de palestras como combate as drogas, gravidez na adolescência. Então assim, são iniciativas que a escola tem realmente se preocupa em apresentar. (ANTÔNIA)</p> <p>Olha, esses planejamentos que acontecem semanalmente, a gente tem procurado trabalhar com projeto que... Junto com a equipe pedagógica com os professores que despertem e que o professor possa desde a pré escola entendeu? Trabalhar a formação do cidadão. Então a gente tem planejado é, incentivado o professor, o professor tem é, elaborados projetos nessa linha, por exemplo, preparar o aluno, preparar para a formação, para a vida também, né? Desde a pré-escola, é claro que na pré-escola, a gente trabalha pré escola, primeiro ano que são a faixa etária de 5, 6, 7 anos a gente trabalha um tipo de informação, né? E já na faixa etária de 12, 13 e 14 anos a gente tem procurado trabalhar já na linha, não na linha, assim, de acordo com a faixa etária do aluno, que é claro, um de aluno de 14 anos com um aluno de pré escola a gente trabalha de forma diferentes, né? O mesmo projeto, mas de formas diferentes. Existem as formas de se trabalhar nas faixa etária, mas a escola tem tido essa preocupação, de trabalhar. Pronto, a gente tá trabalhando a questão do meio ambiente, dia 23, é... Será realizado na escola um evento relacionado ao meio ambiente, aos cuidados, a preservação, entendeu? Então existe toda uma preocupação em preparar pra vida em sociedade, então, pra cidadania, entendeu? (MARIA)</p> <p>[diversidade sociocultural] Existe! Preconceito, existe diversidades e daí surge o preconceito, viu? É, tanto em relação a homofobia, é, a preconceito de cor, a religião. Porque aqui nós temos várias religiões, espiritas, são alunos que são espiritas, uns são do candomblé, outros evangélicos, outros católicos, outros sem religião. Eles chegam pra mim, muitas vezes eu converso com eles, questiono é, “você tem religião? Você frequenta algum grupo religioso? que é isso Maria? Pra que isso?” Aí, porque eu vejo assim, a religião é a base de tudo, você tem que ter uma base religiosa, mas eles simplesmente não tem. Aí... O que é o ensino religioso hoje? É você humanizar, não é você pegar e dizer, “não, vou dar só uma aula sobre catolicismo”. É humanização, o que tá faltando hoje é isso, a gente tenta pelo menos clarear um pouco para os nossos professores de ensino religioso. Mas que tem uma diversidade grande, existe. (ELISA)</p> <p>[...], a gente tenta de todas as formas aqui não usar o ensino</p>	<p>TRABALHO DE CONSCIENTIZAÇÃO</p>	<p>DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>
--	--	--

<p>mecânico, a gente tenta trabalhar o lado humano, a humanização. Muitas vezes eu digo aos professores, “olha, são 45 minutos de aula, pare nem que seja 15 pra conversar com esses alunos, pra dialogar, pra ouvi-los.” E pra fazer uma aula diferente, dinâmica, e não professor/quadro branco, professor/diário, professor/livro. Fazer uma coisa diferente, até mudar a maneira como eles sentam, fazer um círculo diferente, fazer um vamo [sic] sentar no chão, fazer uma coisa diferente. E a gente que é adulto não suporta a mesma aula todo dia, sentado na mesma cadeira, da mesma forma. Imagina esses meninos que tem uma energia além de todos os limites. (MARIA)</p> <p>[...] vamos dizer, professor não é aquele que ensina só, vamos dizer, as quatro operações, aprender a escrever, falar corretamente. Não, professor tem que dá primeiro a aula de quê? Cidadania, que o aluno quando sair daqui seja um cidadão. E geralmente a gente luta muito que esse aluno, eu vou usar a palavra transformar, que aqui existe uma barra pesada para que o professor consiga isso. (ESTELA)</p> <p>[Despertar da consciência cidadã] geralmente é através de projeto, né? Que vamos dizer, até pela limpeza da sala, se a gente, a gente ordena que “não deixe, não risque as paredes, não jogue o papel no meio da sala.” Já é um começo que ele saia como um cidadão, né? Cumpridor dos seus deveres. (ESTELA)</p> <p>Eu acredito que assim, mostrando pra ele o dia a dia, né? A vida, como se encontra hoje, né? Tudo hoje, as tecnologias, o avanço, o aluno que, o aluno hoje ele tem, eu até acho assim, que o aluno de hoje ele lê mais do que o aluno da minha época, porque olhe, tudo o que você, de instrumento que você usa hoje tem que lê. Se você pega um celular, é uma leitura, não é uma leitura? Se você vai pra frente de um computador é uma leitura e na época da gente era só um livro. Aí aí de um aluno que não gostava de ler livro. Hoje mesmo os que não gostam de ler um livro, mas eles tem uma prática de, de informática que muitas vezes supera até o professor, né? Olhe, a gente tem aluno que a gente, na maioria das vezes ele não é um bom aluno na questão dos conteúdos na sala de aula, mas quando é pra gente instalar qualquer que seja o instrumento, né? Dentro da, das novas tecnologias de hoje, o aluno é show de bola, entendeu? Então eu acho assim, que através, através desse, desse incentivo mostrando pra eles gente... Então mostrando esse lado, né? Da atualidade, do modernismo, das novas tecnologias, então o incentivo maior é isso. Porque se o aluno não toma, se ele não tomar como base o avanço do mundo pra estudar pra ser alguém, ele não vai chegar a lugar nenhum. (PATRÍCIA)</p> <p>[...] a gente sempre tenta trabalhar [a consciência do aluno] através de projetos, na escola, né? Teve agora um projeto do meio ambiente que a gente conscientizou os nossos alunos que eles têm que poupar água, principalmente na região como a nossa da seca. Questão de arborizar, a questão de plantar, a questão de fazer uma horta pra si só; a questão de substituir vem à questão da iluminação para não deixar as lâmpadas ligadas. Então a gente trabalhou o cidadão com eles, então, não só a questão de uma</p>	<p>TRABALHO DE CONSCIENTIZAÇÃO</p>	<p>DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>
---	--	--

<p>disciplina mas foram todas, a questão do gasto financeiro, né? A gente trabalhou. “Não oh o desperdício de energia, que tal a gente pegar e substituir uma telha normal por uma daquelas telhas transparentes?” Foi um trabalho da professora de ciências sobre o fogo, para que o sol entre a gente não precise, por exemplo, ficar com as luzes ligadas constantemente na sala de aula. Então a gente sempre trabalhou o dia a dia deles nesse sentido também. (PEDRO)</p> <p>[...] a gente não só trabalha, é, o lado do conteúdo, a gente também trabalha o lado humano do nosso aluno. Então, a gente conversa com ele, a gente educa eles também, sobre o desrespeito, algumas dúvidas que eles têm através das brincadeiras deles um com o outro, a gente descobre que é uma dúvida que às vezes eles têm na vida a gente sempre trabalha, tanto pessoal, como o conteúdo e o humano. (PEDRO)</p> <p>[Os professores] Eles trabalham questionários em sala de aula, né? Fazem rodas de conversa pra descobrir de cada um, para mostrar a cada um qual o objetivo que eles querem alcançar. (ANDREIA)</p> <p>[...] nossos alunos ainda são muito novinhos, né? Pra votar, e aqui só tem fundamental II, né? (risos) Mas a gente sempre quando chega mais próximo da, da questão da, da política a gente sempre tenta evitar que exista a politicagem, quando faz a gente tá corrigindo, mostrando sempre, pelo menos eu sempre tento corrigir e mostrar, dizer que não é assim que se resolve um problema de política, política não é só voto, política é tentar melhorar um país, se a gente vai melhorar uma cidade, um estado, uma cidade. Então a gente tem que pensar no bem estar do social, né? A gente sempre tenta distorcer o que às vezes em casa, eles, os pais passam pra eles, né? Dizendo que “ah voto em fulano de tal, porque fulano de tal me dá uma feira” não é uma feira, tem que pensar naquilo que vai ser melhor pra nossa cidade e não o melhor só pra gente, né? É um contexto geral. (PEDRO)</p> <p>Aqui a gente faz muitos projetos, inclusive agora a gente fez de sustentabilidade. Trabalhando. Antes disso, a gente trabalha, é os projetos de, de, a água que é muito importante, né? Que cê [sic] tá vendo aí. E a gente trabalhou também aqui, o trabalho, é, a exploração do trabalho infantil. A gente trabalha muitos projetos, inclusive uma das professoras que gosta de trabalhar muita é a professora de geografia que hoje ela tá de licença plena, a professora Marlene. Ela trabalha muito, ela, ela busca muito, ela busca mais, assim, até mais do que os outros, né? Porque, como a área de geografia abrange isso aí, aí ela trabalha muito com esses alunos. [...] Esses projetos na verdade, tem uns que partem da escola mas vem muitos da Secretaria de Educação. Ela joga pra cá e a gente desempenha esse projeto. (MARTA)</p> <p>Ah, nós professores é uma batalha assim, eu acho que de todos, sabe? É conversa, a gente conversa muito, mostra a realidade. É, trabalha com vídeos, é, a gente faz de tudo aqui, todo o que está ao nosso alcance a gente faz com que esses alunos melhorem (MARTA).</p>	<p>TRABALHO DE CONSCIENTIZAÇÃO</p>	<p>DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>
---	--	--

<p>Um contexto, né? Eu tenho que ter minha vivência da sala de aula, meu alimento enquanto conteúdos em sala de aula, de formação, né? Mais o meu pessoal, também tem que ser moldado, né? Eu sozinha, eu enquanto educadora não posso formar um cidadão que eu quero né? Mas eu tenho duas pontas aqui, a família e a escola. Mas a escola tem feito também muito sozinha essa parte. Sozinha! [...] Eu acho que também da própria vivência deles [dos alunos], né? Com outras pessoas, o conteúdo leva a refletir e o convívio social com outros grupos, que hoje eles têm vários momentos na escola, né? Tem o momento de sala de aula, tem o momento de encontro, com os grupos de jovens que fazem parte também de algumas formações como os alunos das FIPs, da UEPB que leva essas experiências de, com eles [JOANA].</p>		
<p>É muito boa a qualidade da merenda escolar aqui da escola. Muito boa mesmo. Todos os dias tem merenda. [Todos os alunos] Comem da merenda, utilizam da merenda. [...] Na escola não vende [lanches], a escola não vende nada e não deixa ninguém vender. Só é a merenda escolar. (PEDRO)</p> <p>Ótima! É boa a merenda. O cardápio vem, é feito pela nutricionista e a gente não deixa faltar nada, a gente segue o cardápio. Todos os alunos tem acesso à merenda, todos. (ANDREIA)</p> <p>Nossa merenda, adquirida pelos nossos diretores com os recursos, também temos essa preocupação, nós temos dois nutricionistas, que fazem o cardápio e que acompanham, né? É também de qualidade atendendo os critérios da alimentação escolar, estabelecido pelo PNAE, né? Que é o programa da merenda escolar. Todos bem orientados, né? E, e, eles são bem preparados também, da aquisição, dentro do que é recomendado, a gente... Porque tudo que a gente também já foi premiada com a merenda escolar, certo? E eles têm esse cuidado, as cozinheiras são preparadas, elas sempre têm formação, tem toda de como saber preparar e de como armazenar os produtos. Então é de qualidade a merenda (JOANA).</p> <p>Essa fiscalização, nós temos dois nutricionistas e três técnicos que vão até a escola observar se o cardápio está sendo obedecido e se os nutrientes adquiridos naquela merenda também estão sendo... É, preparados, respeitados (JOANA).</p>	<p>MERENDA ESCOLAR</p>	<p>DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>
<p>Nós já percebemos é que deixa muito a desejar, tão provado que mesmo estando de licença do Estado para o mestrado, eu resolvi fazer a minha pesquisa que é uma análise da prática pedagógica pra os professores no quesito leitura aqui na escola, porque quando eu cheguei foi justamente o que eu percebi que como eu atuo nos anos finais, né? 8º e 9º ano, eu comecei a perceber aqui que é que há um déficit muito grande e aí nós tentamos investigar a partir dos anos iniciais e aí a situação ainda é muito mais</p>	<p>APOIO AO DESENVOLVIMENTO</p>	

<p>preocupante do que nós pensávamos (ANTÔNIA).</p> <p>Eu acredito que, tem que passar por esses projetos [os alunos com maiores dificuldade] que o Governo sempre tá preparando, tipo Acelera, Se Liga... Tem que passar por uma, uma, vamos dizer assim, passar por um projeto aonde ele venha a melhorar [sic] o conhecimento pra poder ele seguir adiante (PATRÍCIA).</p> <p>Eu acredito que a importância de uma atenção diferenciada e dos anos iniciais. Porque se no ensino fundamental I, o aluno realmente ele tiver acesso às competências e as habilidades de leitura e escrita, então pelo resto da vida ele vai ser um eterno aprendiz. O aluno que lê bem, o aluno que escreve bem, então para ele, conhecimento é elementar. Mas já o aluno que não tem o nível de leitura principalmente para ele tudo é muito difícil. Então assim, nós percebemos que essa, essa [sic] deficiência se arrasta pelo resto da vida (ANTÔNIA).</p> <p>[...] na realidade há um nível de dificuldade principalmente em leitura e escrita que é uma dificuldade assim, que nós percebemos que atinge a grande maioria. Então não há uma diversidade, é o contrário, às vezes encontramos um ou outro aluno que se sobressaem, que são espertos, né? Que apresentam um rendimento melhor, mas realmente assim, o nível do aluno da escola pública, foi até uma surpresa, porque, como eu só tenho dois anos e meio no município, eu assim, eu acreditava que o nível de leitura e de escrita realmente era melhor (ANTÔNIA).</p> <p>[...] Os alunos com dificuldade de aprendizagem eles tem reforço escolar, em horário oposto na escola. Até o programa Mais Educação que tem reforço escolar, que reforça as disciplinas críticas que são português e matemática, em horário oposto na escola (MARIA).</p> <p>[...] dentro da sala de aula se tiver quem não sabe ler, aí e vamos dizer, se tiver um projeto aí a gente encaixa logo, esses primeiros alunos são os primeiros a ser colocado pra ver se tem o rendimento melhor (ESTELA).</p> <p>É feito o convite, aberto o convite e mais, a gente tenta assim, incentivar mais aqueles alunos que tem mais assim, dificuldade e falta de interesse, falta de acompanhamento da família, aquele aluno que a gente considera assim, quase que, vamos dizer assim, desassistido da família, sabe? Aí aquele a gente sempre coloca em primeiro lugar para inserir nos programas, no programa do Mais Educação. Porque olhe, por exemplo, a gente tem aluno que dá muito trabalho, indisciplinados e a gente sempre chama a família e não tá tendo, não surte efeito, uma, mesmo a presença dos pais, vem quando bem quer vim. A gente quando coloca ele [sic] numa oficina, por exemplo, de fanfarra aí o menino dá show, é show de bola. Na em matéria de arte ele se destaca muito, agora quando vai, no ensino mesmo, aquele ensino de sala de aula, aquele com conteúdos, aí é uma negação (PATRÍCIA).</p> <p>[...] um ensino integral, o aluno ele, o aluno que é, o aluno da sala de aula do horário da tarde, ele vem pela manhã participar</p>	<p style="text-align: center;">APOIO AO DESENVOLVIMENTO</p>	<p style="text-align: center;">DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>
---	---	--

<p>das oficinas do Mais Educação, que são no número de cinco oficinas. Então, justamente aí através dessas oficinas que a gente vai, melhorando o conhecimento do aluno a questão mesmo da, da, da, da ética, da, dentro da, do comportamento, sabe? Dele. A gente vê que tem surtido muito efeito. [...] Não são todos, mas a maioria [dos alunos] participa (PATRÍCIA).</p>		
<p>[...] o programa Mais Educação, né? Que veio ajudar muito porque é, eles gostam, eles participam, frequentam. É aquela escola integral, na verdade eles não ficam o dia todo porque a escola não tem estrutura. Mas eles lancham, ele almoça na escola e a frequência é 100%. Eles gostam muito do programa (ANDREIA).</p> <p>As escolas na sua proposta pedagógica eles tem um programa, né? Dentro do programa Mais Educação, que oferta as aulas de letramento, certo? E algumas escolas da rede também têm os professores adaptados, então eles atuam como aqueles professores de reforço, com as crianças que tem essas dificuldades (JOANA).</p> <p>Ele colocou [o Governo], né? Hoje o Mais Educação, né? Que tem dado, alavancado assim, nas escolas. Pela questão do letramento que é principal, o Mais Educação. O Letramento é, as escolas que também trabalha... O Letramento que trabalha as questões das dificuldade [sic] de leitura e escrita, o Rádio Escola que também trabalha a questão de comunicação e de produção de escrita, certo? E esses programas têm ajudado muito assim, a motivar também, né? A questão do aluno e a superar umas dificuldades que eles têm como a dicção, essas coisas que é comum de criança, certo? Esse aí o Mais Educação, essas Olimpíadas, né? De matemática, a Olimpíada de Astronomia também que tem ajudado muito no aprendizado (JOANA).</p> <p>Bem, a escola tem o Programa Mais Educação, mas que também não chega a cumprir assim um papel realmente social, ou um papel de, de, de, tentar minimizar essas deficiências, até porque faltam [sic] a sistematização muito grande. O projeto, o programa existe, mas nós percebemos que falta, faltam pessoas realmente preparadas para atuar junto às oficinas, falta uma adesão muito grande por parte dos alunos a essas oficinas, a exemplo de letramento, de práticas esportivas... Então assim, o programa existe, mas ele não acontece com a eficácia ou certamente com a proposta a que o programa se dispõe. [...] principalmente porque as pessoas que são designadas a ministrar essas oficinas, geralmente são pessoas que vem através de uma indicação política. Então o critério não é a competência ou a eficiência daquele profissional naquela área. Mas é simplesmente atender a mais um emprego, então são pessoas que atendem ao convite para virem ministrar as oficinas, mas infelizmente deixam muito a desejar, porque falta informação, conseqüentemente o aluno passa por todo o desinteresse a acaba até mesmo por desistir do próprio curso (ANTÔNIA).</p> <p>[...] tem o programa do Mais Educação e tem o Letramento. Mas</p>	<p>APOIO AO DESENVOLVIMENTO</p>	<p>DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>

<p>é o tipo da coisa, o que eu acabei de lhe dizer, como é o horário oposto, aí essas mães e também não tem a falta. Então elas não se preocupa [sic] em mandar a, os filhos vir à escola, porque tem uma, uma professora de letramento, a parte da manhã trabalha com ela à tarde, quem estuda à tarde trabalha pela manhã. E você tem que tá oferecendo, o professor da tarde, tem que estar oferecendo à ele, é, participação numa participação, pra poder eles virem ao programa. Mas se eles viessem seria muito bom, porque a, é, a professora do, do, do Letramento, eu já tenho contato com ela e ela é muito boa, ela tem vontade. E, e, em querer que eles aprendam, como eu também tenho, nós aqui da escola temos. Só que a falta de interesse, eu até eu acho que é por parte dos pais (MARTA).</p> <p>Nós temos o reforço, o reforço escolar, onde as crianças que não estão... Que estão com a aprendizagem inferior às outras, que estão mais atrasados, vamos dizer, eles têm reforço, certo? Reforço escolar para que possam, é, desenvolver. Os alunos com dificuldade de aprendizagem eles tem reforço escolar, em horário oposto na escola. Até o programa Mais Educação que tem reforço escolar, que reforça as disciplinas críticas que são português e matemática, em horário oposto na escola. (GESTORA 1)</p> <p>[...] nós temos aqui uma professora de língua portuguesa, professora Estela, que ela nunca pediu nada em troca [para dar o reforço], nem que: “ah Elisa, vá na Secretaria e peça pra é, acrescentar no meu contra cheque um valor X.” Ela já se disponibilizou pra vir até a noite, já chamou os alunos, mas a gente sente essa dificuldade de trazer o aluno pra vim, pra escola no horário oposto. É, acredito que por isso e também, essa é um dos objetivos do programa Mais Educação, que é a escola de tempo integral, né? A gente tá tentando de todas as formas, sem ter espaço, fazer com que esse programa aconteça. Recentemente a secretária ela, a gente solicitou e ela alugou uma casa aqui nas proximidades, porque o nosso Mais Educação era realizado na Associação dos Moradores, né? O presidente, uma pessoa muito boa, humilde, acolhedora, nos cedeu um espaço muito pequeno, mas nos cedeu. Durante três anos a gente, é, tentou realizar um bom trabalho, mas, não deu resultado, aí agora nós temos uma casa que a Secretaria da Educação alugou. Então, eu não posso falar nada por enquanto, mas a gente tá na esperança de que a partir é, dessa mudança, muitas coisas novas irão surgir, muitas coisas e, mudanças é [sic], é, para o bem da escola certamente irá acontecer (ELISA).</p> <p>[...] a gente tem recebido aqui aluno que geralmente não sabem escrever seu próprio nome, aluno de sexto ano que continua, fazer como a história, por mais, agora é falta de interesse. Por quê? Eu me disponibilizei pra fazer aula de reforço, vinha no horário oposto. No começo tudo bem, a gente tava [sic] dando aula à noite, Elisa acompanhava, aí vinha mais aluno, a classe ficava cheia, mas quando passou pro turno [sic] da manhã, não sei se você mora aqui não, não? [acho que ela se confundiu, quis dizer as aulas eram pela manhã e passaram a ser a noite]. [...] Mora? Esse bairro aqui é muito esquentado, com problemas, né? Então Elisa teve medo porque tava [sic] sem vigia e a gente não podia ficar aqui à noite. Porque ficam agredindo, jogando pedra,</p>	<p>APOIO AO DESENVOLVIMENTO</p>	<p>DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>
---	-------------------------------------	--

<p>chamando palavras, aí as mães também não confia dos seus filhos vir à noite, né? São pequenos. Aí quando eu passei a dar aula pelo turno da manhã, várias pessoas dizia “ah eu não venho não, eu vou pra física”. Mas só que, se fosse, viesse pro reforço era liberado da física. E teve dia deu chegar aqui umas quatro ou cinco vezes e não encontrava nenhum aluno, aí eu disse: “não Elisa, já que eles não querem eu também não venho mais não.” E eu não ganhava nada sobre essas aulas. (pausa) Só pra ajudar o aluno. (PROFESSORA 2)</p>		
<p>[...] a gente tem também [...] uma sala de acompanhamento, né? Que é a sala do AEE [Atendimento Escolar Especializado], né? Que acompanha os alunos que tem deficiência. [...] É, no horário oposto tem a professora que, que faz o acompanhamento, né? De acordo com as dificuldades que ele enfrenta na sala de aula, aí tem a professora que dá aquele suporte.[...] É através do lúdico e de acordo com a, a, a, a condição de cada um, né? De acordo com a, a dificuldade. Por exemplo, se ele for um aluno que tem uma deficiência auditiva, visual, aí cada um de acordo, cada aluno de acordo com a sua dificuldade. [...] Não só o professor [identifica a deficiência], mas ele também tem que ter o laudo médico, né? Um laudo que a gente chama de diagnóstico para que ele seja acompanhado naquela sala. [...] Na maioria das vezes a família já tem o conhecimento, já trás esse diagnóstico, né? De casa no ato da matrícula, aí a gente já... [...] mais precisamente pra [ajudar] o aluno, no sentido de que ele sente dificuldade de aprender. Por exemplo, se ele tem uma baixa visão, então, essa baixa, essa dificuldade que ele tem vai ser assistido lá na sala, a professora, nas disciplinas que ele tiver dificuldade a professora vai... [ajudar] [...] Em qualquer que seja a disciplina [que o aluno tiver dificuldade] (PATRÍCIA).</p> <p>Nós temos uma coordenação que atua diretamente as escolas, até o dia de hoje, né? Porque a gente acabou de demitir essas pessoas. Nós tínhamos 15 mães que a gente chama, profissional cuidador, praquelas crianças que tem dificuldades mais graves, né? De locomoção, interpretes... Então a gente sempre dá uma proposta, tem uma equipe voltada também pra esses alunos. E tem as salas multifuncionais, né? As de AE [Atendimento Especial], que o aluno quando, com necessidades especial [sic], é atendido em contra turno. [...] Nós temos cinco escolas que tem as salas multifuncionais, inclusive, duas estão localizadas no Jatobá, uma em Santa Gertrudes, uma no, na saída do Bivar Olinto, certo? Uma no Aristides, nós temos cinco. E dentro o quadro de profissionais ainda o numero é pequeno, nós temos 16 pessoas que atuam nessa área. [...] Nós vamos é, pensar em encaminhar, né? [para compor novamente o quadro de profissionais cuidadores] Um projeto, pra que esses profissionais como os interpretes e esses profissionais cuidadores possam estar concorrendo a vagas, né? Porque é diferenciado o atendimento pra essas crianças (JOANA).</p>	<p>APOIO AOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS</p>	<p>DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>
<p>[...] diria que, que influência né, a condição social. É claro que uma criança é, bem alimentada, saudável, né? Ela vai ter uma aprendizagem melhor com certeza. Até emocionalmente, quando a criança tá bem, quando a criança psicologicamente se sente bem, a gente sabe que ela aprende melhor, né? Eu não diria, não</p>		

<p>generalizaria, assim, não diria que todas as crianças que tem uma classe social menos favorecida aprendam menos, né? Mas a gente sabe que essas questões influenciam na aprendizagem. Não tão... Porque a gente sabe também que crianças que tem uma classe social diferenciada, mas que se desenvolvem e aprendem no seu ritmo, bem. Eu não diria assim, mas influencia. Não tão diretamente, mas de certa forma influencia na aprendizagem (MARIA).</p> <p>Eu acredito que sim [a condição social influência na aprendizagem], até pela falta de tempo para estudar, nós temos é, muitos alunos que trabalham e eles deixam assim... Claramente que trabalham por uma necessidade familiar. E geralmente eles trabalham assim, a manhã inteira e eu considero que um aluno que passa a manhã inteira é, por exemplo, vendendo tapioca em uma cidade quente como Patos, ele já chega a tarde para estudar muito cansado. Então assim, nós percebemos muito isso, né? Nós tivemos ano passado aqui um aluno que também com uma situação financeira difícil na família ele trabalhava na SEASA e ele começava a trabalhar às 3h da manhã e chegava assim, quase na hora de vir à escola e nós percebíamos que o cansaço dele era visível (ANTÔNIA).</p> <p>[...] condições difíceis de vida isso num, na minha concepção, não tem esse negócio de não aprender não. “ah porque eu tô [sic] com fome num prendo”. Aprende, sabe por quê? Porque aqui na escola num falta merenda, então eles têm a merenda e muitas vezes ele não chega nem... Os que não têm, a, a, a condição deles são pequenas, eles não vão nem merendar. Porque diz que não gosta da merenda, sabe? Mas é uma merenda de boa qualidade e nós professores a gente lancha dessa merenda, né? Quando sobra. E muitas vezes a gente observa, eles não querem a merenda. Agora existe o seguinte, a falta de interesse que é grande, entendeu? Não só aqui, é, é, de Santa Gertrude, mas eu acho que tá no Brasil inteiro essa falta de interesse por parte dos alunos. Porque ninguém não venha me dizer que é falta de, de comida, não? Que na escola tem merenda, e muitas vezes eles não merenda, né? Então não é a falta de comida, é a falta de interesse mesmo. É a falta de, de, não querer, de vim, é como eu lhe disse, vem pra escola simplesmente por causa da bolsa, porque é obrigado às vezes até pelo pai, pela mãe. Porque esse dinheiro era pra ser pra o aluno, em prol do aluno e muitas vezes não é, é para a família. Aí eles obriga [sic] a criança a vim na escola, muitas vezes eles não quer [sic] e o que, que acontece? Eles se revolta [sic], muitas vezes acontece briguinta entre eles em sala de aula, então, aí o professor tem que tá lá pra ajudar, pra, pra ser polícia, pra ser advogado, pra ser tudo. Professor não é só professor (MARTA).</p> <p>Não, não. Já teve uma prova da escola Escola 4, onde todos os alunos são vindos da zona rural e que a escola não tem uma estrutura tão adequada como a escola de primeiro e ensino fundamental I e ensino fundamental II, né? Da pré-escola ao nono ano, e lá sempre teve bons resultados. O Humberto Lucena, várias outras escolas, mas a questão da infraestrutura eu acredito, não... Não, tem não influência não, o que vale justamente é a boa vontade do aluno, aprender e a responsabilidade do professor repassar seus conteúdos</p>	<p>INFLUÊNCIA DA CONDIÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS</p>	<p>DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL</p>
--	---	--

<p>(JOANA).</p> <p>[...] eles querem mais [alunos com dificuldades financeiras], querem vamos dizer, que eles querem crescer, eles querem aprender, eles querem vencer. Os que têm mais condição financeira, é aqueles como nós chamamos, filhinhos de papai, né? Acha que tudo compra. (Professora 2)</p> <p>A única condição que a gente pode dizer assim, difícil que ele possa ter, é que se ele não se alimentar, qualquer pessoa que não se alimenta, não raciocina-se [sic] bem, né? Por questão de fome, mas por isso, por aqui, por exemplo, nossos alunos são todos de escola pública e vários setores aqui no bairro, o bairro é periférico. Então mas, em termos de aprendizagem... [...] São iguais. [...] Tem alunos que aprendem melhor, mas a questão financeira, né? Não influencia (PEDRO).</p>		
<p>Eu acho que hoje a escola é, é, na verdade, a escola ela é a segunda casa do aluno, né? Que ele se sente muito bem, assim, com esses programas o Governo investe muito pra que o aluno seja bem acolhido, né? Pra que ele tenha um estudo de qualidade. Avançou muito. (ANDREIA)</p> <p>[...] nada vem regredindo, só vem a aumentar, melhorar, são mais projetos, são, tudo vem através de projetos, né? São mais dinheiro, agora claro a escola que deixa de fora ela vai só cair na questão financeira. Porque a escola hoje, tudo que a escola recebe em matéria de financeira de dinheiro é através desses projetos, ou Prova Brasil ou outros e outros, mas tudo é através da Prova Brasil. (ANDREIA)</p> <p>[...] houve a adesão de todos esses programas é, Mais Educação... Tem o Mais Cultura que surgiu esse ano, que é justamente o projeto que é realizado com pessoas da comunidade. Nós já enviamos para o MEC, teremos o resultado provavelmente lá pra dezembro, mas ele será realizado daqui há um ano se for aprovado. [...] Houve muitos avanços sim, mais materiais pedagógicos e didáticos que a gente recebe. Hoje mesmo a gente recebeu 10 caixas, com muitos dicionários, inclusive dicionários de Evanildo Bechara um dos grandes gramáticos, né? Da, da do Brasil, tem muitas coisas boas. (ELISA)</p> <p>Porque assim, a gente teve uma ampliação [na estrutura da escola], mas por conta da prefeitura, então não tem nada haver, né? E a questão é justamente essa, que vai ter uma reforma estrutura [sic], na infraestrutura, mas quando a gente terminar de responder o processo das ações do PDE, que é voltado, a gente também responde muito a Prova Brasil. Mas aí eu não posso te dizer hoje como, porque eu não terminei ainda, não tá fechado 100% (ANDREIA)</p> <p>O ano passado, a gente, é, teve uma reunião aqui cum [sic] o, o prefeito, o secretário e nós, professores e funcionários nos</p>	<p>INVESTIMENTOS DO GOVERNO</p>	<p>DIMENSÃO ECONÔMICA</p>

<p>reunimos e pedimos para quê ele, ele... Devido às salas ali ser muito quente, pedir, a gente fez o pedido e foi atendido que ele climatizou. Só que eu não sei se é de boa qualidade ou não, ou má qualidade, que vive mais quebrado do que, entendeu? Aí ele forrou, é, foi forrada as salas e foi colocado uma central. Aí melhorou muito, mas quando está funcionando. Fora isso, tem, eu acho que tem assim, alguns dinheiro que dá pra gente comprar, é, agora mesmo foi comprado um fogão que a escola tava [sic] precisando, eu acho, eu acredito que seja em prol dessas coisa [sic], né? É como eu lhe disse, eu não faço parte do Conselho, só, só sei o que se fala em reunião. (MARTA)</p> <p>O PDDE aumentou e o PDE, a gente tá em processo de ação, né? Porque aí com IDEB da Prova Brasil tudo isso faz com que aumente financeiramente os recursos da escola. (ANDREIA)</p> <p>[...] os recursos que eles [o Governo] investem mais no que a escola já recebe, investe mais na aprendizagem, formação dos professores e nas aulas de reforço [...] eles [os gestores] recebem os recursos sim, né? Um recurso pra combater a dificuldade de aprendizagem, mas não tem nenhum acréscimo, não houve acréscimo não. Toda a escola que hoje a gente tem 34, eles recebem o valor financeiro, desse ano foi inferior, em cima do aluno número de alunos do ano passado e ano passado a gente não teve prova, né? Financeiramente não saiu nada não... (JOANA)</p> <p>[Vieram] mais recursos com relação a materiais, né? Pra reformas físicas, a gente tá recebendo agora, que a gente pede de um ano prá o outro, né? Depois do último IDEB veio pra questão da zona rural, que as escolas eram precárias e outras escolas também que eram precárias. A título do Pastor. Eu não sei se você conheceu, o Pastor, o Dionísio da Costa já foram ampliadas, certo? Já foram melhoradas depois da prova. (JOANA)</p>	<p>INVESTIMENTOS DO GOVERNO</p>	<p>DIMENSÃO ECONÔMICA</p>
<p>“[...] na minha escola, eu tenho um aluno com deficiência e não cadastro ele no censo, então o censo não pode me encaminhar recursos para que eu possa trabalhar com meu aluno com deficiência sem ser informado.” E até uma escola que às vezes tem mais é porque o diretor sempre coloca que tem né? E o censo vem investindo muito, o MEC tem investido muito na questão dos alunos com deficiência, né? Aí encaminha. Então tudo isso vem em cima disso aqui, porque o aluno ao chegar na escola regular com deficiência ele tem o valor dobrado, certo? E também, quando o Ministério manda um recurso, é uma forma de não atentar que ele possa receber esse aluno, né? “Eu não vou comprar agora porque eu não tenho esse aluno, mas eu posso ter.” a escola sempre aumenta essa verba e vai fazer a aquisição também disso, recursos visuais, ou de libras, seja lá o que tipo de necessidade que ele adquiriu, certo? Realmente existe uma carência em uns e outros têm muito mais, mas é a falta de informação junto ao Ministério, ao INEP, né? Ao MEC (JOANA).</p>	<p>CRITÉRIOS PARA O ENVIO DE VERBAS PARA MOBILIDADE</p>	

<p>Pelo número de aluno [valor destinado a melhoria infra estrutural], né? A diferença [no repasse de verbas] é essa, pelo número de alunos. A escola que tem mais alunos recebe um recurso a mais né? Essa diferença de [infraestrutura das escolas], acho que os nossos gestores anteriores não achava que Patos ia [sic] crescer né? Alguns que já foram crescendo lá já foram investimento [sic], né? E já foi a questão assim de, já ter do sexto ao nono ano e já foi se melhorando. As escolas do Jatobá ficam um em cima do outro, né? As pessoas não pensavam em fazer uma única escola que pudesse agregar todo mundo, aí fazia escola com quatro salinha [sic] de aula aqui, outra pra lá e assim foi. Então, eu vou dizer que foi assim, uma má, um mau pensamento. Eu não vou dizer uma má administração, de não vê que Patos poderia crescer e o número de alunos também ia aumentar, né? As responsabilidades com o ensino, que todo mundo mandava em tudo, não tinha a esfera nacional, municipal e hoje é cada qual no seu quadrado, né? Por isso essas dificuldades. E a gente enquanto gestora a gente se preocupa porque o MEC oferece uma construção de uma escola pra 16 salas, né? Onde possa comportar, e a gente já vai buscar essa escola maior pra atender e desafogar essas menores. Então não é culpa do gestor que está na escola, que está na escola grande ou numa pequena não, eu só vejo que foram os antigos gestores que não pensavam no crescimento dessa cidade. E talvez o recurso também da época também não favoreça a construção de escola maior, né? Porque também tem isso (JOANA).</p>	<p>DISPARIDADES DE ESTRUTURA ENTRE AS ESCOLAS</p>	
<p>[...] eu não poderia subestimar o meu aluno, dizer assim... É... Dizer se ele tem condição de competir com os outros, né? No mesmo nível, no vestibular, no concurso público. A gente tem essa preocupação de preparar o aluno pra que ele tenha condição de competir igualmente com todos os outros alunos até da rede privada, né? Que a preocupação é essa, a rede municipal ela prepara o aluno pra que ele tenha a mesma condição de competir com os alunos das escolas da rede privada, porque essa preocupação é enorme. Se o aluno tá saindo realmente preparado pra competir lá fora de igual para igual com o outro aluno. Eu acredito que a escola tem tido essa preocupação e tem trabalhado pra que isso aconteça, entendeu? Pode até ser que alguns não consigam, né? Também o aluno ele não aprende por igual, todo mundo não aprende ao mesmo tempo, no mesmo ritmo, existe as dificuldades, dos que tenha algumas dificuldades, algumas limitações. Mas a gente tem essa preocupação e tem trabalhado pra que ele possa competir, entendeu? Tenha condição, nível de conhecimento onde ele possa competir com qualquer aluno da rede privada e da rede pública mesmo. Existe essa preocupação, a escola trabalha nessa linha, entendeu? Pra que ele possa mais tarde, quando sair, terminou o nono ano, ele tenha condição de, de cursar o ensino médio, de chegar a uma universidade, essa é a preocupação da escola. (MARIA)</p> <p>É assim, se o aluno, se essa concorrência ela, ela for relacionada a alunos de outras escolas públicas, a exemplo das escolas estaduais, o nível não é tão diferente não. Agora se essa comparação do nível do aluno sai do nono ano, um aluno da escola municipal, se ela for relacionada, por exemplo, a uma</p>	<p>ALUNOS APTOS AO MERCADO DE TRABALHO</p>	<p>DIMENSÃO ECONÔMICA</p>

<p>escola particular a diferença é enorme, certo? Vou citar só um exemplo que é a formação em língua espanhola, um aluno da escola particular ele tem acesso desde os anos iniciais e um aluno da escola municipal ele vai ter acesso a um, a esse idioma somente no ensino médio. Então assim, realmente é um conjunto de competências que a escola pública, seja ela municipal, ou seja, ela estadual, não prepara o aluno para ingressar no ensino médio concorrendo de igual para igual com alunos de outras instituições principalmente as particulares com o mesmo nível de igualdade para ingressar em uma universidade. Daí a gente tem percebido que a necessidade das cotas, né? Então as cotas todas tem se comportado como uma maneira que o governo tem visto para facilitar o acesso do aluno da escola pública a universidade, porque ele já percebeu que se for por conhecimento, demonstração de conhecimento o aluno da escola pública dificilmente vai ingressar... Em um curso superior. (ANTÔNIA)</p> <p>A maioria não, a maioria não [dos alunos não estão preparados para o mercado]. Como eu te falei, 98% naquela hora, né? Eu te contei, eu falei pra você que tem muita dificuldade, 2% apenas realmente sai dominando a leitura e a escrita. Não digo a metade, mas 20%, os 80% ainda precisa melhorar muito. Mas a gente também tem que ver assim, o mercado de trabalho tá muito exigente, né? As oportunidades elas surgem todos os dias, aí você pode me perguntar: você acha que o problema tá só na escola? Não. Também tá na vontade da pessoa, que a gente tenta estimular esses alunos de todas as formas, mas é um cabedal de problemas (risos) que se a gente for debater aqui esse cabedal, é família desestruturada, é são pais é... Que como eu falei pra você, estão presos, outros abandonam a família... Tem professores que estão desestimulados... Mas em contra partida, nós temos professores que são utópicos, com o pé no chão, mas são utópicos e tentam desenvolver o ensino com qualidade (ELISA)</p> <p>Tem um nível bom [os alunos], pra adquirir, pra vamos dizer, pra ir em frente como um bom aluno e um bom profissional também. (ESTELA)</p> <p>Os alunos da escola pública, eles não saem com a mesma sintonia que os alunos da escola particular. [...] Eu noto porque, como eu disse são os mesmos livros em duas escolas e o conteúdo eu consigo assimilar numa escola e em outra não, em determinadas turmas. Por exemplo, meu nono ano hoje, ele sai, pra competir com qualquer aluno de nono ano, mas o meu sétimo ano que eu tenho aqui, ele não sai para competir com qualquer sétimo ano de escola. Porque eles não tiveram uma base, eles não têm uma base, eles não têm um conhecimento que é necessário pra ter. Então, se não tem, não tem como progredir. Com uma maior facilidade como essa turma têm, eles tem a facilidade de aprender, então é mais fácil de competir no mercado de trabalho, esse nono ano ele tem capacidade de sair. Mas isso varia de turma pra turma, né? Hoje eu posso dizer que eles têm, mas eu não sei o meu nono ano do ano que vem né? Se eles vão ter a mesma capacidade. (PEDRO)</p>	<p>ALUNOS APTOS AO MERCADO DE TRABALHO</p>	<p>DIMENSÃO ECONÔMICA</p>
--	--	--------------------------------------

<p>A maioria sim, a maioria sai daqui preparado para competir com outros alunos. [...] A maioria que eu conheço estão bem, estão em outras escolas, continuando o estudo, entendeu? É como eu digo, vários avançam. Eles já saem daqui preparados pra outras escolas. Uma raridade que, uma minoria que muitas vezes não segue, entendeu? Mas uma minoria mesmo. (ANDREIA)</p> <p>Eu vou falar pelo que, de experiência que eu tenho no município, certo? Que eu nasci dentro da escola municipal, sou fruto de escola pública e eu acredito que ele [o aluno] tem a mesma condições [sic] de, de conquistar o mesmo espaço de quem vem da rede privada. Porque aqui a gente já teve experiências alunos da escola Escola 4, localizado no distrito de Santa Gertrudes já chegou aos primeiros lugares em vestibulares do IFPB. [...] Diante que a gente tá, do quadro funcional hoje que nós temos que eles [os alunos] estão sendo bem preparados. A prova disso, nós temos hoje três representações em João Pessoa. Três projetos dos nossos alunos defendendo hoje em João Pessoa, que é a Conferência Infante Juvenil, e são três nomes de peso, certo? De alunos do sétimo e nono ano [JOANA].</p>		
<p>[...] o que nos entristece é porque muitos estão estudando no turno da noite e já estão realmente no mercado de trabalho, o mais difícil é que eles estão no mercado de trabalho informal. Muitos também, muitas meninas principalmente, que já estão casadas, muitas que já engravidaram aos 15/16 anos. Então assim, aqui na comunidade é uma realidade bem... Bem tensa! Como se elas... Muitas aqui, muitos alunos aqui acreditassem que o ensino fundamental, o nono ano para eles representa o fim dos estudos, muitos ainda insistem, no ensino médio noturno e trabalham durante o dia, mas muitas, muitos alunos desistem, principalmente as meninas. Então assim, elas encontram o trabalho doméstico, é, é elas encontram... Na gravidez mesmo, na adolescência outras possibilidades da vida. É triste! (ANTÔNIA)</p> <p>Depois que eles tem saído, né? A maioria estão cursando o ensino médio entendeu? Nós já temos exemplo aqui de alunos, que foram alunos nossos e que hoje lecionam na escola, são professores da escola. É claro que numa minoria, né? Mas temos professores que foram nossos alunos e a maioria eles estão estudando, continuam estudando, entendeu? Isso é bom, né? Porque a gente sabe que uma minoria é claro, a gente encontra alunos que não, mas a maioria estão estudando, trabalhando, continuam estudando. (MARIA)</p> <p>Bem, como professora, a minha experiência com o ensino fundamental é bem curta, né? Eu não tenho assim, a longo prazo muitas informações, mas eu acredito que... A minoria realmente vai chegar à universidade, e dessa minoria menos ainda vão chegar a concluir o nível superior. Há uma falta de perspectiva muito grande de vida... Por parte deles, então... É, reproduzir o... A prática, a vivência familiar, do pai que já é pedreiro, da mãe</p>	<p>REALIDADE DOS ALUNOS DEPOIS QUE CONCLUEM O FUNDAMENTAL</p>	<p>DIMENSÃO ECONÔMICA</p>

<p>que é empregada doméstica, é como se fosse o máximo que eles almejassem. Então assim, é uma, uma realidade muito triste que eu conheci. Eles não têm muitas perspectivas... De, de uma, de estudo e nem de um, uma carreira profissional. (ANTÔNIA)</p> <p>Olha, de 100% eu acredito que 2% sim [estão preparados para o mercado], 98% não. A primeira coisa que, hoje de manhã eu até tava comentando com os professores, o meu sonho é que toda a escola tivesse salas temáticas, né? Tivesse uma sala de matemática, uma sala de português, com tudo. Todos os recursos necessários para que o professor desse sua aula e que o professor ficasse naquela sala, porque as salas temáticas são realizadas dessa forma. Os professores é que ficam aguardando os alunos, tem cinco aulas, hoje tem português, matemática, é, inglês, e eles, cada aula eles vão saindo e salas e entrando naquelas aulas, naquelas salas temáticas. É, eu acho assim, que o investimento na educação tá muito grande, mas precisa um “acorda menino, vamos acordar”, porque não adianta só recursos, nós os professores, nós como profissionais a gente também tem que, tem que estudar, tem que procurar, tem que também pesquisar, tem que ter o nosso interesse. Eu volto para o exemplo, tudo você tem que ter exemplo. Mas aqui mesmo, 98% não estão preparados para enfrentar o mercado de trabalho lá fora, infelizmente, falta espaço, falta estrutura. A gente tenta desenvolver projetos aqui é ah meu Deus, é um sofrimento, porque nós não temos espaço, temos salas muito apertadas, se a gente for colocar, são cinco turmas pela manhã, cinco turmas à tarde, se você for realizar um trabalho, pronto! Quando eu vou realizar palestras eu tenho que convidar dois, três palestrantes pra sair distribuindo nas salas. A gente queria na verdade trabalhar o conjunto todo na mesma hora, mas... Até faz o trabalho, mas separados, entendeu? (ELISA)</p> <p>[...] que eu saiba a maioria dos meus alunos quando eu encontro eles estão cursando o ensino médio, Graças à Deus. Estão estudando em outras escolas, porque essa escola não disponibiliza o ensino médio, né? Então eles estão em outras escolas estudando o ensino médio. (PEDRO)</p> <p>[...] a maioria vai pro IF [IFPB], a maioria dos alunos que terminam aqui vai pro IF. (PATRÍCIA)</p> <p>Ah, muitos alunos, a gente tem alunos aqui que já são médicos, advogados, não são muitos, mas temos, são engenheiros, e por outro lado também, temos outros que foram assassinados por causa das drogas, que a droga aqui é uma constante. Aqui é uma área de risco. Temos alunos que estão presos, temos alunos que estão procurando emprego, que estão desempregados, porque desistiram de estudar e desesperados atrás de uma vaga e muitas vezes não encontra mais devido a sua idade. Querem estudar pelo menos à tarde e não encontram vagas, não tão encontrando mais nem à noite. Mas a gente fica feliz quando encontra um aluno que já tá lá no topo como médicos, advogados, engenheiros, professores... A gente tem muitas alunas aqui que desejam ser professoras, isso é muito bom! Apesar, a gente tem consciência de que daqui há algum tempo, professor vai ser artigo de luxo (risos), viu? Porque ninguém mais quer ser professor, infelizmente. Mas nós temos muitos alunos que querem ser</p>	<p>REALIDADE DOS ALUNOS DEPOIS QUE CONCLUEM O FUNDAMENTAL</p>	<p>DIMENSÃO ECONÔMICA</p>
--	---	----------------------------------

<p>professores. (ELISA)</p> <p>Como eu já disse a você, que tem aluno hoje que já é nosso colega de trabalho. Eu encontro aluno, dentro de enfermagem, eu encontro aluno policia, já que, por exemplo, eu tenho aluno aqui que ele foi embora pra Brasília, voltou e hoje ele já é bem, um cargo bem elevado dentro da polícia. Isso ele me agradece muito, os conhecimento que ele ganhou aqui. Porque geralmente você sabe, em faculdade a gente não aprende nada, aprimora o que aprendeu. Porque eu acho isso, porque nada do que eu aprendi lá eu não já sabia. Apenas vamo [sic] dizer, uma espécie de uma revisão, pra saber se realmente você sabe. Porque se você geralmente sai do fundamental I, II, sabendo ler e escrever corretamente, tá preparada pra qualquer profissão que você pode assumir. (ESTELA)</p> <p>[...] aqui a gente já teve aluno que teve primeiro lugar no IF [IFPB], certo? Que é o caso do José Neto Leite, tem o caso de outro, José, José Wesley, teve o caso da aluna Joyce, da aluna Rebeca que foram alunos que se saíram assim, muitíssimo bem no, na prova do IF e até hoje eles estão lá concluindo. E, é, a gente tem, os alunos daqui, ele participa demais de, do, projetos, das coisas. E, aqueles que têm interesses, eles tem capacidade de saírem daqui como saiu... O ano passado saiu o aluno daqui pra estudar na escola GEO e até hoje tá, como na linguagem dele, mandando bem, né? Mandando bem. (MARTA)</p> <p>[...] geralmente a gente encontra alunos da gente bem sucedido na vida, alunos que estudaram aqui. Inclusive nós temos vários alunos que já são colegas de trabalho. (ESTELA)</p>		
<p>Não. Eu vou considerar que não [os alunos da escola não possuem acesso a aulas de informática]. Porque eles têm a sala aqui, mas não tem internet. Mas eles fazem no telecurso [aula de informática] (ANDREIA).</p> <p>Precisa de um projeto externo pra desenvolver projetos com os alunos. Inclusive eu já solicitei muito da UEPB, alunos de informática para trabalhar com eles [alunos da escola 2] (ELISA).</p> <p>Tem o ProInfo, né? Tem a sala do ProInfo. Todos não [alunos com acesso à aulas de informática], mas a maioria tem. Quando os professores levam para a sala e tem o Mais Educação que também usa (PATRÍCIA).</p>	<p>USO DE TECNOLOGIAS PARA A EDUCAÇÃO</p>	<p>DIMENSÃO ECONÔMICA</p>
<p>[...] as verbas que veio [sic]. [...] Aumentaram. [...] Mudou. Veio muito... Veio muito... Material, Datashow, tem um monte ali dentro da sala, também ganharam a sala de computação, né? Da informática. (ESTELA)</p> <p>Tem, tem aí esses projetos que, que a gente ganha, né? Na escola, eu acho que quando... Cada, cada vez que você é, ganha, se sai</p>		

<p>assim, sobressai muito bem num determinado projeto, eu acho que aí o Governo tem conhecimento, né? (MARTA)</p> <p>Não. Nenhuma melhora, nós não tivemos nenhum incentivo, não tivemos nenhuma forma de reconhecimento, em relação a termos atingido a melhor nota é... De escolas públicas municipais no município de patos, não tivemos qualquer reconhecimento. [...], nós ultrapassamos a meta e chegamos, a meta que era prevista pra 2011 e chegamos a meta de 2017, e a minha surpresa foi que, quando eu pensava que aí por conta disso a escola receberia equipamentos, ela passaria a receber verbas, carteiras inclusive, é... Eu tive a surpresa de que, por ter é, alcançado uma nota tão significativa, o contrário, a escola deixava de receber uma verba, que seria uma verba destinada a melhoria do ensino da escola. Então assim, realmente para mim foi bem contraditório, porque eu imaginava o inverso, que com o desempenho dos alunos e com o desempenho da escola representaria justamente uma melhoria nas condições, inclusive de trabalho, e o que não acontece. (ANTÔNIA)</p> <p>Não [houve aumento de verbas], assim com os resultados do IDEB? Não, porque os programas do Governo Federal quando eles mandam, eles mandam pelo número de habitantes, né? Aí a atividade socioeconômica do município é que tá fazendo isso. Agora vê a questão de conteúdo, de aprendizagem, é muito bom. A gente consegue né? Vê onde a gente tá falhando, pra ir no ponto da falha. E no financeiro, os recursos que eles investem mais no que a escola já recebe, investe mais na aprendizagem, formação dos professores e nas aulas de reforço (JOANA).</p> <p>[...] as escolas, a gente sabe que as escolas que tem um menor aproveitamento e que as escolas que são mais baixo recebe mais recursos pra trabalhar, entendeu? Pra melhorar o índice de aprendizagem. O que no nosso caso, não foi... Não, porque nós tivemos, atingimos e até ultrapassamos as metas, então... Assim, recursos é claro, a escola tem melhorado, a escola tem melhorado bastante, certo? Recursos pedagógicos, é, são, são enviados recursos pra se trabalhar a questão da aprendizagem, recursos pedagógicos... De certa forma a prova influenciou na melhoria, né? Dos recursos eu acredito, nem tanto porque as escolas que tem o índice bem mais abaixo da média são as que recebem mais recursos para trabalhar, entendeu? As escolas que estão com o nível de aprendizagem inferior, o Governo Federal investe mais pra que melhore a qualidade do ensino, no nosso caso nós já atingimos a meta, ultrapassamos as nossas metas, então de certa forma influenciou, não tanto entendeu? (MARIA)</p> <p>[...] geralmente ele [o Governo], vamos dizer, nem vinha assim, material, muita coisa pra eles e hoje a gente temos [...] o quê? Muito material, muito dinheiro o governo federal emprega nas escola [sic] [...], muito embora, que vamos dizer, porque tudo só se realiza se você quiser. (ESTELA)</p>	<p>VERBAS</p>	<p>DIMENSÃO ECONÔMICA</p>
<p>[...] eu acredito que a educação por mais que a gente, a gente diga que o professor não é avaliado como é pra ser, por mais que a</p>		

<p>gente sinta as dificuldades, mas o avanço foi bem maior. É muito diferente a escola de hoje com a escola que eu passei a 20, 30 anos atrás, é muito diferente. Muito, nem se compara, cada dia tá bem melhor. (PATRÍCIA)</p> <p>Eu vejo as coisas assim, tudo é exemplo. Não adianta eu chegar pra você e falar olha, você tem que ler muito, porque ler é prazeroso, ler lhe dá asas para voar, se eu não der exemplo. Então o ele professor tem que ter, tem que ser exemplo em sala, ele tem que mostrar para o aluno também que ele é um bom leitor, que ele é um estudioso, que ele procura as coisas, que ele procura decifrar o que tá diante dele. O aluno, ele tem que sentir nesse professor esse interesse, porque se ele não vê esse interesse não vai fluir, educação não flui, é, pelo menos é a minha visão, outras pessoas também podem ter outra visão, podem achar “ah, mas isso é utopia”. Eu não acho utópico, você só educa com exemplo. Teoria sozinha, ela não anda. (ELISA)</p> <p>Ele [IDEB] sempre tá cobrando, o que se deve fazer, em termos ações, dos projetos que a gente tem que fazer, então eu acho isso. (ESTELA)</p> <p>[...] a gente inclusive tem começado a trabalhar, nos quarto, terceiro, quarto e quinto ano pra quando chegar o dia [da Prova Brasil]. A gente não se prepara somente no ano de Prova Brasil não. Existe a preocupação ano após ano, entendeu? (MARIA)</p> <p>[O ensino em sala de aula] Continua do mesmo jeito. Eu pelo menos leciono do mesmo jeito, eu leciono como eu sempre lecionei. Então... Não vejo muitas mudanças por causa de Prova Brasil não. (PEDRO)</p> <p>O ensino ele tá sempre mudando, né? Você sabe que a Secretaria de Educação trabalha muito com capacitação de professores e a cada dia, sempre tá melhorando. [...] Porque tudo não é pra melhorar o ensino, né? O ensino público? Tem haver, né? O que tá acontecendo... [...] acontece esses aulões, os professores preparam o nono para que eles fiquem mais motivados... Tem bizurada, tem aulão e bizurada sempre tem aos sábados. (PATRÍCIA)</p> <p>[...] eu acredito que é uma avaliação não só para o aluno como pro professor [sic]. Porque se o aluno participa da Prova Brasil e tem e a escola tem um bom resultado, significa dizer que o professor tá bem, que o aluno tá bem, né? Se o aluno tá bem é porque o professor também está bem, os conteúdos estão sendo bem repassados. Eu acho que isso só leva assim, um incentivo maior a um desempenho melhor do professor na sala de aula, né? (PATRÍCIA)</p> <p>[O ensino em sala de aula] Continua do mesmo jeito. Eu pelo menos leciono do mesmo jeito, eu leciono como eu sempre lecionei. Então... Não vejo muitas mudanças por causa de Prova Brasil não. (PEDRO).</p>	<p>CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO</p>	<p>CONTRIBUIÇÃO DAS AVALIAÇÕES</p>
--	--	--

<p>Eu achei que despertou um interesse maior, sabe? Tanto do aluno, como também o professor, também ele... [...] não é no sentido de financeiro, eu digo assim, é no sentido de, daquela preparação daquele cuidado, às vezes preparar até o final do ano, tipo assim, reforço, né? Nas disciplinas, aquele interesse maior. Existe aquela preparação que o aluno sabe, tem conhecimento que vai ter, então vamos estudar mais na Prova Brasil, o IDEB lá e tal. É mais uma incentivação [sic]. (ESTELA)</p> <p>[...] na verdade, a, a Prova Brasil ela trabalha muito assim, a contextualização. E eu já trabalho isso, desde que eu entrei aqui, desde 2009 que eu já trabalho a contextualização. Eu não trabalho aquela mecânica, como certos professores. Tem professores por aí, ainda né? Porque eu acredito que deve haver, que usa só aquele tradicional, eu já trabalho há muitos anos, já, a contextualização que é justamente isso que... Acredito que é pedido na Prova Brasil. (MARTA)</p> <p>Olha, a gente desde 2011 que a gente, essa escola vem recebendo muitos concursados, pessoas de mente renovadas [sic], com ideias renovadas é, jovens assim como você. E quando vocês saem das cadeiras aí das universidades, vem com muita coisa boa que tentam colocar em prática, então assim, a gente tá sendo agraciado por receber esses jovens e os demais, não me desfazendo dos professores antigos, mas a gente tem professor aqui de 40, 43 anos que tá na profissão, já estão cansados, a gente tem que reconhecer isso, estão cansados. E essas mentes novas estão tentando fazer todas essas modificações, tão trazendo o novo para dentro da escola. [...] se eu for fazer uma comparação de 2010 pra o jeito que tá hoje, evoluiu muito, muito mesmo. Mas por quê? Porque essas mentes novas trouxeram ideias maravilhosas. (ELISA)</p>	<p>CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO</p>	<p>CONTRIBUIÇÃO DAS AVALIAÇÕES</p>
<p>Teve. Muitas mudanças, né? É, a preocupação com a aprendizagem aumentou, os conteúdos foram trabalhados com mais clareza, entendeu? Então na questão de aprendizagem nós adquirimos, é, nós melhoramos muito. Eu acredito que influência da Prova Brasil, né? Você é avaliado tanto, nem tanto por essa questão, mas ela deu uma oportunidade para que a gente trabalhasse melhor, entendeu? Pra que a gente enriquecesse mais o currículo da escola. Então ela influenciou de forma positiva na aprendizagem. (MARIA)</p> <p>Porque eu acho que eles [os alunos], assim, eu não sei se foi a parte dos professores que participam da capacitação que veio a melhorar, entendeu? Então eles melhoraram muito o desempenho deles, quando fala é Prova Brasil, eles gostam de participar das bizuradas, dos simulados, melhorou muito. (ANDREIA)</p> <p>Olha, nos alunos do quinto e de nono ano e segundo ano que só são avaliados os alunos desses anos, aí os restantes que a gente sabe que a grande maioria não participam, né? A não ser quando chegam no ano seguinte, mas pra esses alunos houve diferença, certo? Pros alunos de segundo, de quinto e de nono ano houve</p>	<p>RENDIMENTO DOS ALUNOS</p>	

<p>um melhor índice de aproveitamento, eles passaram a se preparar mais, a terem mais consciência. Entendeu? E que deveriam... Se preparar. Então nesse sentido houve uma melhora no rendimento sim. (MARIA)</p> <p>[...] eu acredito tem [sic], há um nível de interesse maior, agora assim, pena que como a avaliação só acontece é, a cada dois anos, então no ano em que o aluno não é avaliado o grande problema é esse, é que muitas vezes a escola não mantém aquela postura de avaliação... O professor não mantém uma sistematização do seu trabalho por quê? Ele não vai ser avaliado, né? Ficando geralmente toda essa preocupação para o ano seguinte. Quando é Prova Brasil ela vai apenas o quê? Fazer uma amostragem daquele ano, mas de competências que todos os alunos precisam sair atingindo. (ANTÔNIA)</p> <p>Acho que ela [Prova Brasil], é, uma forma, uma vamos dizer de... Do aluno se preocupar em querer ler. E mostrar aquilo que ele sabe através da leitura e da escrita que é o que aprova né? (ESTELA)</p>		
--	--	--

